Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 548
Setembro 1984
Sábado

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Confirma-se o "doping" na Volta

Marco Chagas expulso cede lugar a Venceslau

Pág. 14

"Apanhada" sem cobertura

D. Branca não poderá passar mais cheques

As averiguações relativas ao processo dos cheques sem cobertura, em curso no Banco de Portugal, vão ter como resultado que Maria Branca dos Santos, mais conhecida por Dona Branca, será inibida do uso de livro de cheques. A Inspecção de Créditos já terá, com efeito, apurado que Dona Branca passou, efectivamente, cheques sem cobertura que atingem dezenas de milhares de contos, e que muitos titulares, têm, obviamente sem êxito, tentado levantar em diversos balcões. Dona Branca, que passou um grande número de cheques diferindo as datas do respectivo vencimento, seria eventualmente desconhecedora de que, ao abrigo da Lei sobre letras, livranças e cheques, os seus detentores podem exigir, nos bancos, o seu pagamento, sem respeito pela data de vencimento indicada. Assim, grande número de detentores de tais cheques «assaltaram» nos últimos tempos a banca comercial, assustados pela suspeita de falência da «rede» de Dona Branca. A «banqueira do povo» já foi notificada, dispondo agora de um prazo até Setembro para fornecer ao Banco de Portugal uma «defesa» que este, no entanto, não deverá aceitar, visto estar na posse de cheques passados nessas condições, e que não tinham cobertura na altura da tentativa de levantamento.

Mais importante e de mais funestas consequências para os «depositantes» no banco paralelo da idosa senhora: a partir do instante em que Dona Branca fique inibida do uso de livro de cheques, todos os seus cheques ainda em circulação perderão o valor.

«Alô Mário»: foi deste modo que Samora Machel saudou Mário Soares quando este assomou à porta do avião

A três é melhor

•Soares quer envolver EUA na cooperação de Portugal com Moçambique

Pág. 5

Segredo da visita suscita controvérsia

Mitterrand propõe que esperemos pela Espanha para aderirmos à CEE

François Mitterrand propôs quinta-feira a Mário Soares que Portugal adie a sua adesão à CEE, esperando pelos espanhóis e aceitando uma entrada simultânea dos dois países ibéricos na Comunidade. A atitude francesa apoia-se, ao que parece, no facto de as negociações com a Espanha estarem a encaminhar-se para «um beco sem saída», e de a França não querer, apesar disso, «ferir as susceptibilidades de Madrid». Esta informação tem sido oficialmente desmentida, mas existem dados que permitem dar-lhe crédito. As autoridades espanholas, entretanto, manifestam «estranheza» pela proposta de Mitterrand, sublinhando que a possibilidade de Portugal assinar, em primeiro lugar, a sua adesão à CEE, prevista para 1 de Janeiro de 1986, não é prejudicial a Espanha. Ao mesmo tempo, de Maputo, o enviado especial do «DL', Daniel Reis, informa que Mário Soares também desmente a informação, veiculada pela ANOP e pelo «Le Monde'. Segundo o Primeiro-Ministro, o assunto dominante do seu encontro com o presidente francês foi a situação na África Austral.

Pág. 4

Clandestinos estão condenados

Lagoa de Albufeira vai ser "limpa" este ano

Pág. 20

De Janeiro a Junho

Importámos 541,7 e exportámos 348,9 milhões de contos

Pág. 12

Ainda não fora habitado

Prédio em acabamentos desabou em Matosinhos

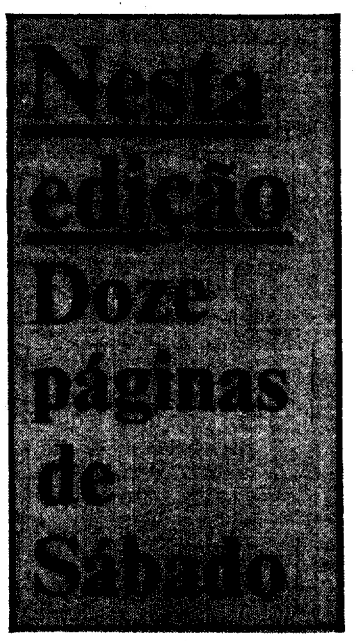
Um prédio novo, em fase de acabamentos, com dez andares, ruiu completamente esta madrugado, em Matosinhos. «Em menos de 15 minutos aquilo foi tudo para o chão» — declarou-nos um morador da área.

A queda do prédio verificou-se cerca das três horas da madrugada de hoje e até ao fim da manhã não tinha sido encontrada qualquer explicação para o facto. Um operário que trabalhava na obra afirmou-nos que só na preparação dos alicerces tinha sido gasto quase um ano. «Só se houve alguma coluna que cedeu» — comentou.

O edifício tinha dez andares no seu corpo central e duas partes de cada lado com quatro andares cada. O facto de se encontrar em fase de acabamento e, portanto, ainda não habitado, faz admitir que ninguém tenha sido atingido pelo desmoronamento. «A não ser que alguém tenha saltado o muro e ido para lá dormir, porque não havia guarda» — dir-nos-ia, por seu turno, um informador dos bombeiros de Leixões, cujo quartel fica mesmo ao lado, na Rua Brito Capelo.

Uma grua de grandes dimensões acabaria, entretanto, por desabar, por arrastamento, atingindo a parte posterior do edifício destruído e também um prédio contíguo, no qual provocou grandes danos.

Neste, prédio atingindo pela grua, só por mero acaso não houve vítimas. Foi o caso de ter sido muito danificado um quarto de dormir, no qual se não encontrava a respectiva locatária, que dormiu fora.



Volta a Portugal

"DL" presente com o patrocínio

sagrup, lda.
GRUPOS AUTO CRÉDITO

sagrup, lda.

O único consórcio de marca em Portugal

Se os jovens pudessem...

DUARTE PACHECO, 18 ANOS, ESTUDANTE

PS não cumpre, PSD anda a reboque

– O que estuda?– Estou a candidatar-me para gestão ou economia. Preferia economia.

– Porque se candidata aos dois cursos?

–Tenho média para entrar nos dois. Embora goste mais de economia vou tentar ir para gestão porque é mais fácil arranjar emprego.

– Pensa que vai ser fácil arranjar emprego com o curso de gestão?

– Para quem tem amigos é fácil.

– E você tem amigos?

– Talvez.

– Como vê a política de ensino deste Governo?

– É demagógica. Das 100 medidas nem dez por cento foram cumpridas pelo PS, nem hão-de ser. E o PSD anda a reboque pelo PS e não faz o que prometeu.

– O que se poderia fazer?

– Tinha que haver uma grande mudança. Haver mais prática. Nós não sabemos fazer nada quando saimos do curso.

– Como vai este país?

– Mal. Mas o poder podia ser pior

– O que é o poder?

– É a capacidade e competência de exercer algo que geralmente não é exercido. É ter meios ao seu dispor para impor determinadas ideias.

– E gosta do Poder?

– Realmente... Todos nós gostamos um pouco do poder. Todos nós alguma vez sonhámos ter meios ao nosso dispor para fazer o que gostamos. Claro que isto é utopia.

– Qual o seu ideal de sociedade?

– Essencialmente muito mais humana, onde as pessoas não fossem tão mecanizadas. No caso de emprego, que fizessem aquilo que gostassem e não aquilo a que são obrigadas.

– É um idealista?

– Acho que não.

– Costuma estar informado do que se passa à sua volta?

– O máximo que posso.

– Como vê as prisões das pessoas suspeitas de pertencerem às «FP-25»?

— Há pessoas que realizaram atentados. Se existem possibilidades de essas pessoas pertenceram a essa organização terrorista, devem ser incriminadas. Foram vidas tiradas e danos materiais causados. Alguém tem que os pagar.

— Mesmo que não haja provas. O que pensa acerca do caso do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho?

– Geralmente o que transpira cá para fora, é muito diferente do que a polícia sabe. Se ele está preso há dois meses, alguma coisa deve haver. São capazes de ter a certeza de que ele pertence às «FP-25».

tem a palavra o leitor

Carta de férias ao ministro da Justiça

Quando quaisquer organizações ou serviços não funcionam devidamente, está posta em causa, em primeira linha, a competência de quem os dirige.

Os serviços de justiça, em Portugal, pode dizer-se que, generalizadamente, estão numa situação de verdadeiro caos, quer quanto à morosidade da aplicação da justiça, quer quanto à complexidade no acesso a essa mesma justiça e a sua credibilidade.

Poderia ser-se tentado a dizer que estava posta em causa a competência pessoal de quem dirige superiormente os serviços judiciais, ou seja, de Vossa Excelência.

Mas nós não pomos em causa a competência de Vossa Excelência.

Vossa Excelência tem demonstrado que pretende actuar no sentido de melhoramento nos aspectos atrás apontados.

Mas Vossa Excelência tem muito particularmente a seu favor o benefício da dúvida que lhe conferimos, por virtude do pouco tempo de governo ainda decorrido com a sua responsabilidade sobre o Ministério da Justiça. E também não estamos neste momento para apontar o dedo seja a quem for.

Quando se anunciou a remodelação ministerial que não chegou a efectivar-se, dissemos para com os nossos botões que mais um Ministro da Justiça se iria eximir a juízos desvalorativos da sua competência, por deixar os serviços judiciais na situação acima apontada.

Mas o certo é que a remodelação não se efectuou e Vossa Excelência continua a ser o responsável máximo pela pronta e boa execução da justiça neste país.

Corre agora Vossa Excelência o risco de perder esse benefício do crédito que legitimo foi ser-lhe conferido, se se prolongar a sua permanência à frente do Ministério, continuando tudo rigorosamente na mesma.

Não será imodéstia lembrar que algumas alterações legislativas que simplificassem o processado nos mais diversos ramos, que apelasse para as mais modernas técnicas no sentido da boa gestão dos serviços e que promovesse a rápida melhoria da instalação dos mesmos operaria verdadeiros milagres.

A par disso Vossa Excelência veria como funcionam as inspecções e se seria ou não de interesse criar inspecções das inspecções.

E como último alvitre Vossa Excelência não deixará de aceitar a ideia de que é mais útil mandar para casa, ainda que recebendo o seu vencimento, qualquer funcionário ou magistrado que não trabalhe, do que mantê-lo no seu lugar, ocupando espaço físico, baralhando, dando mau exemplo e evitando que outro mais expedito venha executar o trabalho que o improdutivo não cumpre nem deixa fazer.

Também nos permitiríamos recordar que bom seria que das comissões, «altas comissões», de reformas, de estudos, de análise e pareceres, fizessem parte pessoas bem ligadas à prática forense, desde escrivães, advogados, a magistrados. Se, ao contrário disto, essas comissões continuarem apenas a ser integradas por «grandes cabeças» poderemos ter uma superestrutura jurídica, de vanguarda, mas que não funciona devidamente e a prática tem infelizmente corroborado esta nossa ideia. Desde logo essas «altas comissões» dificilmente funcionam.

Desculpe o Senhor Ministro incomodá-lo em férias, se é que as goza, mas como prolongo o meu serviço por mais um curto período de tempo, não quis deixar de redigir esta carta cujos pontos apontados eu concretizarei se necessário for.

Creia Senhor Ministro que lastimaria profundamente que a permanência das coisas e de Vossa Excelência no cargo pudessem pôr em causa, aos olhos do público, a competência que lhe queremos reconhecer.

Vossa Excelência não pode sair deste Governo com o apodo de Ministro incompetente. Vossa Excelência vai mesmo fazer.

José Lopes Ribeiro

Advogado Viseu

ao telefone com

Orlando de Almeida (Pres. Câmara Amadora)

"Ministério não abre Centro de Saúde pronto há mais de dois anos..."

Na Amadora, cidade de 180.000 habitantes à porta de Lisboa, há um Centro de Saúde à espera de ser inaugurado... há dois anos.

Ao telefone com Orlando de Almeida, presidente da Câmara Municipal da Amadora, abordámos esta questão. O Centro de Saúde não é inaugurado porquê?

«Bom, isso gostaríamos nós de saber...»

Mas sabe pelo menos o que se passa, creio...

«Sei que o Centro de Saúde está construído de acordo com um projecto elaborado pela Câmara Municipal da Amadora, segundo as indicações do Ministério da Saúde. Aliás, os técnicos do Ministério até exigiram alterações enquanto o edifício ia sendo construído»

Se bem entendo, Câmara e Ministério trabalharam em conjunto na construção do edifício. Certo?

«Certo.»

Mas pelos vistos essa colaboração acabou...

O que lhe posso dizer é que em Junho de 82 as obras foram concluídas e pusemos o edifício à disposição do Ministério para que o Centro, que tanta falta faz à Amadora, fosse rapidamente instalado...»

E desde essa data, há mais de dois anos, portanto...

«... Desde essa data que tudo está, digamos, ao abandono. Tudo vago».

Mas não têm mantido contactos com o Ministério desde Junho de 82?

«Se temos... Nós bem insistimos para marcarem uma data para a abertura do Centro e para formalizarmos a cedência do património. No entanto, apesar das nossas tentativas, dos telegramas que enviámos para todos os lados, o silêncio tem-se mantido. Só no dia 24 de Abril deste ano recebemos um ofício marcando uma reunião para os primeiros dias de Junho».

Reunião para quê?

«A ordem de trabalhos tinha dois pontos: abertura do Centro e condições de cedência...»

E então? Que se passou?

«Expusemos os nossos pontos de vista e insistimos na nossa disposição de aceitar uma de três hipóteses: alugar as instalações ao Ministério, vendê-las ou fazer uma permuta de patrimónios, uma vez que na Amadora há terrenos e instalações que a Câmara necessita e o Governo quer vender. Poderia assim chegar-se a um acerto de contas. E repare que tudo isto era sem prejuízo de imediato do centro, questão fundamental para nós».

Chegaram a algum acordo?

«Até agora não recebemos nenhuma resposta. Só o silêncio».

Falou em acerto de contas. Quanto custou à Câmara a construção do edifício?

«Cerca de 100.000 contos. E não falo dos juros que temos que suportar. Como vê, uma verba enorme, que só com muito sacrifício arranjámos. E o edifício há dois anos que está sem utilização...»

Deixando a questão do Centro de Saúde: o que é que se passa com a tão falada construção de um hospital na Amadora para descongestionar os hospitais de Lisboa?

«Desde 1980 que temos vindo a indicar ao Ministério da Saúde terrenos para a instalação de um hospital que sirva as populações da Amadora e de zonas limítrofes...»

E tem havido algum desenvolvimento?

«Em Agosto de 82 fomos convocados, juntamente com outras quatro Câmaras vizinhas, para uma reunião no Ministério. Aí fomos informados que os responsáveis do sector tinham decidido construir dois hospitais em Lisboa — um, a que chamavam Oriental, iria ser construído na zona de Chelas, para servir a região de Loures; outro, que apelidavam de Ocidental, iria ser erguido no Restelo para servir Amadora, Queluz a Cacém».

E vocês que disseram?

«Manifestámos a nossa estranheza e desacordo perante tal solução. Mais uma vez, a macrocefalia de Lisboa... Um disparate. Entretanto o problema foi retomado em fins de 83 e foi-nos solicitado que indicássemos um terreno para construção de um hospital na Amadora. Lá o fizemos de novo, mas até agora nada mais soubemos. O terreno proposto situa-se nas traseiras da Academia Militar, tem uma área de 28.000 hectares, pertence ao Estado, é uma zona verde não poluída, fica no limite com o concelho de Sintra e muito próxima dos eixos viários da estrada Lisboa-Sintra. Uma boa solução, pois.»

Quer dizer: nem Centro de Saúde, nem hospital. É isso?

«São duas coisas bem diferentes e bem necessárias. Quanto ao Centro, não entendo porque razão não abre. Está tudo pronto e já foram gastas verbas consideráveis. Quanto ao hospital, é uma necessidade evidente. Se dependesse da Câmara...»

Ribeiro Cardoso

Na República de São Tomé

Colóquio sobre a obra de Francisco José Tenreiro

Na terceira semana de Setembro vai realizar-se em S. Tomé um colóquio sobre a obra do poeta, geógrafo e antropólogo, Francisco José Tenreiro, natural de S. Tomé (1921). O colóquio dedicado ao estudo da obra de Francisco José Tenreiro terá a participação de intelectuais são-tomenses, portugueses e, possivelmente, de representantes dos outros países africanos de «expressão oficial portuguesa» e do Brasil.

A inventiva deste género de colóquios partiu do ministro dos Negócios Estrangeiros e a ideia da obra de Francisco José Tenreiro como tema de um deles do embaixador José Fernandes Fafe.

A parte portuguesa convidou para estarem presente no Colóquio a viúva de Francisco José Tenreiro, a prof.ª Raquel Soeiro de Brito, cuja intervenção incidirá sobre os trabalhos geográficos de Tenreiro, e os departamentos de estudos da literatura africana das Universidades Clássicas de Lisboa, da Universidade Católica e da Universidade do Porto, que indicaram Manuel Ferreira, cuja comunicação se intitula **Francisco José Tenreiro e a negritude de expressão portuguesa,** o prof. Mário Lage **(Francisco José Tenreiro: sociólogo e antropólogo)** e o prof. Salvado Trigo **(Um poeta da africanitude).**

E o professor Lindley Cintra apresentará em S. Tomé, provavelmente com Celso Cunha, a **Nova Gramática do Português Contemporâneo,** e apresentará no Colóquio uma comunicação sobre a linguagem nas obras do autor da **Ilha do Nome Santo.**

Não se desloca a S. Tomé, por impossibilidade pessoal, a prof.ª Maria de Lurdes Belchior, que dedicou já vários trabalhos à poesia de Francisco José Tenreiro.

Um passeante na Paris insurrecta

Jean-Paul Sartre

5. — Esperanças e angústias da insurreição

Combat, sexta-feira, 1 de Setembro de 1984

AS jornadas de terça e quarta-feira ofereceram imagens de mudança: esperança, camaradagem, inquietação. Perto do Teatro-Francês, onde fui chamado com frequência, estenderam-se grandes espaços de calma, como o Palácio Real e a parte leste da Rua de Rivoli, e grandes espaços mortais, como o Carroussel, onde um grupo de comediantesa se batia ao lado dos FFI, abrigados por detrás de montes de areia, contra um inimigo invisível e longínquo, que se dissimulava nos arbustos do jardim. Por todo o lado os alemães eram contidos, empurrados para detrás dos seus arames- -farpados e das suas barragens de trânsito. Apenas alguns dos seus tanques circulavam através da cidade, disparando ao acaso e fazendo o vazio à sua volta.

No entanto a angústia crescia: as munições arrancadas aos alemães na véspera e antevéspera esgotavam-se. Era difícil arrancar-lhes mais, porque eles já quase não se aventuravam nas ruas. Dos postos dos FFI vinham as notícias mais inquietantes: grupos de inimigos estariam a infiltrar-se um pouco por toda a parte. Não iriam eles tentar reconquistar a cidade? Eles tinham reagido violentamente ao surgimento dos primeiros jornais, fuzilando até alguns ardinas. Iriam tentar tomar de assalto o edifício do **Paris-Soir**? E no **Paris-Soir** ainda haveria algumas armas, mas outros jornais estavam totalmente desarmados: os jornalistas seriam apanhados lá dentro como ratos.

As barricadas que invadiram a cidade tinham, decerto, um objectivo ofensivo: tratava-se de travar o passo aos carros alemães que ameaçavam voltar, em desordem, da Frente. Mas, em primeiro lugar, elas constituíam uma defesa. Uma defesa bem frágil, contra um inimigo ainda temível. «Já não temos munições senão para mais três horas!» «Ainda há divisões alemãs suficientes, em volta da cidade, para a reconquistarem em quatro horas!» As ruas tinham mudado de fisionomia. Todas aquelas árvores abatidas, todas as folhas verdes que atravancavam as calçadas ainda roubavam mais espaço à vida de bairro. Dir-se-iam mil pequenos clubes populares a céu aberto. Bandeiras nas janelas, e aquela multidão nas ruas, faziam lembrar os antigos 14 de Julho.

Os rostos estavam tensos, decididos mas sombrios. Uma catástrofe final não estava excluída. Vi os dois jovens oficiais que partiram à procura dos exércitos aliados para pedir aos seus chefes que apressassem a entrada na cidade. Essa entrada só estava prevista para sábado ou domingo. Conseguiríamos nós aguentar até lá? Durante o dia de quarta-feira, em cada hora correu que os americanos já estavam em Versalhes, e de cada vez um desmentido veio dissipar a nossa alegria: alguém telefonava para Versalhes, eles não estavam lá.

De repente, quarta-feira, a rádio inglesa anunciou que Paris tinha sido libertada. Eu e um amigo ouvíamo-la deitados no chão, em casa, porque um tiroteio intenso acabava exactamente de estoirar em torno do edifício, e por isso não pudemos impedir-nos de achar esse anúncio feito aos parisienses bastante surpreendente e um pouco inoportuno. Paris tinha sido libertada MAS não era possível sair do prédio; MAS, a Rua do Sena, onde eu vivia, estava completamente intransitável; MAS, um tanque alemão, imóvel sobre a ponte das Tulherias apontava o seu canhão para a margem esquerda. Pouco depois, no entanto, reflectimos: se anunciavam que Paris tinha sido libertada, era porque o comando aliado já decidira entrar na cidade. Amanhã, estariam aqui.

É essa extraordinária jornada de quinta-feira que quero contar. Ela começou, para toda a gente, na esperança, e na certeza de que os aliados iam entrar em Paris nesse mesmo dia. Até já se começava a crer que os víamos nas ruas.

Contarei aqui, com humildade, como essa esperança enorme nos fez falhar, a Armand Salacrou (também escritor, N.Tr.) e a mim, a prisão de um espião da Gestapo. Tínhamos ido ver um amigo que estava alojado no hotel Beaujolais, um sossegado refúgio sob as arcadas do Palácio Real, cuja janelas se abrem para os jardins. Aproximávamo-nos da recepção quando um grande homem vermelhusco, vestido com um fato de «tweed» castanho, cabeça nua e um embrulho debaixo do braço, abordou Salacrou, eu também». Mostravanos o reverso da lapela do casaco com uma série de condecorações francesas. Salacrou, apressado, respondeu-lhe brevemente, e dirigimo-nos ao dono do hotel para sabermos notícias do nosso amigo.

Dois escritores deixam escapar um espião

Entretanto, o homem das condecorações tinha ido sentar-se num divã, junto à porta de entrada, e tinha-se recostado nas almofadas, esgotado. O patrão disse-nos, em voz baixa: «É um pára-quedista canadiano.» Um canadiano! O primeiro canadiano! Corremos para ele, e Salacrou deu-lhe as boas-vindas em inglês! ele respondeu em inglês, depois em francês. Nós apertámo-lo com perguntas: donde vinha? Que fazia aqui? quando chegariam os aliados? Ele respondeu de bons modos: «Vim de carro, precedo o general Leclerc que chegará à Câmara às quatro horas. Tenho mais amigos na cidade.» Puxou as calças e mostrou-nos os tornozelos queimados, cobertos de manchas acastanhadas: «Saint-Lô!», disse. Ria pesadamente, de cansaço e de embriaguez. Perguntei-lhe: «De certeza que eles chegam às quatro horas?» O seu rosto endureceu e os seus olhos brilharam de um modo que nada me disse na altura mas que recordo desde então. «De certeza, disse ele. E eu daria tudo no mundo para não falhar a entrada deles.» Depois deu pancadinhas no embrulho de roupa envolvido numa tela preta, que pousara diante de si, e acrescentou: «Pára-quedas...»

Acreditámo-lo. Absorvidos por diversas ocupações, deixámo-lo ali, e mais tarde encontrámos um grupo de amigos anunciando-lhes orgulhosamente que tínhamos visto o primeiro canadiano. Julgo até ter chegado a telefonar a notícia a algumas pessoas. Mas uma encantadora actriz, de cujo trabalho durante a guerra se falará um dia, depois de nos ter ouvido com um sorriso bem educado, telefonou nas nossas costas a um capitão da 2.ª Divisão: «Há um alemão à paisana no hotel Beaujolais. Venham depressa.»

Quando a actriz e o capitão se apresentaram no hotel Beaujolais, o falso canadiano já tinha desaparecido. A boa-fé do patrão não suscitava dúvidas: ele tinha pecado, como nós, por precipitação. Tinha vontade demais de acreditar no milagre. A única vingança que dele se tirou foi a decisão de mandar o seu filho trabalhar durante algumas horas para as barricadas. Mais tarde, quando os alemães disparavam contra a multidão, lembrei-me do falso canadiano e do brilho gelado dos seus olhos quando disse quase ameaçador, com uma voz bizarra: «E daria tudo no mundo para não falhar a entrada deles.»

Segunda-feira:
A libertação à nossa porta

Destruição de placas alemãs indicativas de direcções à saída de Paris

Os primeiros jornais livres só puderam sair depois da entrada da divisão Leclerc na cidade

As FFI assinalaram as perdas lá onde elas ocorreram

A greve dos CTT

Sindicatos desmentem administração

Enquanto as estruturas sindicais afirmam que as adesões à greve dos CTT aumentaram ontem, em relação aos 70 por cento anunciados na quinta-feira, a administração anuncia precisamente o contrário, dizendo que «houve uma ligeira descida» em comparação com os sete por cento verificados no primeiro dia».

Mas a Federação das Comunicações e Telecomunicações desmente categoricamente os dados fornecidos pela administração e denuncia as atitudes ilegais desta que «substituiu trabalhadores em greve por outros de locais de trabalho diferentes».

A federação considerou «um verdadeiro escândalo» o que diz ter-se passado em alguns departamentos postais, nomeadamente em Bragança, onde os trabalhadores em cargos de chefia foram «ameaçados com a imediata rescisão do cargo, caso não se comprometessem a abrir ao público as estações de correio que chefiam».

Para a UGT, em sintonia com a administração dos CTT, «a greve foi rejeitada pela maioria dos trabalhadores», referindo que houve apenas uma adesão de 10 por cento.

Para esta organização sindical, a greve não se justificava porque os acordos obtidos «são das melhores reviões salariais que se conseguiram em 1984».

De referir que a paralisação nos CTT havia sido decidida como forma de protesto contra o «prémio de assiduidade» de 50$00 diários, pretendendo os trabalhadores que ssa verba seja transformada em aumento salarial.

Mitterrand propõe adiamento da adesão portuguesa à CEE

O presidente francês François Mitterrand propôs a Mário Soares, durante a sua visita «particular» a Portugal, que a adesão de Portugal à CEE seja adiada, e que os dois países ibéricos adiram simultaneamente ao Mercado Comum, «para não ferir a susceptibilidade dos espanhóis» — revelaram à ANOP e ao «Le Monde» fontes da Presidência francesa, ontem, em Paris.

Mitterrand terá proposto ao Primeiro-Ministro português o adiamento, mesmo que, no final de Setembro como previsto, fosse necessário assinar o termo oficial das negociações com um acto solene: Esta informação é fornecida pelo jornalista do «Le Monde» Jacques Amalric, nos dois últimos parágrafos da sua crónica sobre a visita de Mitterrand a Marrocos.

Na sua edição ontem à tarde posta à venda em Paris, o «Le Monde» diz que o tema dominante das conversações entre Mário Soares, Mitterrand e o ministro francês dos Assuntos Europeus, Roland Dumas, na quinta-feira à noite, foi a CEE, Jacques Amalric considera igualmente, na sua crónica, «improvável» que as negociações entre Portugal e as Comunidades estejam concluídas até 30 de Setembro.

Segundo a ANOP a atitude francesa deve-se ao facto de as negociações sobre a adesão espanhola se estarem a encaminhar para um beco sem saída. A mesma agência indica no entanto que toda esta matéria foi descrita como «fantasiosa» pela Embaiada francesa em Lisboa. Contactado a este respeito já depois da partida de Mário Soares para Moçambique, o vice-primeiro-ministro Mota Pinto, que ontem almoçou com Mitterrand em Palmela, disse que «não tinha conhecimento oficial» da proposta do presidente francês. «Oficialmente», Mitterrand mostoru-se «muito empenhado» na adesão portuguesa à CEE, e conversou com Mota Pinto sobre a emigração, a cooperação, a indústria de defesa e a situação internacional.

Estranheza em Madrid

Ainda ontem, as autoridades espanholas mostraram «estranheza» e «surpresa» perante o noticiário relativo à proposta de Mitterrand a Mário Soares. Segundo fontes diplomáticas, citadas pela Rádio Nacional de Espanha, a informação «não tem credibilidade», e «para a Espanha não é prejudicial que Portugal assine primeiro o tratado de adesão». O secretário de Estado espanhol para as Relações com a Comunidade, Manuel Marin, está já em Bruxelas para preparar a reunião sobre as negociações relativas à adesão espanhola, que se inicia segunda-feira na capital belga.

Entretanto, meios próximos da missão portuguesa junto da CEE, em Bruxelas, mostravam-se ontem «bastante desanimados» com a «nula» capacidade de resposta dos negociadores europeus, relativamente às propostas de Portugal. Entre os «dossiers» que constituem o terceiro «pacote», cuja discussão se inicia igualmente na segunda-feira, contam-se os dos assuntos sociais, união aduaneira, relações externas, e, eventualmente, o das instituições. Segundo a missão, fica contudo pendente o «dossier» considerado «fulcral» sobre as relações entre os dois países ibéricos, durante o chamado «período de transição».

António Marta em Bruxelas

"Divergências com a CEE sim, mas cedências de Portugal não"

«Ainda existem divergências nas negociações com a CEE, mas a posição portuguesa é de não cedência» — disse à NP o presidente da Comissão para a Integração Europeia, António Marta, que ontem partiu para Bruxelas para preparar a reunião ministerial de segunda-feira próxima.

Salientou António Marta que os «dossiers» com maiores dificuldades são os da Agricultura, Pescas e Assuntos Sociais.

«Deliminar as divergências e negociá-las politicamente» será a principal tarefa dos negociadores portugueses durante os próximos encontros com os responsáveis comunitários, acrescentou ainda António Marta.

Quanto ao «dossier» das Pescas, as comunidades não chegaram a um consenso, não sendo, por isso, apresentada qualquer declaração. A esse propósito, António Marta salientou que a CEE quer tratar o assunto em paralelo com as negociações com Espanha.

Posição portuguesa

A posição portuguesa é clara, disse o presidente para a Integração Europeia, salientando que Portugal pediu um período transitório de dez anos, em que cada uma das partes — Lisboa e Madrid — exercia a sua actividade de pesca na sua zona económica exclusiva.

Os dois países candidatos à adesão estabeleceriam entre si as condições de acesso às cargas territoriais.

Do «dossier» agrícola serão abordados aspectos horizontais, nomeadamente preços e ajudas.

Relativamente aos aspectos sectoriais da negociação, António Marta salientou que só a questão do açúcar poderá ser abordada.

Quanto aos cereais, a Comunidade está receptiva à proposta portuguesa, segundo a qual os «prelevements» ficariam em Portugal durante os primeiros cinco anos.

A aplicação do princípio da preferência comunitária «custa dinheiro em divisas ao País, devendo ser encarado em paralelo como fluxos financeiros», disse António Marta.

Maioria qualificada de votos

A reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dez países membros da CEE, segunda-feira de manhã, para tratar da questão do alargamento, deverá elaborar propostas sobre a maioria qualificada dos votos.

A CEE deverá apresentar uma resposta ao pedido português de manter contingentados os produtos importados do Japão.

As dificuldades do «dossier» dos Assuntos Sociais continuam a residir na livre circulação de trabalhadores e prestações familiares.

Quanto ao primeiro aspecto, António Marta salientou que Portugal continua a considerar inaceitável a posição do Luxemburgo que exige um período transitório de dez anos.

No que se refere às prestações familiares, ainda não há acordo, pois Portugal pretende a aplicvação do princípio de «acquis» comunitário à data da adesão.

Quanto à questão das patentes, António Marta afirmou que a CEE deverá apresentar uma proposta e Portugal responderá em meados de Setembro.

Redução de taxas do IVA

O pedido português para redução das taxas do IVA (Imposto de Valor Acrescentado) na Madeira e nos Açores ainda não obteve qualquer resposta comunitária, mas sabe-se que está a levantar algumas dificuldades devido à aplicação do IVA na Córsega.

António Marta salientou que Portugal poderá obter uma resposta das Comunidades quanto ao pedido feito para a comparticipação no financiamento de projectos do Fundo Social Europeu ir até aos 75 por cento.

Até ao momento ainda não há resposta sobre este pedido, mas alguns Estados membros, como a Itália e a Irlanda, estão a apresentar dificuldades, pois as comparticipações do FSE costumam ir até aos 50 por cento.

Portugal pediu ainda para ser considerado uma zona desfavorecida para desta forma poder beneficiar dos financiamentos do FSE, dos quais 40 por cento se destinam a estas zonas. António Marta salientou ainda que não havia qualquer posição política do comunicado sobre este assunto.

Movifler

PROLONGA POR MAIS UNS DIAS
A SENSACIONAL CAMPANHA DE NATAL
A MAIOR VARIEDADE EM MOBÍLIAS E MAPLES DE LUXO
VENDEMOS MAIS BARATO. SOMOS FABRICANTES

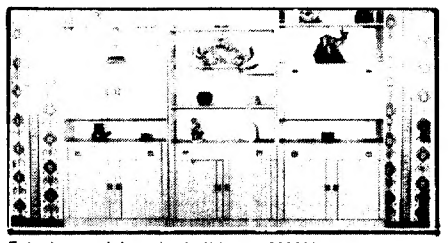
OPORTUNIDADE ÚNICA
ÚLTIMOS DIAS

Estante canto, c/ bar 39 000$00

Quarto pessoa, cor pinho, c/ embutidos 14 900$00

Quarto casal, cor pinho, c/ embutidos 14 900$00

Mesa cromada, redonda, vidro cor 6800$00
Mesa cromada oval ou rectangular, vidro cor 7800$00
Cadeiras cromadas veludo, vidro cor 1 850$00


Estante cor pinho, c/embutidos 14 900$00

Movifler

FÁBRICA PORTO — Salões de venda:
LARGO DA GRAÇA, 28 — 1100 LISBOA — TEL.: 86 19 65/87 40 07/87 33 60
RUA DO ALGARVE, 4, 4-A — 2840 CRUZ DE PAU — TEL.: 221178
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 145-F — (antiga Calçada do Monte) — 2000 SANTARÉM — TEL.: 24276
RUA PROFESSOR JOÃO PRATAS, 1-B (Esquina com a Rua da Recosta) — BARREIRO — TEL.: 207 76 47
HORÁRIO: Aberto todos os dias até às 21 horas inclusive sábados e feriados

"Pacote de defesa" vai subir ao Conselho de Ministros

Um «pacote» legislativo sobre questões de defesa, que inclui um diploma relativo à orgânica do Ministério da Defesa Nacional, será analisado em breve pelo Conselho de Ministros.

Aléem da orgânica do Ministério da Defesa, os outros diplomas prontos dizem respeito à Direcção Nacional de Armamento (criada enquanto serviço e como tal) ao Instituto de Defesa Nacional (sem altérações significativas), à Autoridade Nacional de Segurança/NATO (que respeita à própria regulamentação daquela Aliança) e aos estabelecimentos fabris das Forças Armadas (regulamentação que não existia).

A «mais polémica entre os militares», segundo uma fonte militar, é a que respeita à organização do próprio Ministério e que resulta do artigo 36, número um da Lei de Defesa Nacional (29/82, de 11 de Dezembro, criada no período de Freitas do Amaral).

Não menos controversas poderão vior a ser as propostas de lei sobre Código de justiça Militar, Regulamento de Disciplina Militar e competência e organização dos tribunais militares, que constituem matéria susceptível de autorização legislativa.

A outra proposta de lei, em redacção de versão final, diz respeito ao regime da mobilização e da requisição, previsto pela Lei de Defesa.

Os projectos de decreto-lkei que exisatem são o regulamento de continência e honras militares e legislação referente a oficiais, sargentos e praças, ambos dependentes da aprovação parlamentar do estatuto da condição militar.

O Ministério da Defesa Nacional prevê que os cinco diplomas da sua competência (decreto-lei), as quatro propostas e os dois projectos de diploma estejam a vigorar nos próximos seis meses.

O chamado «pacote de defesa» ficará assim completo se, a estes, acrescentarmos os cinco diplomas já aprovados pelo Governo e remetidos à Assembleia da República, sobre o conceito estratégico de Defesa Nacional (grandes opções), o estatuto do objector de consciência, a lei do serviço militar, o estatuto da condição militar e o regime das leis de programação militar, para os quais provavelmente será pedida urgência ao Parlamento».

Negociações do Maputo já começaram

Soares pretende envolver os EUA na cooperação com Moçambique

MAPUTO, 1 (Por Daniel Reis, enviado especial) — Mais do que propor o lançamento de novas linhas de crédito ou admitir, sem discussão cerrada, as pretensões moçambicanas para o congelamento da dívida até 1991, Mário Soares está a defender junto do presidente Samora Machel o envolvimento dos Estados Unidos na cooperação trilateral com Moçambique.

Soares encontra-se, desde ontem, ao princípio da tarde, na capital da República Popular de Moçambique, acompanhado de uma nutrida comitiva de 70 pessoas em que avulta o ministro Jaime Gama, dos Negócios Estrangeiros. Foi recebido com a simpatia dos dirigentes moçambicanos e a efusividade do presidente Samora Machel enquanto um grupo organizado de mulheres do povo cantava e bailava no aeroporto e crianças das escolas agitavam bandeirinhas da Frelimo e da República Popular de Moçambique.

A primeira sessão de negociações principiaria duas horas e meia depois (Soares chegou ao Aeroporto de Mavalane às 14 e 20 locais, uma hora a menos em Lisboa) e logo se viu o rumo que as discussões iam tomar, pois há de parte a parte a expressa e reafirmada vontade de colaborar — Portugal quer exportar a sua produção e Moçambique carece em absoluto das importações portuguesas para erradicar a fome e aumentar a riqueza nacional — mas ambos os parceiros se debatem com problemas graves.

Durante a viagem e já depois em Maputo, fontes portuguesas garantiam-nos que Portugal não tem capacidade para ir muito além do que já fez em questão de créditos a Moçambique. E sem eles, as exportações podem ser rapidamente reduzidas, situação que também não pode ser encarad de ânimo leve já que isso signi caria perder um mercado de mai de cinco milhões de contos ani ais.

Empresas mistas e Estados Unidos

Neste momento, as responsabilidades directamente resultantes de linhas de crédito concedidas por Portugal a Moçambique são de 180 milhões de dólares, ou seja, 27 milhões de contos. Este é um patamar difícil de ultrapassar, em especial se Moçambique não puder regularizar os pagamentos.

Com efeito, a RPM começou a rarear as suas amortizações e o pagamento das suas compras em Portugal há cerca de um ano. Depois, com a visita de Machel a Lisboa, a situação melhorou mas há alguns meses os pagamentos cessaram de novo e desta vez por completo, pretendendo agora Moçambique, no quadro da renegociação da sua dívida externa, congelar os pagamentos até 1991.

Segundo a proposta moçambicana, teríamos um prazo de deferimento de cerca de seis anos para então, e em parcelas suaves, ser retomada a amortização da dívida. Portugal, por mais boa vontade que tenha, parece não estar em condições de aceitar tal.

Por isso mesmo dois novos trunfos estão na mesa. Um, a constituição de empresas mistas, com empresas públicas e privadas portuguesas, sendo parte do capital social representado pelas importâncias em dívida em Moçambique. Estas novas empresas, especialmente nos domínios industriais (têxtil, vidros, construção civil) e agro-industriais para consumo local e exportação, permitiriam ao Estado moçambicano um acréscimo de divisas para pagar a quem deve e uma melhoria do nível de vida da sua população. Para Portugal, era a garantia de alguns lucros e de mais fácil recebimento dos seus créditos em Moçambique.

O outro é a previsível entrada dos Estados Unidos num triângulo de cooperação com Moçambique e o apoio técnico de Portugal e dos portugueses, quicá também para a criação dessas empresas mistas.

A primeira ideia foi insistentemente defendida por Samora Machel na primeira sessão de negociações, e a segunda é o trunfo mais importante que Mário Soares tem na manga.

Soubemos de fonte segura que estas propostas de Mário Soares já viriam tão elaboradas que, inclusive, já há data certa para a primeira reunião com os norte-americanos, só não se sabendo ainda se ela se realizaria em Lisboa se em Washington. Aliás, o Primeiro-Ministro português pensa em idêntica solução para a Guiné, onde a entrada dos Estados Unidos neste circuito não constituiria novidade da cooperação trilateral. Portugal, Suécia e Guiné já têm em marcha alguns projectos em Bissau com dinheiro sueco, técnicos portugueses e mão-de-obra guineense.

A ideia tem sido amadurecida com cuidado mas ela é facilitada na sua execução pelos resultados dos acordos do N'Komati e da consequente abertura de Moçambique aos investimentos externos, inclusive da África do Sul. Soares já tinha firmado em Lisboa, quando da visita de Samora Machel (Outubro do ano passado), que Portugal não tinha grandes condições para aumentar a ajuda económica mas dispunha de um leque suficientemente amplo de amizades para carrilar o dinheiro delas para Moçambique.

Pelos vistos, Mário Soares traz aí os primeiros dólares.

O Presidente faz o título

«Eh, Manuel Alegre, não há quem te veja. Continuas alegre ou estás na clandestinidade?».

A saudação do presidente Machel surpreendeu toda a comitiva do Primeiro-Ministro português que, ao desembarcar no Maputo, foi acolhida no aeroporto de Mavalane com aquele ar informal, descontraído e mesmo prazenteiro do chefe de Estado moçambicano.

Antes já Machel cumprimentara em voz alta, do fundo da escada, Mário Soares, mal este assomou à porta do avião, surpreendendo-o naquele princípio de tarde chuvosa e fresca com um «Alô Mário, estás bom?» antes de caírem nos braços um do outro e de Maria Barroso ser também acolhida efusivamente com dois beijos repenicados nas faces.

As atitudes descontraídas do presidente moçambicano continuariam pela tarde fora, deixando encantados alguns dos seus hóspedes e deliciando as duas dezenas de jornalistas, pelo inesperado de certas situações, sempre que nos foi possível aproximarmo-nos do presidente moçambicano.

Antes da primeira sessão de conversações, nas magníficas e arejadas instalações da Presidência da República, rasgadas sobre a baía, a entrada de Machel, com Mário Soares a seu lado, na sala onde os aguardavam umas três dezenas de funcionários governamentais dos dois países, provocara um silêncio opressivo, que se colava à pele e se respirava por todos os poros. O «bruaaa» das conversas que subira de tom à medida que o atraso se prolongava, foi cortado pela raiz com a chegada de Machel e o silêncio imediato adensado a cada saudação de passagem («Bem-vindos, portugueses») à pequena multidão.

E foi, ainda, um comentário em voz alta de Machel, que desfez o ar comprometido dos circunstantes ao anunciar que era gente a mais e, por ser tanta genta e a sala pequena, alguns dos funcionários das duas delegações ficavam lá atrás, iam para a baliza. «Nós é que estamos em campo — disse para Mário Soares, os seus ministros Gama e Barreto e os dois secretários de Estado — e por isso vamos lá jogar».

Aí, o silêncio degelou e o «bruaaa» voltou em surdina à medida que os jornalistas se retiravam para se iniciarem as conversações a sério.

O próprio presidente interrompeu a debandada com um comentário para os jornalistas sobrenta: «Ena, que grande batalhão de jornalistas: parece que o mundo todo tem as suas atenções em Moçambique. Porque será?» E já com a porta a fechar-se, insistiu: «Ouviram bem? O título para as vossas reportagens é «Encontro de Amigos». «Não se esqueçam».

DR

Samora elogia trabalhadores portugueses e Soares promete apoio de Portugal

A importância do Tratado de Amizade e Cooperação entre Portugal e Moçambique foi salientada por Mário Soares e Samora Machel, durante os discursos proferidos por ambos no banquete oferecido pelo presidente moçambicano ao Primeiro-Ministro português e que ontem teve lugar no palácio presidencial de Ponta Vermelha, em Maputo.

«O percurso trilhado pelos nossos dois povos foi marcado por acidentes que a História nos impôs, de sofrimento comum, de dor, de luto, de tragédias humanas, produto de dominação, exploração e opressão de um regime que se abateu sobre os nossos povos», afirmou, durante o seu discurso, o chefe de Estado moçambicano para seguidamente exclamar: «Comungando os ideais de independência, liberdade e democracia, os nossos povos, em trincheiras diferentes, souberam erguer com coragem e determinação o espírito de rebeldia contra a tirania que os dominava. Vencemos».

A propósito, Samora Machel salientaria: «soubemos ultrapassar, em pouco tempo, os traumas que uma guerra injusta produziu em nós, para hoje, com coragem e assumindo a história sem complexos construirmos relações de tipo novo entre os nossos dois povos, em liberdade e no respeito pleno da soberania de cada um». Exemplificando estas novas relações, Samora Machel referiu-se ao facto de Portugal e a República Popular de Moçambique terem assinado «apenas oito anos depois do fim da guerra colonial» um Tratado de Amizade e Cooperação e considerou «ser fundamental a definição de um quadro estratégico para a nossa cooperação, tornando-a estável e duradoura».

O chefe de Estado moçambicano elogiou, por outro lado, a contribuição que «os cidadãos portuueses prestam ao processo de reconstrução nacional» e na «batalha gigantesca contra o subdesenvolvimento em Moçambique». Segundo ele «à iniciativa, o sacrifício, o espírito laborioso e empreendedor caracterizam o trabalhador português na República Popular de Moçambique».

Também Mário Soares foi elogiado por Samora Machel que salientou a figura do «combatente antifascista e anticolonialista» e recordou a presença de Soares nas cerimónias da independência de Moçambique, há oito anos.

Por outro lado, Samora apreciou «a atitude positiva do Governo português» ao apoiar as iniciativas de Angola e Moçambique para imporem a paz na África Austral. O presidente moçambicano acusou o regime da África do Sul de pôr em causa a paz a que os povos da região aspiram e considerou queo facto de «terem sido abertos canais de comunicação entre as partes beligerantes na Namíbia só poderá resultar se o regime sull africano abandonar o princípio de condicionar aindependência da Namíbia à retirada das tropas internacionalistas cubanas de Angola».

Por seu lado, Mário Soares elogiou o presidente Samora Machel por ter sabido «dar o primeiro e decisivo passo no caminho da paz e do entendimento na África Austral». O Primeiro-Ministro português, que se referia aos acordos de N'Komati, acrescentou, falando sobre Machel: «soube fazê-lo sem transigir nos seus princípios, sem cedências que pusessem de algum modo em causa a dignidade do povo moçambicano» e ao fazê-lo «assumiu sem quaisquer ambiguidades o papel de dirigente histórico de um povo e de governante responsável que sabe que a história é construída pelos homens livres e não pelos preconceitos ou pelos dogmas»,

O Primeiro-Ministro português exprimiu, a este respeito, votos para que «guiada por um espírito genuíno de diálogo e tolerância, a África do Sul prossiga na via da concertação com os Estados vizinhos liquidando o sistema de «apartheid» que sempre nos mereceu clara condenação. Soares também salientou a importância do Tratado de Amizade e Cooperação entre os dois países, definindo como exemplar a cooperação bilateral entre Portugal e a República Popular de Moçambique. A este respeito, reafirmou «o propósito do Governo português de tudo continuar a fazer para, dentro dos condicionalismos financeiros que Portugal atravessa presentemente, irmos ao encontro do que nos for solicitado no sentido de colaborarmos no desenvolvimento e progresso de Moçambique».

ponto a ponto

• As próximas deslocações do Presidente **Ramalho Eanes** ao estrangeiro deverão incluir Marrocos, Iraque e Jugoslávia — apurou a ANOP de fontes oficiosas.

É possível que os três países sejam incluídos numa mesma viagem, mas tal hipótese não foi ainda confirmada pela Presidência da República.

Admite-se que a deslocação possa efectuar-se ainda este ano.

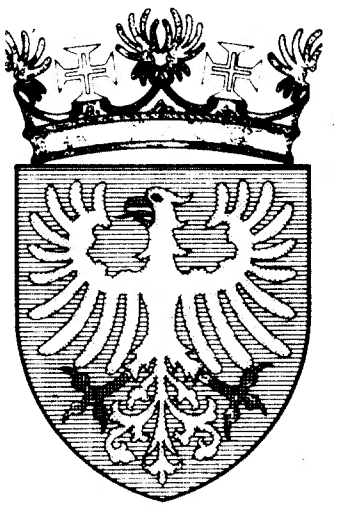
• O Presidente da República desloca-se amanhã à aldeia de S. Jorge, concelho de Porto de Mós (Leiria), expressamente para cumprimentar uma mulher da localidade que nesse dia completa 100 anos.

Ao passar, há quatro anos, por S. Jorge, Ramalho Eanes conheceu Joaquina David, e prometeu vir dar-lhe um abraço quando ela completasse 100 primaveras.

S. Jorge, em cujos campos se travou, há seis séculos, a batalha de Aljubarrota, conta actualmente com cerca de 1000 habitantes, que estão a preparar um piquenique para partilhar com o Presidente da República.

• **António Galhordas,** vice-presidente do MDP/CDE, participa nos dias 5 e 6 em Varna, Bulgária, num encontro internacional sobre «A Paz, condição irreversível para o progresso social dos povos». No encontro participam partidos liberais, reformistas e outros congéneres de vários países da Europa e América.

António Galhordas estará ainda presente nas comemorações do 40.º aniversário da República Popular da Bulgária.



• O último número da revista da Força Aérea «Mais Alto» publica um violento editorial contra «uma minoria sem escrúpulos» e «tribunos sem maturidade» que fomentam, segundo a revista, «a calúnia, o enxovalho e a difamação» das instituições nacionais. O editorial, da autoria do brigadeiro **João Mendes Quintela,** intitula-se «Ultraje aleivoso».

• O **PCTP/MRPP** entregou ontem, no Tribunal da Comarca do Funchal, as listas de candidatos por oito círculos às próximas eleições regionais a realizar a 14 de Outubro.

• O vice-presidente do PSD, **Ângelo Correia,** visitará Marrocos de 5 a 13 de Outubro, a convite do Partido Istiqlal — anunciou a ANOP. O PSD tem mantido nos últimos anos contactos com o Partido Istiqlal, que conta actualmente no Governo marroquino com seis ministros.

• Tecnicamente a **II Guerra Mundial** teve início em 1 de Setembro de 1939 com a invasão da Polónia por parte da Alemanha nazi. Faz hoje 45 anos.

Mossad interessada em Trifa?

O Governo parece já estar na posse de um considerável número de informações sobre o caso do arcebispo ortodoxo Viorel Trifa, e admite a possibilidade de lhe mover um processo administrativo durante o qual seja justificada uma eventual decisão de não o receber em Portugal, dadas as suas responsabilidades passadas como conivente romeno do nazismo alemão. Entretanto, o «Semanário» de hoje afirma-se informado de que a Mossad – os serviços secretos israelitas – têm acompanhado os movimentos do arcebispo em Portugal, conhecendo perfeitamente a sua residência transitória. Oficialmente, porém – através da sua Embaixada em Lisboa – os israelitas são «inteiramente alheios» ao caso Trifa.

IPPC herda Torre de Belém

O Instituo Português do Património Cultural (IPPC) vai, a partir de Outubro, passar a tutelar a existência da Torre de Belém, que então deverá reabrir as suas portas ao público com uma exposição de faiança nacional de temática oriental. A Torre deverá, depois, passar a exibir uma exposição permanente de arte portuguesa. Como se sabe, o monumento, que é propriedade do Ministério das Finanças, tem, desde há 34 anos, estado à guarda da AGPL (Administração Geral do Porto de Lisboa). Outras hipóteses de exploração da torre como espaço de exposição permanente, alvitradas depois do encerramento da «Décima Sétima», não chegaram a ter seguimento.

Homens de Proença voltam à RTP

A seguir à posse de Manuel João da Palma Carlos como presidente da RTP, que deverá ocorrer em meados de Setembro, dois elementos da confiança política de Daniel Proença de Carvalho, Torquato da Luz e Rui Ressurreição, poderão vir a ser convidados, respectivamente, para os cargos de director da Informação e para integrar a nova equipa administrativa.

Cristal "made in Portugal"

«... Se é cristal o que se vê, se diamante», Camões não sabia ao certo, mas é cristal o que em Alcobaça se produz. Vidro que o chumbo valoriza, material com uma sonoridade musical claramente perceptível ao toque. Foi na Boémia que se celebrizou. Inovação na técnica de trabalhar o vidro que outros países seguiram sem, que, por muito tempo, igualassem a fama dessa parcela do antigo império austro-húngaro, incomparável no requinte e na elegância.

Lourdes Féria

Nós somos antigos no cristal e nele bons até determinada altura. Depois cedemos na qualidade e assim nos mativemos, anódinos criando baixelas e peças decorativas irrelevantes. Recentemente, o cristal de Alcobaça atingiu uma alta cotação nos Estados Unidos.

«Somos os segundos maiores exportadores de cristal de marca para a América. Estamos numa posição excelente», diz António Magalhães, administrador da fábrica **Crisal.**

Este resineiro, agora industrial de vidro, conseguiu salvar uma fábrica falida, imprimindo-lhe um dinamismo alucinante. Limpou-lhe o nome, deu-lhe perspectivas, dotou-a de agressividade para competir no mercado internacional, onde se degladiam leões. **«Já há anos que eu avisava os meus colegas de que o cliente importador pretende ter uma garantia que outro importador não venha comprar mais barato do que ele. A verdade é que apareciam, no mercado inglês e americano, com preços desastrosos tal como sucedia no mercado interno. Então, tento convencê-los a participar de um consórcio com vista à exportação, isto em 1970.»**

Era a época em que a **Crisal** e a Ivima controlavam 80 por cento do mercado — um mercado pequeno, à medida do país. A exportação estava parada: nem encomendas nem ousadia para as buscar. O poder de iniciativa, realmente, nunca foi o nosso forte. **«Exportámos, um pouco, durante a guerra mas através de intermediários, sem a preocupação de conceber modelos originais e limitando-nos a vender excessos de produção sem organizar esquema próprio de exportação.»**

Investir

Pois bem: a **Crisal**, em 1950, resolve arriscar na exportação. Talvez que, nesta atitude, tenha pesado a «deformação profissional» de António Magalhães que quando resineiro, colocava grande parte do que produzia no estrangeiro. **«Começamos a exportar vidro e vimo-nos a braços com uma situação embaraçosa que era a falta de produção. Pedimos um aumento da capacidade da fábrica e isso obrigou-nos a sair da Marinha Grande, mais ou menos em fins dos anos sessenta. A partir daí procurámos ser uma fábrica a sério. Imagine que nem havia contas sobre o custo da produção, era tudo avaliado a olho...»**

Esta inclinação para o improviso, para o fazer as coisas em cima do joelho, prejudicou grandemente a indústria vidreira. **«A crise é o reflexo do condicionamento industrial. As fábricas instaladas, com uma certa capacidade de produção, nem sequer essa atingiam e caíram no desinteresse tecnológico, no descurar a produtividade, pois sabiam que não tinham concorrência. No entanto, no mercado interno, digladiavam-se praticando preços incríveis, a perder dinheiro. As fábricas de vidro doméstico não souberam criar os mecanismos para uma exportação válida.»**

Entretanto, elaborar os custos de produção parece tornar-se moda. Uma descoberta importantíssima. Algumas empresas adoptam o método com demasiada convicção, levam-no a peito. Caem no exagero.

«Sim, vão para o extremo oposto, montando estruturas administrativas desfasadas do valor da produção quando havia que ter uma estrutura leve. Vendo bem, a indústria da cristalaria é um artesanato grande. Houve outros industriais que enveredaram pelo caminho da pataca ganha, pataca gasta. O contrário da Crisal que é pataca ganha, pataca investe.»

Segundo António Magalhães a sua empresa investiu, nestes últimos 20 anos, mais do que todas as fábricas manuais do país juntas. O seu lema assenta neste princípio: há que investir, há que desenvolver. Porém, em 1970, à medida que os salários vão aumentando, apercebe-se da necessidade de inverter ou transformar a produção, o que significava o abandono do vidro sódio. **«Arrancámos com um forno do género daqueles que a Bacará utiliza, depois mandámos desenhar um outro diferente, em Abril de 1974, mais um terceiro, em Dezembro de 1979, e agora temos prevista a montagem de uma quarto forno.»**

Por fases se eleva a **Crisal**, com cuidado se manda para a frente, rodeando os obstáculos. Até que finalmente, conquista o mercado americano, objectivo para onde, desde logo, apontou. **«Ao princípio fazíamos preços mais baixos, enquanto íamos mentalizando os trabalhadores de que tinham de ser perfeitos na execução. Mais tarde aderimos ao fabrico automático... Enquanto um homem, em seis horas e meia faz 400 cálices, uma máquina, em 24 horas, produz perto de 80 mil. Ainda disse aos meus colegas: ou nos juntamos e construímos uma fábrica de produção automática ou estamos arrumados. Concordaram mas quando foi concedida a autorização desistiram todos por falta de visão industrial».**

Dois contratempos sobrevieram, de acordo com a versão de António Magalhães. Foram o 25 de Abril e o choque petrolífero, ambos com incidência na contabilidade da empresa. **«Os prejuízos avolumaram-se. Um pandemónio: em 14 ou 15 meses perdemos cerca de 60 mil contos. Efectivamente a Crisal chegou ao fim de 1975, falida.»**

Até aos anos cinquenta, as fábricas de vidro funcionavam com lenha o que provocava atrasos. Um forno demora muito tempo a aquecer, a atingir a temperatura de fusão. É uma operação morosa que requer umas seis, sete horas. Dá-se a introdução do fuel oil, tendo as fábricas posto de lado os antigos fornos. Graças ao forno tanque podia-se colher de um lado, o vidro e do outro enformar a matéria-prima. Sistema óptimo que depois começa a ter inconvenientes, com o brutal aumento do preço do petróleo.

Esbanjamento

Neste momento, António Magalhães queixa-se das despesas feitas no combustível. **«Em Alcobaça, na Crisal, o custo do combustível tem um peso de 19 por cento e, na nossa fábrica automática da Marinha Grande, verifica-se uma incidência de 33,3 por cento. Já alertámos os sindicatos, avisando-os de que não podia ser... Se gastamos perto de 200 mil contos em combustível e se 30 por cento desse combustível não for utilizado perdemos mais de 60 mil contos. Daí que tenhamos proposto ao sindicato isto: trabalhar, sete horas e meia, em contínuo, cinco dias por semana, o que incluía domingos, e depois descansavam dois dias seguidos. Não conseguimos um acordo o que é grave porque só aumentando a produção se aumentam os postos de trabalho.»**

Abertamente, António Magalhães sustenta que as empresas vidreiras da Marinha Grande estão todas falidas. Sem subtilezas também afirma que o ministro da Indústria Veiga Simão **«pode ser um bom catedrático mas da indústria não percebe nada...»** Critica os esbanjamentos do Estado naquelas empresas. **«O que já se ofereceu à Marinha Grande (seja no sistema de fundo perdido ou fundo reembolsável ultrapassa o milhão de contos.»**

Mas porque não controlam o dinheiro? Mais uma vez o caso Freitas vem à baila, pelo que de insólito reúne. **«É inadmissível que um indivíduo tenha levantado cem mil contos para comprar um forno que custa entre 20 a 30 mil contos. É inaceitável que os senhores que fazem o vidro, pelo método manual ou semi-automático, se dêem ao luxo de vender mais barato do que nós que produzimos automaticamente. Ora, eles vendem um cálice de vinho a 23 escudos e nós a 40 com os descontos máximos. Considero isto psicologicamente errado tanto para o empresário como para o trabalhador.»**

Tanta garrafa perdida...

Ninguém mais indicado para falar sobre o sector de garrafaria que o dr. Elmiro Duarte, ex-presidente do conselho de administração da CIVE, unidade vidreira da Marinha Grande. Solicitámos-lhe um bocado do seu precioso tempo – é um advogado com múltiplos afazeres –, ao que acedeu. Com rigor, consultou «dossiers», comparou números e somou-os, entre um discurso perfeitamente acessível.

Disse que a indústria de garrafaria exige fortes investimentos e uma tecnologia sofisticada, o que (como é óbvio) não se compadece com a pequenez das empresas. Em Portugal apenas cinco fábricas correspondem às condições ideais, em termos de tamanho, com uma aproximação das que existem em França, Alemanha e Inglaterra, estas porém com a vantagem de possuir um mercado dez vezes superior ao nosso.

«A partir de 1974 verificou-se um agravamento dos custos de produção. De um índice de 100 passou-se para 1149, ou seja catorze vezes mais.»

Garante Elmiro Duarte que a **crise**, iniciada em 1974, se deve, em parte, ao boicote, no vinho, às exportações. Os Estados Unidos reduziram, substancialmente, a compra do nosso vinho engarrafado. **«...E os países de Leste nessa altura clientes, não compram vinho engarrafado. Daí que a indústria garrafeira tivesse que arcar com enormes prejuízos. Daí a sua descapitalização, pois os custos financeiros começaram a ser muito pesados. Entretanto todos os governos, a seguir ao 25 de Abril, foram para o controlo de preços, o que não me parece ser uma política razoável na medida em que coloca as empresas numa situação de prejuízos inevitáveis.»**

Só na garrafaria, os prejuízos, entre 75 e 83, foram na ordem de um milhão e 800 mil contos. Desta roda exclui-se a **Sotanco,** da Amadora, que obteve um resultado positivo, em nove anos. Apresentou, de acordo com Elmiro Duarte, 56 mil contos de lucros, o que tendo em conta as adversidades do sector, não é mau **«Mas aos problemas económicos juntam-se os de mercado. Durante os anos 74 e 76 houve quebra de vendas, entre 76 e 79 um crescimento moderado do mercado e a partir daqui as empresas passaram a ter um crescimento zero ou mesmo diminuição nas vendas».**

Em linguagem corrente: prejuizos. Encargos de salários?

«Também... mas com alguns sofismas pelo meio. Temos uma produção, per capita, do trabalhador que é um terço do que se consegue nos Estados Unidos. Ora, um circuito que ocupa muito pessoal é o da escolha de garrafas, o que poderia ser feito por máquinas electrónicas. Aí já se eliminava muito pessoal, automatizando já se podem dispensar trabalhadores. Qualquer máquina, em Portugal, produz 70 a 80 garrafas por minuto, o que soma umas 2400 por hora. Trinta máquinas produzem cerca de três milhões e meio de garrafas...»

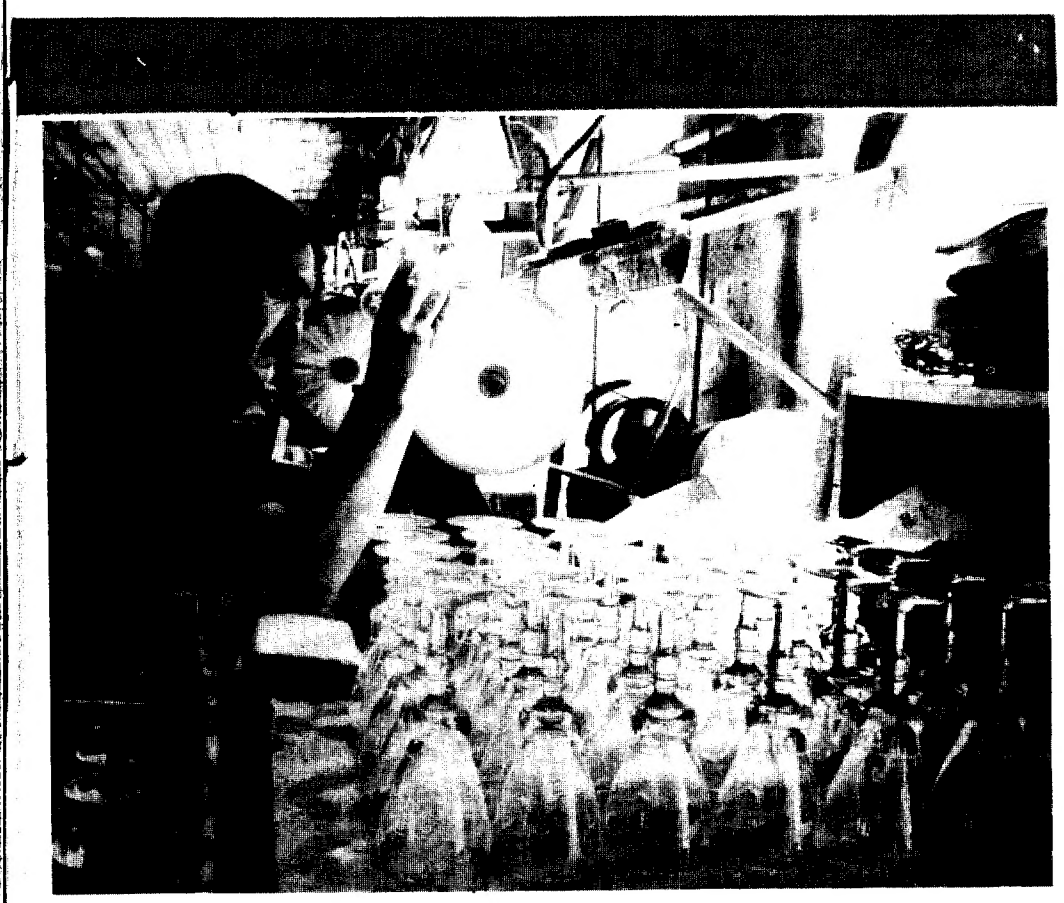
Produzir e não escoar – eiso que conduziu duas empresas ao colapso financeiro, uma delas a de Fontela, cuja história já foi suficientemente divulgada. **«A Cive também fez investimentos grandes: construiu uma fábrica que deve ser uma das melhores da Península Ibérica, em que 50% do capital pertence ao Estado, ou seja 80% do I.P.E. e 10% da Sociedade Central de Cervejas. Pois também entrou em falência. De Janeiro de 1983 até hoje, vinha a pagar apenas parte dos salários».**

Ressalva, porém, Elmiro Duarte que o Movimento Sindical, embora o sector, seja reivindicativo, tem **«sido de uma correcção notável».**

De 1974 a 1983 quase não se registaram greves. Fizeram-nas, sim, quando se viram apoquentados com o não recebimento dos salários. O que demonstra, talvez, a sua maturidade política.» **«A greve quase geral de 1974 revelou-se organizada, unida, muito consciente».**

Quanto à cristalaria, sector em que não penetrou tão profundamente, admite que só com uma reorganização muito radical seja recuperável Elmiro Duarte convive com a indústria vidreira desde 1946, logo após do fim da guerra, no tempo em que se **«exportava mão-de-obra quase escrava».** Expandia-se pouco e os produtos que enviava para o mercado internacional eram de qualidade duvidosa. **«Se neste momento está mal a entrada na CEE acelera a sua destruição...»**

Com as garrafas as perspectivas parecem ser diferentes. **«Primeiro porque o mercado não é de exportação... Bem, podiam-se levantar problemas com a indústria espanhola mas penso que a CEE permite alargar um bocadinho o mercado da garrafaria.»**



Há que detectar as imperfeições...

Falo-lhe da mão-de-obra barata e dos prováveis lucros que os empresários dessa situação auferem. Responde António Magalhães que nem daqui a vinte anos vamos ter salários ao nível europeu. Porquê? Compete-me saber. **«Trata-se de uma questão política»,** observa um tanto lacónico. Sobre a nossa eventual entrada no Mercado Comum tece duras críticas, classifica-se de **«ruína total».** Um bolo para os burocratas e tecnocratas, **«são postos de trabalho pagos a peso de oiro, a estes cavalheiros.»**

A opinião do administrador da **Crisal** é de que persistimos na mentalidade de que Portugal deve viver de empréstimos e esmolas. Ninguém duvida de que a CEE foi concebida para seis países desenvolvidos. **«Como vamos entrar para um clube, nós que somos um país subdesenvolvido quer se queira quer não? Olho para a agricultura portuguesa e vejo que produzimos, em trigo, uma média de 800 hectares... Em França ninguém lhe passaria pela cabeça semear trigo abaixo de uma produção de quatro toneladas.»**

Pagamos o trigo a um preço bárbaro, no vinho há problemas... e que mais? Temos cortiça, resina, concentrado de tomate – e que mais?

«Na cortiça, com ou sem CEE, somos grandes produtores e também há zonas do país em que os vegetais aparecem quatro ou cinco semanas adiantados relactivamente às produções europeias. Mas isto não é significativo. Com a entrada na CEE sucederá, fatalmente, que se importávamos 60 por cento do que consumimos passaremos a importar 80, o que reflectirá na subida de preço dos géneros alimentares».

Desastre

E quanto à indústria? Que hipótese teremos? **«Na indústria têxtil vão-se manter as empresas mais bem apetrechadas mas as restantes estoiram, com o vidro sucederá o mesmo. Também não acredito que a nossa indústria do aço tenha possibilidade de competir com os grande potentados existentes no Mercado Comum. Um desastre! Os políticos andam a meter na cabeça dos portugueses que a entrada na CEE é a panaceia para todos os males... pois mentem. Por outro lado, esse acto implica uma modificação dos nossos hábitos de vida será doloroso para as pessoas. Como se vai, de repente, mentalizar o português a trabalhar mais?»**

Regressemos ao vidro, aos seus vícios, ao seu desespero. Que receita para a cura? Não se prevêem medidas concretas e adequadas. Pelo contrário; há quem vaticine o agravamento. Mas será assim tão complicado revigorar a indústria vidreira?

Para António Magalhães bastava o mínimo de «bom senso». Não desperdiçar dinheiro à doida. Nada de fantasias, agir com tacto e inteligência. **A Ivima** e a **Pereira Roldão** desfaleceram, estão sem fôlego para soprar, a Fábrica Escola, por enquanto, é uma incógnita, a situação das garrafeiras preocupante, as empresas de chapa de vidro também andam atrapalhadas. **«Desde que cá estou nunca vi nenhum governo fazer nada pela indústria vidreira, passam a vida a protelar decisões. Há vinte anos atrás propus ao governo que se criasse uma escola subsidiada pelas entidades privadas, pois isso não vingou. A FEIS nunca foi escola, limitava-se a concorrer com as outras empresas e não pagava o combustível. Ao que consta o Governo vai dar-lhe mais dinheiro. Veiga Simão no debate televisivo foi uma vergonha, só vejo comissões de estudo, conversa... e mais nada».**

Na apreciação do administrador da **Crisal,** o sector garrafeiro é um perfeito «buraco», os problemas avultam. Mal instaladas geograficamente as empresas, gastam balúrdios nos fretes. Destituídas de vista aumentaram a capacidade de produção empenhando-se em fortes investimentos, quando o mercado já estava em recessão. **«Concentraram-se na Marinha Grande porque havia ali areia e lenha. Agora têm de ir buscar a matéria prima a Rio Maior e Lisboa, enquanto o combustível sai caríssimo».**

Com a entrada na CEE o panorama das indústrias de garrafas piora. Se há fábricas de um grupo multinacional implantadas perto da fronteira portuguesa, na faixa entre Sevilha e Estremadura, que colocam aqui o produto mais barato, quem não as prefere? **«No sector da chapa de vidro julgo que apenas quatro grandes empresas mundiais irão sobreviver (duas americanas, uma inglesa e outra japonesa), quanto ao resto é para morrer. A arquitectura dos grandes edifícios, em que intervinha o aço e o vidro, com o choque petrolífero foi posta de parte e percebe-se porquê: exigem aquecimento no inverno e ar condicionado no Verão.»**

Na **Crisal** há 800 trabalhadores, a situação financeira da fábrica é sã – registámos na conversa com António Magalhães. Prepara-se para exportar, este ano, 800 mil contos. Aposta na construção de uma nova fábrica, a sete quilómetros de Alcobaça, com um investimento de 500 mil contos e mais 400 trabalhadores. **«Temos uma boa imagem lá fora e não permitimos que outros a destruam. Nos Estados Unidos nada entra sem etiqueta de origem... Se aparecer lá um cristal, «made in Portugal», que é uma porcaria, estragam-nos a reputação.».**

Que mais nos irá acontecer?

Calha-nos na rifa um alemão, um tal senhor Wolkner, reincidente em matéria de falências (uma na Áustria e outra na sua terra de origem), ao que parece era este o seu truque. Sem querer saber das informações, nada abonatórias sobre a idoneidade moral do indivíduo que a Associação Vidreira lhe forneceu, o Governo português concede-lhe o alvará para montar nos Pousos, perto de Leiria, uma fábrica de vidro.

Encontrando terreno fértil, mais uma vez o alemão abusou. Com razão presumiu: «isto é rapaziada tonta, pouco experiente», vou-lhes aplicar o golpe. Tanto exportou de cá para lá, tanto sobrefacturou, tanto vigarizou que só um cego não via o que ele estava a fazer. E pronto: rebenta a fábrica, põe em cheque os postos de trabalho que chegaram a ser 400.

Num balanço geral de «perdas e danos», devidos ao sr. Wolkner, chegou-se à conclusão de que foram 200 mil contos em dívidas que não entraram no nosso país — isto para simplificar.

Entretanto o alemão deu o **fora**, nunca mais ninguém o viu. E agora? O Estado está a arder com centenas de milhares de contos, a fábrica já esteve para ser posta em praça... e, de acordo com um comentário que ouvi na Marinha Grande, **«ninguém prendeu aquele cidadão germânico».**

O que mais nos irá acontecer?

L. F.

Marinha Mercante

Divisas positivas só a partir de 1989

O programa recomendável de investimentos na Marinha Mercante implicará um balanço de divisas positivo a partir de 1989 – revela um estudo da Direcção Geral da Marinha de Comérico, a que a ANOP teve acesso.

O documento mostra que o saldo negativo em divisas acumulado a partir de 1984 estaria compensado em 1992, registando-se no ano 2000 um saldo positivo acumulado de 621,67 milhões de dólares em divisas (cerca de 94 milhões de contos), se for aplicado o programa recomendável, que prevê até 1993 a construção de 32 navios novos em estaleiros portugueses e a compra de 24 usados.

O programa mínimo que prevê a construção de 27 navios novos e a compra de 22 usados permitiria um balanço de divisas positivo em 1989, mas apenas em 1993 o saldo negativo acumulado seria compensado, verificando-se então ao ano 2000 um saldo acumulado de 554,87 milhões de dólares (cerca de 84 milhões de contos).

A formação bruta de capital fixo (investimento) será de 751,66 milhões de dólares (cerca de 115 milhões de contos, ao câmbio actual) para o programa recomendável (56 navios até 1993) e de 712,41 milhões de dólares (cerca de 108 milhões de contos) para o programa mínimo (49 navios no mesmo período de 10 anos).

Criação de postos de trabalho

O programa recomendável permite a criação de 2063 postos de trabalho nos próximos dez anos na Marinha de Comércio e o mínimo de 1958 novos empregos.

Tanto o programa recomendável como o mínimo prevê a compra de seis navios novos e cinco usados tipo «Handy Size», de 38 mil toneladas de arqueação bruta (TAB), cinco «Panamax» novos e quatro usados, quatro petroleiros novos e três usados (com 80 mil e 116 mil TAB), um «Single Decker novo e outro usado, com três mil a quatro mil TAB, um navio químico novo com 3500 metros cúbicos e um navios butaneiro novo e outro usado.

Enquanto o programa recomendável prevê a construção de oito porta-contentores e a compra de cinco usados (de 150 e 200 TAB), o programa mínimo só prevê a aquisição de quatro novos e quatro usados, tal como para os navios «multiporpose» (8000 a 8500 TAB) em que o programa mínimo prevê cinco novos e quatro usados e o recomendável mais um de cada.

O financiamento previsto para a construção de navios novos será suportado em 20 por cento por dotação de capital, em 30 por cento através do crédito interno bonificado (taxa de juro de 8,5 por cento em dólares) e 50 por cento através do crédito externo.

A aquisição de navios usados no estrangeiro deverá ser suportada em 80 por cento por crédito estrangeiro e em 20 por cento por autofinanciamento.

O programa recomendável de investimento na Marinha do Comércio implicará para o Estado português um esforço financeiro de 232,66 milhões de dólares nos próximos dez anos (35 milhões de contos à cotação actual) dos quais 12 por cento para subsídios à produção, 48,3 por cento para dotações de capital e 39,7 por cento de bonificações a cargo do Estado.

No caso do programa mínimo (49 navios) implicaria um esforço financeiro para o Estado de 219,12 milhões de dólares (cerca de 33 milhões de contos), sendo 11,4 por cento para subsídios à produção, 48,6 por cento para dotações de capital e 40 por cento para bonificação de juros.

Uma frota para o País

O documento oficial a que a ANOP teve acesso conclui que os resultados apurados para os programas recomendáve e mínimo (56 e 49 navios respectivamente até 1993) evidenciam diferenças mínimas.

Esta situação decorre essencialmente do facto de não ter sido considerado qualquer ajustamento ao nível das necessidades de navios graneleiros e petroleiros, na perspectiva de «detenção de frota própria que garanta condições nacionais mais vantajosas nos tráfegos de abastecimento ao País, em termos de segurança e de preço de transporte».

O estudo salienta o nível relativamente baixo previsto para o esforço financeiro do Estado, nomeadamente quando comparado com os montantes de apoio que têm sido atribuídos ao sector no passado recente.

Considera que esse esforço financeiro deverá ainda ser ponderado com os diversos efeitos previsíveis do programa de reapetrechamento, nomeadamente a viabilização económica das empresas de transportes marítimos, o maior aproveitamento das capacidades dos estaleiros navais portugueses e da actividade seguradora e a redução de pagamentos ao exterior resultantes do afretamento de navios.

Aponta ainda como efeitos do programa de investimentos a criação de empregos directos e indirectos em sectores em que o País tem mantido um elevado nível de ocupação de mão-de-obra e o aumento de receitas do Estado proveniente da tributação de empresas e trabalhadores directa ou indirectamente dependentes da actividade do sector.

Eanes em Vila Nova de Cerveira

"Artistas: continuem incómodos!"

«O apelo mais correcto que um homem de Estado pode dirigir aos artistas é o de lhes dizer: continuem incómodos» — afirmou ontem à tarde o Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao dirigir-se aos artistas durante a visita que efectuou à IV Exposição Bienal da Arte de Vila Nova de Cerveira.

«Em democracia» — disse ainda Eanes — «qualquer detentor do Poder deve saber definir, de modo claro, a sua posição perante as delicadezas e as ambiguidades da relação que, historicamente, têm existido entre o Poder e a Arte».

De acordo com o Presidente da República, essa relação «tem assumido, pelo lado do artista, duas formas essenciais: consentir em ser tutelado pelo Poder, ou manter-se independente do Poder».

Assim, «o artista que cede às tentações da primeira atitude — e nunca faltam mecenas interessados em fomentá-la — pode ganhar, provisoriamente, em meios de realização, talvez ainda em tranquilidade política, mas estará a sacrificar o sentido autêntico da sua missão perante a comunidade e, por fim, a negar a liberdade que toda a verdadeira criatividade pressupõe».

Por outro lado, disse ainda Ramalho Eanes, «aquele que guarda a sua independência pode contar com incómodos, pressões, ou mesmo, em determinados regimes, com a perseguição e a censura, mas a autenticidade da sua visão e da sua voz adquire uma ressonância que nada pode sufocar».

Denunciar as injustiças

«O verdadeiro artista ocupa, desta forma» — continuou o Presidente da República — «uma posição privilegiada que é também uma responsabilidade e um risco: o de denunciar as injustiças supostamente impunes, e de desassossegar as ordens pretensamente indiscutíveis».

Eanes pediu então aos artistas para continuarem incómodos, apelo que, a seu ver, significa: «Assumam corajosamente a missão que lhes cabe, façam das vozes e dos gestos privilegiados que possuem a ressonância profunda do povo a que pertencem e a expressão da esperança de mundos mais fraternos».

O Chefe de Estado salientou que «a Bienal de Vila Nova de Cerveira, pelo seu próprio estilo, contém essa promessa de irreverência criadora».

«A juventude dos seus participantes» — sublinhou — «e a juventude de algumas técnicas e métodos nela adoptados são garantia de que não visitamos aqui um museu de naturezas mortas, mas sim um acto cultural colectivo, provocativo e estimulante».

Eanes visitou ainda o convento de S. Paio, em Vila Nova de Cerveira, edifício que está a ser recuperado pelo escultor portuense José Rodrigues, e deslocou-se em seguida ao Monte da Encarnação, local panorâmico do concelho.

de ontem para hoje

Bombeiro fez de parteiro na ambulância

UM jovem bombeiro voluntário da corporação de Cabo Ruivo na zona oriental de Lisboa teve ontem de madrugada de exercer as funções de parteiro numa intervenção de urgência dentro da ambulância em que era transportada a parturiente para a Maternidade Alfredo da Costa. Chama-se Luís Cabral, tem 25 anos e é solteiro. Possui, como é natural, o curso dos primeiros socrros e foi com esses elementares conhecimentos que ajudou Maria da Cruz, de 36 anos, a dar à luz um menino. O parto correu bem e a mãe chegou à maternidade com o filho já ao colo. Foi por volta da uma hora que a ambulância conduzida pelo também bombeiro José António Libânio de Castro foi à Quinta dos Cravos buscar a parturiente. Menos de uma hora depois já mãe e filho se encontravam bem, no estabelecimento hospitalar. Esta manhã o bombeiro Luís Cabral interpelado pelo «DL» dizia da sua alegria por haver sido útil e em especial pelo resultado alcançado, o primeiro caso daquela natureza para si e também para os Bombeiros Voluntário de Cabo Ruivo.

Viticultores madeirenses na Póvoa de Varzim

Uma delegação da Região Autónoma da Madeira participa na 64.ª Assembleia Geral do «Office International de La Vigne et du Vin» que decorre de 3 a 9 de Setembro na Póvoa de Varzim. Constituem a delegação o presidente do Instituto do Vinho da Madeira, um técnico de viticultura da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas e um exportador. O programa do encontro prevê uma visita de cerca de 40 técnicos à região vinícola da Madeira, entre 10 e 12 de Setembro.

Interromperam viagem de «windsurf» só para chamar a atenção

As autoridades marítimas decidiram interromper a ligação de «windsurf» que Luís Freire pretendia efectuar entre Carcavelos e Pedras D'el Rei com o objectivo de chamar a atenção para os perigos deste tipo de aventuras. Uma fonte da capitania do porto de Portimão contactada pela NP disse que se pretendeu fazer com que os jovens se apercebam dos «graves perigos em que incorrem quando se lançam nestas aventuras». «Ele deveria ter pedido uma vistoria aos meios de apoio para esta ligação. Sem essa vistoria efectuada pelas autoridades, a aventura tornava-se mais arriscada» – acrescentou. Luís Freire, que já decidiu regressar a Lisboa, tinha partido de Carcavelos na terça-feira e efectuado paragens em Sines e o Cabo de São Vicente.

Oficiais de Justiça portugueses vão a França

Uma delegação da Associação Portuguesa dos Oficiais de Justiça (AOJ) vai participar de 1 a 8 de Setembro na assembleia geral da Union Europeenne des Greffiers de Justice (EUR) que se realiza em Saint-Cast (França).

A delegação portuguesa será presidida por Henrique Marques dos Santos actual vice-presidente da EUR. Nesta assembleia organizada pelo Sindicat Autonome des Fonctionnaires des Cours et Tribunaux, estarão presentes o ministro da Justiça francês, Robert Badinter, e delegações de vários países da Europa ocidental, américas e África.

Gouveia não quer tanta luz

A Câmara Municipal de Gouveia oficiou à EDP para que seja desligada parte da iluminação das artérias de menor movimento pertencentes aquele município – soube-se de fonte municipal. A Câmara de Gouveia considera que esta medida não prejudica a segurança das pessoas nem a iluminação das zonas habitacionais e vai permitir poupanças de energia – disse essa fonte do executivo camarário.

O sismo não passou de boato

O Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica disse hoje não ter o mínimo fundamento o boato espalhado na vila doMontijo segundo o qual estaria iminente um tremor de terra. O INMG recebeu dezenas de chamadas telefónicas durante a noite de sexta-feira e o princípio da madrugada de hoje, de pessoas que pretendiam esclarecer-se sobre aquele rumor. Em contacto telefónico com os Bombeiros Voluntários do Montijo confirmou-se a existência do boato. No entanto, o porta-voz da corporação esclareceu que o ambiente da vila era normal e que se algumas pessoas andavam pelas ruas era para fugirem ao calor que sentiam em casa. A mesma fonte admitiu que o boato pudesse ter tido origem no facto de as corporações de bombeiros do distrito de Setúbal terem entrado de prevenção, mas esta medida, justificava-se pela eventual ocorrência de incêndios originada pela vaga de calor que se tem registado.

Lisboa mantém o recorde do calor

Lisboa foi ontem, pelo quarto dia consecutivo, a capital mais quente da Europa com 34 graus de temperatura máxima. Madrid teve 33 graus, Roma 28, Atenas 27 e Viena 26. A temperatura mínima verificou-se em Moscovo, com 10 graus. Em Portugal a cidade mais quente foi Coimbra, com 38 graus, seguida de Viana do Castelo com 37, Porto com 36, Évora com 35 e Lisboa, Vila Real, Portalegre e Beja com 34 graus. A temperatura mínima registada em Portugal foi de 16 graus em Bragança, Vila Real e Ponta Delgada.

A dividir por seis é melhor

O presidente da Câmara de Gouveia considerou que a recente divisão da Direcção Regional da Agricultura da Beira Interior em seis zonas proporciona «uma manifesta melhoria» ao seu município. Santinho Pacheco afirmou que esta divisão «permite que exista uma melhor assistência e uma maior capacidade de resposta» aos problemas específicos de cada região. A Direcção Regional da Agricultura da Beira Interior está dividida por seis zonas: Guarda, Gouveia, Covilhã, Fundão, Castelo Branco e Sertã.

Três famílias quase totalmente dizimadas

Escaparam dois portugueses no acidente perto de Vitória

Os dois emigrantes portugueses, pai e filho, que ficaram levemente feridos num acidente de trânsito ocorrido na noite de quinta-feira perto de Vitória, no qual morreram onze portugueses, vão ter alta dentro de 24 ou 48 horas.

Os serviços médicos do Hospital de Santiago Apóstolo de Vitória, onde se encontram internados, informaram a ANOP que os feridos apresentam apenas algumas contusões leves e que, de acordo com a evolução e a observação a que estão submetidos, terão alta nas próximas horas.

Os dois feridos são Mário Joaquim Catalão Brebas, de 37 anos de idade e seu filho António Joaquim Catalão Brebas, de 16 anos.

No acidente morreu a mulher, Maria José Catalão Brebas, de 35 anos de idade, um filho de 14 anos, Jorge Manuel Catalão Brebas e uma filha, de 12 anos, Ana Paula Catalão Brebas.

Eram naturais de Castelo Melhor, do distrito da Guarda, e regressavam a França (Louvres), onde viviam há doze anos, depois de passarem um mês de férias na sua terra natal.

Para o mesmo hospital foram transladados oito cadáveres dos restantes emigrantes portugueses falecidos, que ficaram a cargo das autoridades forenses.

Ao final da tarde de ontem ainda não tinham chegado a Vitória familiares das vítimas, informaram fontes do hospital.

Os consulados de Portugal em Salamanca e San Sebastian foram avisados para efectuarem as diliências necessárias e avisarem os familiares.

Os outros três cadáveres foram levados para a residência sanitária de Txagorritixu, da Segurança Social, em Vitória.

O montão de destroços a que os carros dos emigrantes ficaram reduzidos

Os quatro ocupantes de um «Volvo» de matrícula francesa, 2514-TM-91, pertencentes à mesma família, morreram no desastre. São eles Amadeu dos Anjos Fernandes, de 35 anos, sua mulher, Maria Irene Pereira, de 29, Ana da Conceição, de 62 e Jerónimo Jaime Fernandes, de cinco anos.

Esta família era natural de Paradinha Nova e residia em Ville de Bois (França).

Também morreram todos os ocupantes do automóvel «Renault 20», matrícula 4388-XT-91, que iam com os anterires em caravana e que residiam na mesma localidade francesa e procediam da mesma povoação portuguesa.

Eram o condutor do veículo, Manuel Augusto Martins, de 24 anos, Leonilde de Fátima Martins, de 18, Josefa de Jesus Martins, de 58 e uma mulher cuja documentação não foi encontrada, e que, na opinião da Polícia, poderia ser Josefa dos Santos Martins, que se encontrava grávida de sete meses.

No acidente esteve implicada uma furgoneta «Peugeot», de matrícula francesa 7539-LB-13, cujos ocupantes, que inicialmente tiham sido dados como portugueses, são franceses e ficaram ilesos.

O motorista do camião que também interveio no acidente, ficou levemente ferido e encontra-se internado no hospital de Santiago Apóstolo, de Vitória.

Trata-se de Juan Ignacio Aranalde Druezabal, natural de Tolosa, Guipuzcoa.

Carruagens iam vazias

CP: novo descarrilamento no sítio de há dois dias

Uma composição de carruagens vazias proveniente de Espanha descarrilou às 14 e 40 entre as estações de Celorico da Beira e Vila Franca das Naves – informaram os bombeiros.

Uma fonte da CP disse que descarrilaram duas carruagens da compsição no mesmo local onde na quinta-feira já se tinha verificado um outro descarrilamento sem consequências.

A composição que descarrilou ontem era composta por uma máquina e quatro carruagens proveniente de Vilar Formoso e destinava-se a integrar comboios de emigrantes.

Não há desastres pessoais a lamentar.

A circulação no local, Baraçal, continua interrompida e um porta-voz da CP disse ser por enquanto impossível fazer uma previsão da hora a que a circulação possa ser retomada. No entanto sublinhou que os trabalhos estão facilitados porque o comboio-Socorro ainda se encontrava no local, na sequência das reparações efectuadas depois do descarrilamento de quinta-feira.

O mesmo porta-voz da CP disse que o descarrilamento é atribuído a falta de peso do comboio, que circulava em vazio, o que provoca um aumento de vibrações.

"Tempestades" sobre os mares

• *Arrastão assaltado ao largo de Aveiro*

Um arrastão costeiro, matriculado no porto de Leixões, foi assaltado em plena faina, na noite de quinta-feira, ao largo de Aveiro, por tripulantes de uma motora de pesca artesanal – disse o armador da embarcação.

O proprietário do arrastão «Henrique Manuel Vilarinho», Álvaro Ribeiro, precisou, em declarações à ANOP, que o navio se encontrava a recolher o aparelho de pesca, a cerca de 50 braços de terra, quando foi abordado por três motoras de pesca artesanal.

De acordo com a versão do armador, as tripulações das motoras terao admoestado a guarnição do arrastão por recearem que o navio pudesse danificar algumas redes de pesca que se encontravam pela sua proa.

Depois de uma troca de palavras entre os tripulantes, o mestre técnico de pesca do «Henrique Manuel Vilarinho», de nacionalidade espanhola, desceu ao convés do navio, tentando o restabelecimento da ordem.

Segundo o relato do armador Álvaro Ribeiro, «na altura em que o mestre do arrastão chegou junto à popa do navio, um tripulante de uma das três motoras entrou, de assalto, no arrastão e agrediu o mestre espanhol, tentando também lançá-lo ao mar».

O incidente foi prontamente sanado pela tripulação do arrastão, tendo o agressor regressado ileso para a motora.

O mestre do arrastão, Telmiro, sofreu ferimentos ligeiros no pescosço e num braço e encontra-se em terra, para receber tratamento no hospital de Matosinhos.

A ocorrência foi participada à Capitania do porto de Leixões que vai elaborar o auto correspondente.

• *Traineira foi à carne a um ilhéu das Flores*

Tripulantes de uma traineira assaltaram, na quarta-feira, um ilhéu da ilha Flores roubando gado caprino – revelou, ontem a APU que se insurgiu contra o comportamento das autoridades marítimas no caso.

Um comunicado da coligação eleitoral afirma que «fazendo lembrar uma história antiga de corsários ou piratas, a traineira «Pérola da Manhã» assaltou o ilhéu Álvaro Rodrigues, tendo roubado os caprinos que lá encontrou».

«Alertada a autoridade marítima» – refere – «esta mostrou total desprezo em salvaguardar os interesses dos proprietários do gado roubado e mostrou ainda total desconhecimento pela situação patrimonial daquele ilhéu».

«A população das Flores» – diz a terminar – «não pode admitir, em pleno século vinte, que qualquer embarcação vinda de outras paragens resolva abastecer-se em carne, roubando os rebanhos dos agricultores florentinos».

Grande área destruída no Cartaxo

Incêndios continuam a assolar várias regiões do País

• *Corporações de Setúbal em "alerta laranja"*

Om bombeiros do Cartaxo só hoje conseguiram dominar um incêndio e razoáveis dimensões que deflagrou na quinta-feira de manhã, na zona do bairro do Falcão. As chamas consumiram uma grande área de pinheiros e eucaliptos. Antes de ser dominado, por duas vezes o mesmo incêndio se reacente, como aconteceu, por exemplo, ontem, à tarde.

O Chefe dos bombeiros do Cartaxo, Fernando Pombo, informou que as chamas só foram dominadas após muitas horas de esforços, considerando-se o fogo extinto hoje pelas 8 horas da manhã, havendo ainda o receio de se reacender ou ser novamente activado por criminosos, tanto mais que logo de início avançava em várias frentes.

No combate estiveram envolvidadas corporações de Alpiarça, Almeirim, Pernes e Santarém além dos bombeiros do Cartaxo.

Outro incêndio destruíu cerca de vinte hectares de pinhal em Gatões, concelho de Montemor-o-Velho, anunciaram os bombeiros locais.

Os bombeiros de Montemor e a GNR, contactadas referiram tratar-se possivelmente, de mais um fogo-posto, pois foi vista uma avioneta vermelha, não identificada, a sebrovoar por duas vezes o local onde cinco minutos depois da última passagem do aparelho o fogo se declarou.

O incêndio ficou extinto às 21.00 h, tendo participado no ataque às chamas os bombeiros de Montemor e populares.

Em Carrazeda de Anciães deflagrou no final da terde de ontem um incêndio de oito quilómetros de frente na área do Vale de Marzação, ocorrendo ao local todas as corporações do concelho e de Mirandela.

O sinistro chegou a colocar em perigo a aldeia de Marzagão e está a destruir uma grande floresta de pinheiros, sobreiros e castanheiros atingindo já as proximidades de Lavandaria, Linhares e Campelos.

«Alerta Laranja» em Setúbal

Também as corporações de bombeiros do distrito de Setúbal se encontram de prevenção até às zero horas de hoje em operação designada «Alerta Laranja» — revelou uma fonte dos bombeiros.

«Essa prevenção que foi decretada pelo Serviço Nacional de Bombeiros, tem por objectivo manter as corporações em estado de alerta face à eventualidade dos incêndios» — acrescentou.

O mesmo informador afirmou que o comando operacional dos bombeiros de Setúbal tem recebido «muitas chamadas telefónicas sobre um sismo que estaria para acontecer na região do Montijo».

«Posso assegurar que não é por isso que estamos de prevenção, mas sim devido à vaga de calor e à influência que este aspecto tem em relação aos fogos» — frisou.

«Inclusivamente — prosseguiu — foi o próprio Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica que nos assegurou não estar previsto acontecer nenhum sismo».

Do Batalhão de Sapadores Bombeiros disseram por seu turno que «na área específica de Lisboa não existe prevenção nos quartéis de bombeiros».

«Estamos aqui como acontece todas as madrugadas, mas prevenção não existe».

Salientou depois ser «natural que as corporações de bombeiros da região de Setúbal, Sintra, entre muitas outras onde existam matas perto, se encontrem de prevenção devido à possibilidade de um incêndio».

«Nessas zonas a possibilidade de incêndio é sempre maior».

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

Três amigos encontram-se à mesa do café e cada qual falou dos concertos e desconcertos do mundo.

1) «Atravessei na minha vida tempos fifíceis. Nenhum tanto como naquele ano de 1943, quando fui despedido a seguir à greve dos metalúrgicos. Foi mesmo um osso mau de roer. «A casa não podia ir porque a todo o momento podiam entrar visitas indesejáveis. No fim do segundo dia os tostões esgotaram-se. Comida, nem vê-la. Aguinha do chafariz e era uma sorte. Já começava a ter vertigens...

«De repente, dei de caras com um casal exótico e ela perguntou onde ficava a Rua Tenente Valadim.

Acompanhei-os até lá. Então a mulher abriu o cesto, tirou um pão cozido com chouriço, pediu que aceitasse.

«Estão a ver se não aceitei. A mulher olhou-me de uma maneira que não sei explicar, quando estendi a mão demasiado depressa. Ela não sabia de nada, mas decerto haverá uma zona onde as pessoas se encontrem sempre.»

2) «Há dois anos passei alguns dias numa cidade. Não importa o nome. Uma cidade portuguesa e está tudo dito.

«Grande parte estava em obras. Ia ali fazer-se um estendal de prédios que Deus me livre. Se era negócio chorudo, podem imaginar.

«Foi então que, escavando o buldozer mais fundo, deram com outra cidade lá em baixo, eram colunas, eram tectos, eram pinturas, eram tijolos...

«Bicuaite!, gritou o dono das obras. Bicuiate e vamos andar depressa. Toca a meter cimento, se não aparecem por aí esses chatos das ruínas e embargam-me a obra.

«Andaram depressa. Os prédios são aqueles novos, duas e três assoalhadas...»

3) «Neste fim de Agosto houve umas noites quentíssimas. 'Sufocantes', como se diz nos romances baratos. Foi numa dessas que o meu rapaz, catorye anos de alfacinhice, me veio acordar:

– «Pai, anda depressa ao meu quarto...

– «Que é que há?

– «Anda...

«Lá fui, ensonado e suado. Perguntou-me se não ouvia nada. Não, não ouvia nada de especial.

– «Não ouves este ruído? Repara bem. Parece uma bomba relógio...

«Finquei os ouvidos. Era o rac, rac de uma cigarra empoleirada nos ramos lá fora. 'Uma cigarra? – dizia ele – o que é isso?'

«Aqui assustei-me um bocado. Um rapaz conhece as bombas de relógio e ignora o resto. Influências da TV, pensei.

«Mas os culpados são muitos...»

Era uma vez um armazém

Era uma vez um armazém em Loures...

Assim poderia começar e acabar a história de mais um edifício clandestino, naquele concelho. Tudo começara há perto de dois anos, quando a construção foi embargada, por não ter sido devidamente autorizada.

O construtor é que não acatou a ordem de demolição das estruturas entretanto instaladas, de que foi notificado pela Câmara de Loures. Pelo contrário, enquanto o caso seguia os seus trâmites em tribunal, o edifício acabava de ser construído.

Quando os operários ontem chegaram para a demolição e abriram as portas do armazem, tiveram uma grande supresa: por entre a diversidade dos artigos avultavam produtos alimentares e componentes «video».

O problema ultrapassava mesmo o âmbito da GNR que cobria a operação. A Guarda Fiscal foi, pois, chamada a tomar conta desta nova faceta de um simples caso de demolição.

A moral da história não parece ser muito difícil de perceber. Quanto ao construtor, adivinha-se o que lhe vai no espírito. A população tem razões para dormir mais descansada, porque no sítio da demolição deverá surgir, de acordo com os planos feitos, uma zona de equipamento desportivo. E a autarquia aproveita, mais uma vez, para visar que construir assim, sem licença, não compensa...

Talvez as canalizações metam vírus...

Vila Real já tem água mas com algumas reservas

A Câmara Municipal de Vila Real informou, ontem que a água da rede de abastecimento público daquele município encontra-se própria para consumo, à excepção da que é distribuída na Rua Morgado Mateus.

No domingo passado, em algumas zonas do município, a água da rede pública apareceu nas torneiras com bichos semelhantes a larvas o que alarmou a população vila-realense.

Apesar da Câmara Municipal garantir que a água já se encontra própria para consumo, outras entidades têm vindo a público com posições divergentes.

Um técnico dos serviços de saúde disse que até à obtenção dos resultados definitivos das análises, que foram mandadas efectuar no Instituto Ricardo Jorge, no Porto, «a população se deve abster de beber água da rede pública».

Segundo o vice-presidente da Câmara, só na segunda-feira serão conhecidos os resultados definitivos das análises.

Um técnico responsável pelos serviços Municipais de Água e Saneamento, por sua vez disse, que «agora a água está própria para consumo, pelo menos à saída do depósito que julgamos ter estado na origem da deficiência que provocou o aparecimento dos bichos».

José Amaral acrescentou que «é natural que haja, na canalização, qualquer ruptura por onde passem alguns vírus e por isso recomendamos à população os maiores cuidados no consumo de água».

Entretanto diversas forças políticas emitiram comunicados sobre o problema criticado a actuação da Câmara Municipal.

Um comunicado do PS do distrito de Vila Real classifica a actuação da Câmara de «irresponsável» acrescentando que a delegação de saúde é «conivente» com esta actuação.

Por seu turno, a Juventude Centrista, em comunicado divulgado, manifesta «grande preocupação sobre o sucedido» e considera que a Câmara «deveria alertar honesta e atempadamente a população» sobre o problema.

A Juventude Centrista acusa a Câmara de tratar o problema com «leviandade» o que considera um «desrespeito para com a população de Vila Real».

Campo Pequeno será adjudicado em breve

A decisão final sobre o concurso de exploração da Praça de Touros do Campo Pequeno poderá ser anunciada na próxima semana – disse o provedor da Casa Pia.

A escolha entre as 11 propostas recebidas e abertas a 5 de Julho último está agora dependente do parecer técnico encomendado pela Casa Pia a um gabinete de estudos económicos.

Esse relatório, que em princípio devia ter ficado pronto há 15 dias, será entregue em breve e com base nele a Casa Pia tomará uma decisão, sujeita a ratificação da Secretaria de Estado da Segurança Social.

O concurso prevê a concessão da exploração até ao máximo de 30 anos, mas nem todas as empresas concorrentes se habilitaram a esse prazo máximo, ficando algumas pelos dez ou 15 anos.

Temos de ponderar cuidadosamente todos os factores em jogo antes de decidir qual a proposta economicamente mais vantajosa para a Casa Pia» – disse o provedor.

«Foi por esse motivo que, dada a complexidade do problema, solicitámos o parecer de um gabinete de estudos económicos e a demora na atribuição do contrato tem resultado apenas na demora dos técnicos, a elaboração do seu relatório».

Casa do Douro empenha-se em preços bons para o vinho

Um informador da Casa do Douro disse qeu a instituição tudo fará para conseguir a publicação de novas tabelas de escoamento de vinhos de pasto, da colheita de 1983, por considerar os preços fixados «bastante inferiores» aos propostos pela direcção.

Joaquim Veríssimo, da direcção, acrescentou que a Casa do Douro está a encetar diligências no sentido de conseguir do Governo a alteração das tabelas aprovadas para níveis que se aproximem tanto quanto possível, dos custos de produção suportados pelo viticultor.

«Consciente, todavia, das prementes dificuldades financeiras que os viticultores atravessam, no que diz respeito aos vinhos de pasto, decidiu a Casa do Douro promover desde já a liquidação aos interesados dos vinhos entregues pelo valor já aprovado na respectiva tabela» — sublinhou.

Aquele porta-voz afirmou ainda que, na intenção de demover o Governo a alterar os preços por ele fixados, a Casa do Douro procederá então aos respectivos acertos.

Os preços fixados na tabela de escoamento de vinhos de pasto da colheita de 1983 foram recentemente publicados por um despacho conjunto dos secretários de Estado da Alimentação e do Comércio Externo.

Cadastro compete à Casa do Douro

O Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro esclareceu ontem que a actualização do cadastro, reconversão de vinhas ou novas plantações são factores que não dependem do centro, mas sim da Casa do Douro.

Numa nota divulgada acerca das reivindicações apresentadas por alguns viticultores da região duriense, o centro diz que o seu papel é meramente executivo como delegado do Instituto de Gestão e Estruturação Fundiária ou da orientação ministerial do sector, sendo benefício da Casa do Douro, com base em portaria regulamentar, a actualização do cadastro.

Ainda a este propósito, o centro esclarece que lhe incumbe somente uma gestão equilibrada da vitivinicultura da região, mormente no âmbito da investigação científica, estudo da adaptação de conhecimentos aos condicionalismos regionais e o fomento e apoio vitivinícola, entre outras missões.

As reivindicações apresentadas por alguns viticultores da região duriense incidiram sobre a legalização de vinhas, preços de escoamentos e plantações maciças duma companhia produtora e exportadora e, isenção de taxa de dez por cento por pé plantado até 1979.

EXT.S SÉNECA-S. GAMA
Av. Almirante Reis, 73 e 106 — Tel.: 52 00 92 e 82 27 76
UM ENSINO RESPONSÁVEL ◆ UM ENSINO RESPONSÁVEL ◆ UM ENSINO RESPONSÁVEL

24 horas

Acordo em Israel

Shimon Peres, dirigente do Partido Trabalhista, e o chefe de Bloco Likut, Yitzak Shamir, chegaram a acordo sobre a formação de um Governo de Unidade incluindo os dois partidos. De acordo com a fórmula já estipulada, Peres chefiara o novo governo israelita nos primeiros 25 meses, desempenhando Shamir, durante esse período, os encargos do vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros. Volvido esse tempo, os cargos serão invertidos, e o líder do Likud passará a chefiar o executivo. No entanto ainda falta resolver alguns detalhes, esperando-se qua amanhã à tarde, após uma nova série de consultas, seja dado a conhecer o elenco governamental, bem como algumas das linhas que irão nortear o futuro governo de Telavive.

Dali hospitalizado

O pintor espanhol Salvador Dali deu entrada sexta-feira numa clínica de Barcelona, a fim de receber tratamento a queimaduras sofridas no dia anterior. Dali foi transportado de ambulância da sua residência, o Castelo de Pubol, para a Clínica Pilar, depois de os médicos o terem convencido a receber tratamento hospitalar. O pintor, que sofreu queimaduras de primeiro grau numa perna quando deflagrou um incêndio no seu quarto na quinta-feira, deverá ficar internado três ou quatro dias.

Sandinistas no Vaticano

Uma delegação governamental nicaraguense visitará na próxima semana o Vaticano para debater as actuais relações, informaram sexta-feira fontes eclesiásticas e governamentais. A delegação, composta entre outros pelo ministro dos Assuntos Sociais, Reinaldo Tefel, e pelo ministro Secretário da Junta Governamental, Rodrigo Reyes, partirá para Roma na segunda-feira. O governo nicaraguense pretende ultrapassar as divergências com o Vaticano, que tem exigido que os sacerdotes católicos que fazem parte do governo da Nicarágua abandonem os seus lugares. Trata-se do ministro da Cultura, Ernesto Cardenal, do ministro dos Negócios Estrangeiros, Miguel D'Escoto e do ministro da Educação, Fernando Cardenal, todos padres católicos.

Bomba em Cabul

A explosão de uma bomba no Aeroporto internacional de Cabul provocou ontem um número indeterminado de mortos e feridos, noticiou a Ráadio Afeganistão. A emissora, captada em Nova Deli, disse que entre as vítimas há muitas mulheres e crianças e atribuiu o atentado a elementos contra-revolucionários. A mesma fonte acrescentou que a bomba foi colocada no principal terminal do aeroporto da capital afegã e anunciou que as autoridades iniciaram uma investigação.

Reivindicações da UNITA

A UNITA disse ontem ter morto 195 soldados angolanos e 28 cubanos em diversas acções de combate em Angola na semana de 22 a 29 de Agosto. Um ataque à localidade Xaxito, 50 quilómetros a nordeste de Luanda, resultou em 37 soldados das FAPLA mortos e dois feitos prisioneiros, bem como na destruição de material bálico — acrescenta a UNITA num comunicado distribuído em Lisboa. Na província de Huambo, foi atacada a vila de Boas-Águas, com um balanço de 41 soldados angolanos mortos. O comunicado refere ainda outros ataques nas provinciais de Kwanza Norte, Huíla, Kuando Kubango, Bié, Moxico e Luanda, de que resultaram um total de 18 soldados capturados e sete mortos, 19 feridos e um desaparecido para a UNITA.

Manif. anti-Camorra

Duas mil pessoas participaram ontem numa manifestação contra a «Camorra», em Torre Annunziata, localidade napolitana onde no dia 26 oito pessoas morreram num ajuste de contas entre bandos rivais. A manifestação, convocada pela Câmara de Torre Annunziata e pelos três sindicatos mais fortes do país, o «CGIL» (comunista) «CISL» (democrata-cristão) e o «UIL» (socialista), assistiram também representantes da Câmara de Nápoles, assim como alguns membros da Comissão Parlamentar anti-Mafia. Efectivos da Polícia vigiaram o desenrolar da manifestaçao, com o auxílio de um helicóptero que sobrevoava a zona. De manhã, os comerciantes e os trabalhadores da indústria desta zona realizaram uma greve de quatro horas, em sinal de repúdio pela acção da «Camorra».

No 15.º aniversário da subida ao poder de Khadafy

União entre Marrocos e a Líbia deverá entrar hoje em vigor

A união entre Marrocos e a Líbia deverá entrar hoje em vigor, 15.º aniversário da subida ao poder do coronel Moammar Khadafy, depois de os marroquinos a terem aprovado por esmagadora maioria num referendo.

Os resultados finais divulgados hoje pelo ministério marroquino do Interior indicam ter havido 7 490 514 votos a favor da união e 2130 contra, numa afluência de 97 por cento de eleitores ao referendo de sexta-feira.

O tratado, assinado pelo rei hassan II de Marrocos e por Khadafy no passado dia 13 de Agosto, foi aprovado na sexta-feira em Tripoli por unanimidade pelo Congresso Geral do Povo.

O primeiro-ministro marroquino, Mohamed Karim Lamrani, representará o rei nas cerimónias que hoje assinalarão em Tripoli a revolução que depôs a monarquia e levou Khadafy ao poder.

Entretanto, o presidente francês, François Mitterrand, regressou na sexta-feira a Marrocos e deverá ter novas conversações com Hassan, depois de já ter conferenciado com o soberano a meio desta semana.

O tratado com a Líbia é um dos temas de conversações entre os dois dirigentes.

A Líbia deverá dar hoje a sua aprovação formal ao tratado, que representa um passo na direcção do sonho de unidade árabe de Khadafy, depois do malogro de anteriores tentativas de união com a Síria, a Tunísia e o Egipto.

O tratado prevê a criação de um secretariado-geral chefiado por um marroquino e sediado em Tripoli, com conselhos conjuntos sobre assuntos políticos, de defesa, económicos e culturais.

O tratado liga igualmente os dois estados, a 330 quilómetros de distância um do outro e separados pela Tunísia e pela Argélia, num pacto de defesa mutua.

Marrocos, com 22 milhões de habitantes, poderá vir a beneficiar de mais postos de trabalho para os seus trabalhadores na Líbia, mais investimentos líbios e a possibilidades de concessões de exploração petrolífera.

Diplomatas nas duas capitais indicam que o tratado poderá ter como consequência o fim do apoio líbio à Frente Polisário, que luta pela independência do Sara Ocidental.

Diplomatas franceses em Rabat sugerem que Hassan II poderá ter uma influência moderadora sobre Khadafy, ajudando possivelmente a conseguir uma retirada negociada das tropas líbias e francesas do Chade.

As comemorações da Revolução Líbia culminarão hoje ao fim da tarde com um desfile militar e um discurso de Khadafy, que há 15 anos liderou um grupo de 12 oficiais subalternos num golpe de Estado que pôs fim à monarquia.

Nestes 15 anos, Khadafy fez da Líbia um estado socialista, onde a medicina e a educação são gratuitas e a miséria não existe. Ao mesmo tempo, tem sido frequentemente acusado de apoiar terroristas, revoluções e guerras civis e por vezes de mudar de campo a meio dos acontecimentos.

Esta semana, Khadafy inaugurou um ambicioso projecto para bombear água de sob o deserto, que cobre 95 por cento do território do país, para a costa, onde vive a maior parte da população. O projecto, orçado em milhares de milhões de dólares e que está a ser construído com o apoio de empresas norte-americanas, deverá fornecer água para irrigação e consumo doméstico durante pelo menos 50 anos.

Fontes ocidentais prevêem que, no seu discurso de hoje, Khadafy faça alguma declarações importantes no campo da política externa.

Ontem, como gesto de boa vontade, Khadafy libertou dois britânicos detidos na Líbia e há indícios de que a sua atitude em relação à Itália, antiga potência colonial da Líbia, possa estar a modificar-se.

Aniversário do "Solidariedade" comemorado na Polónia

Milhares de pessoas participaram ontem em manifestações pacíficas promovidas pela extinta central sindical «Solidariedade» em várias cidades polacas para recordar o quarto aniversário da sua fundação.

Em Gdansk, o dirigente do «Solidariedade», Lech Walesa, dirigiu uma cerimónia junto do monumento a trabalhadores vítimas da repressão e participou em duas missas celebradas para comemorar o dia em que foram assinados com o Governo os acordos que legitimaram a central sindical independente.

Cerca de 5 mil pessoas participaram numa missa na Catedral de São João, em Varsóvia.

Só em Wroclw, no sudoeste da Polónia, há informações de detenções durante uma manifestação semelhante à de Gdansk. Vladislava Frasiniuk e Josef Pinior, dois antigos dirigentes da «Solidariedade» libertados recentemente por ocasião da amnistia governamental, foram detidos numa celebração pública do aniversário da central.

As mulheres dos dois activistas também foram detidas mas libertadas pouco depois, segundo disse uma delas, Kristina Frasiniuk.

A agência polaca anunciou, mais tarde, que os dois activistas foram condenados a dois meses de prisão por «tentarem perturbar a ordem pública».

À saída da Catedral de São João, em Varsóvia, cerca de duas mil pessoas tentaram organizar uma manifestação e chegaram a manter-se reunidas gritando palavras de ordem a favor do «Solidariedade» e erguendo bandeirolas, mas a Polícia de choque avisou através de altifalantes que não permitiria uma manifestação.

Por seu lado a Igreja Católica apelou através dos seus dignitários e dos párocos nas igrejas à paz nas celebrações.

O comportamento das autoridades durante as manifestações de ontem mostrou que o Governo almejava o mesmo objectivo.

Um alto dignitário da Igreja deu há dias uma entrevista afirmando que o pluralismo sindical poderia voltar à Polónia, mas avisando uma vez mais que o processo teria de ser pacífico.

Na cerimónia em que participou, Walesa limitou-se a agradecer aos cerca de 1500 trabalhadores que se lhe juntaram, não tendo lido o discurso que antecipadamente distribuiu à Imprensa, com receio de que as autoridades policiais não permitissem a sua leitura na ocasião.

Na cidade de Bidgoszcz, no Nordeste do país, participaram numa missa cerca de 5 mil pessoas que dispersaram ordeiramente.

Vaticano condena "desvios" da Teologia da Libertação

O Vaticano condenou os «desvios» à «Teologia da Libertação», que apoiados na análise marxista da luta de classes, «se afastam gravemente da fé da Igreja e chegam à negação prática dessa fé».

Um documento publicado no «Globo» do Rio de Janeiro e intitulado «Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação», e assinado pelo cardeal José Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para a doutrina e Fé, com a aprovação do Papa João Paulo II.

O texto de 35 páginas foi distribuído reservadamente a alguns bispos e será publicado oficialmente na próxima segunda-feira.

A finalidade do texto, segundo diz, «é chamar a atenção dos padres, dos teólogos e de todos os fiéis sobre os desvios ou perigos prejudiciais à fé cristã, inerentes a certas formas de «Teologia da Libertação», que utilizam conceitos de diversas correntes do pensamento marxista».

Depois de analizar os desvios de algumas «Teologias da Libertação», o texto recorda que «o pensamento de Marx constitui uma concepção totalizante do mundo».

Para Marx, «a lei fundamental da História, que é a lei da luta de classes, implica que a sociedade está fundada sobre a violência».

«À violência, que constitui a relação da dominação dos ricos sobre os pobres, prossegue — havia que responder com a contraviolência revolucionária, mediante a qual a relação seria invertida».

O documento do Vaticano deduz que, partindo destas premissas marxistas, «toda e qualquer afirmação de fé ou de teologia está subordinada a um critério político, que por sua vez, dependa da teoria da luta de classes como motor da História».

O último capítulo é dedicado a «orientações e conclusões».

Adverte, em primeiro lugar, que este documento de rectificação dos graves desvios de algumas «Teologias da Libertação» não deve ser entendido como uma aprovação, nem sequer indirecta, dos que contribuem para manter a miséria do povo.

Finalmente, pede a todos os sacerdotes dedicados à evangelização e à promoção da pessoa humana que «o façam em comunhão com o seu bispo e com a Igreja», e os teólogos que «colaborem lealmente no espírito de diálogo com o ministério da Igreja.

Na RFA, "Beru Ve

Quatro ro por pern

Quatro professores a mães-federais vão ser jul dos a partir de segunda-fe em Hanover (RFA) sob a a sação de pertencerem ao P tido Comunista (DKP) da pública Federal da Alemanh anunciou ontem o jor «Frankfurter Rundsschau».

Os quatro réus são acu dos de terem violado a lei (ruf's Verbot) que proíbe os cionários públicos alemã federais de serem filiados DKP.

Os acusados foram candi tos oficiais por aquele par às eleições autárquicas 1981, devendo por isso expulsos da Função Púb por vontade do Governo re nal da Baixa Saxónia.

A conferência dos Minis Presidentes dos Estados derados da RFA declarou, 1971, quando estava no p o Partido Social-Democrat então chanceler Willy Bran DKP como uma «organiza inconstitucional», impedi aos trabalhadores do Esta filiação naquele partido.

Após encontro e Pre

Crockee na paz p

O secretário de Estado-adju norte-americano para os Ass tos Africanos, Chester Crocke o ministro sul-africano dos Ne cios Estrangeiros, Roelof Bot manifestaram ontem confia nas perspectivas de paz na Áf Austral.

Crocker declarou à Impre terem sido «extremamente po vas» as suas conversações c Botha: «É nossa impressão não há portas fechadas para

Chester Crocker e Roelof «Pik»quar

Queda do 3 dos mísseis

A destruição de um protótipo bombardeiro nuclear «B1» adi os lançamentos experimentais novos mísseis do tipo Cruzeir partir da aeronave, informou s ta-feira a Força Aérea dos E dos Unidos.

A Força Aérea admitiu ass pela primeira vez, as consequ cias negativas da destruição

f's Verbot" ataca de novo

professores vão ser julgados tencerem ao PC

Destacados escritores, cientistas e deputados da oposição social-democrata (SPD) e dos «Verdes» apoia a luta dos quatro professores contra o Beruf's Verbot classificando o processo de «acção arbitrária e inconstitucional».

Contra outros 11 professores daquele estado federado estão a correr actualmente processos disciplinares pelo mesmo motivo.

«Nenhum dos funcionários foi até agora acusado de ter cometido qualquer falha profissional», afirma o «Frankfurter Rundschau».

O presidente do Tribunal Administrativo encarregado de julgar o processo, Otto Groschupfe, considera que «a personalidade de um réu e o seu comportamento global são insignificantes».

Segundo o «Frankfurter Rundschau», Groschup' já foi, em processos anteriores, afastado de alguns julgamentos por ter sido considerado parcial ao defender publicamente a inconstitucionalidade do DKP.

Aquela classificação não deve ser da competência de um juiz, mas antes, segundo a lei fundamental alemã-federal, do Tribunal Federal Constitucional.

Em 12 anos 6800 casos

Os deputados sociais-democratas no Parlamento Federal de Harôver anunciaram publicamente que, caso os quatro professores sejam despedidos, serão reintegrados no serviço logo que o seu Partido tenha a maioria governamental.

O Sindicato dos Professores que tem a seu cargo a protecção jurídica dos réus acusa o Governo da Baixa Saxónia de «violar os direitos democráticos fundamentais ao processar pessoas pelas suas convicções políticas».

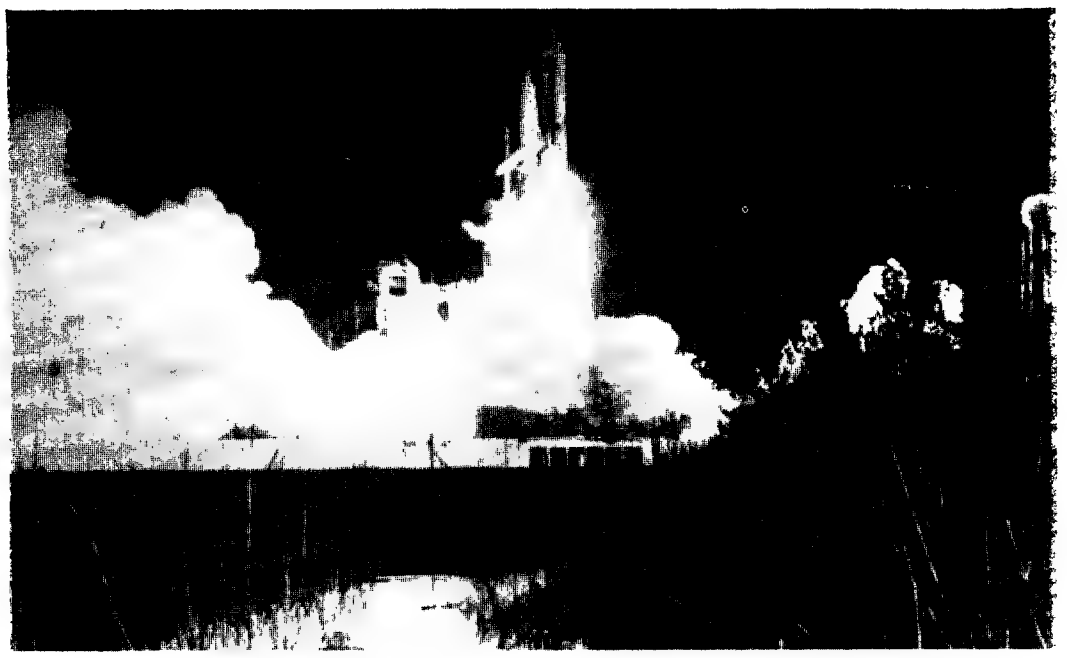
A Confederação dos Sindicatos Alemães-Federais, DGB, secção de Hanôver, enviou uma carta ao chefe do Governo Regional Ernst Albrecht (cristão-democrata-CDU) a solicitar que os processos sejam arquivados.

Uma das acusadas, Anke Pfitzner, professora há mais de 20 anos numa escola primária dos arredores de Hanôver classificou na quinta-feira a acusação do tribunal como «uma difamação».

Desde 1972 foram registados 6800 casos de funcionários públicos processados judicialmente por filiação no DKP revelou, quinta-feira, o porta-voz da organização «Fora com o Beruf' Verbot», Horst Betghe.

Bethge revelou igualmente que desde aquela data foram fiscalizadas as actividades políticas de 6,4 milhões de funcionários públicos ou candidatos ao funcionalismo pelas autoridades alemãs-federais.

Na próxima semana a Organização Internacional de Trabalho (OIT) analisará um relatório elaborado por uma comissão recentemente formada em Genebra sobre o «Beruf's Verbot» na RFA.



O «Dsiscovery» na altura do lançamento: até agora tudo vai bem com a missão do «vaivem».

"Discovery" largou segundo satélite

Os seis astronautas a bordo do «Vaivém» espacial norte-americano «Discovery» concluíram ontem com êxito o segundo dos seis dias de missão, com lançamento do segundo satélite de comunicações.

O «Leaser-2» foi ontem colocado na órbita às 14.17 m de Lisboa, quando a nave sobrevoava o continente africano. Este satélite, propriedade da Marinha dos Estados Unidos, é o primeiro de quatro aparelhos, especialmente projectados para um lançamento pelo «Vaivém» e que, quando em órbita geosincrona, possuem movimento giratório estabilizado que previne dos efeitos da prolongada exposição aos raios solares.

Quando se encontrar a cerca de 50 metros da nave norte-americana. o satélite accionará automaticamente pequenos foguetes propulsoares que durante 11 minutos porão o «Learsat» numa órbita circular com uma inclinação de três graus em relação ao Equador.

O lançamento, sem problemas, deste engenho, tranquilizou a NASA que, após a perda de dois satélites em anteriores missões, se arriscava a perder crédito junto dos seus clientes, pondo deste modo em causa a exploração comercial destes voos.

m Pretória

r e Botha confiantes para a África Austral

se progrida no processo de pacificação na África Austral. Isto tem uma grande prioridade para os nossos Governos e tencionamos mantê-la».

Por seu turno, Botha afirmou que as conversações trataram essencialmente da Namíbia, mas também de outros assuntos: «Decidimos que está aberta a via para mais soluções pacíficas na África Austral».

Depois de terminar a sua visita à Africa do Sul, que se segue a uma visita efectuada a Cabo Verde, Chester Crocker vai à Zâmbia e à Tanzânia.

Entretanto, em Havana, assuntos da África Austral estão a ser debatidos com as autoridades cubanas por uma delegação de Angola que é chefiada pelo ministro do Interior, Alexandre Rodrigues «Kito». A caminho de Cuba, na quinta-feira, «Kito» foi informado do andamento das conversações entre Crocker e o Governo de Cabo Verde.

Entretanto, o primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha, avisou ontem os Estados negros vizinhos que recusam normalizar relações com Pretória do «caminho impossível» que escolheram.

«Espero sinceramente que aqueles Estados da região que ainda se recusam a normalizar relações com a África do Sul se capacitem depressa de que escolheram um caminho impossível», disse Botha. «Se continuarem a dar preferência a uma relação conflituosa e hostil, os seus povos serão afinal quem mais sofrerá», acrescentou.

Na sua última intervenção pública antes de entrar em vigor, na próxima semana, a nova Constituição sul-africana, Botha avisou, igualmente, as superpotências da firme determinação da África do Sul de se defender por todos os meios ao seu alcance, «caso elas se empenhem num conflito para destruir as estruturas sociais sul-africanas», isto é, o regime de segregação racial, «apartheid».

«A confrontação pode ser evitada se a URSS e os EUA se envolverem de forma que demonstre claramente que desejam apenas actuar em defesa dos interesses verdadeiros dos seus amigos e não por considerarem a região como apenas mais uma arena de luta Leste-Oeste pelo poder», disse Botha.

quando divulgavam à Imprensa o teor das suas conversações

Animo em Bogotá

Iniciada a pacificação na Colômbia

A Colômbia iniciou um processo de paz com o acordo de cessar-fogo entre grupos guerrilheiros e o Governo nacional que será vigiado por dois sectores, anunciaram ontem as autoridades de Bogotá.

O presidente colombiano, Belisário Betancur, saudou a «nova pátria da paz e da esperança» depois de ter assinado o cessar-fogo com o Movimento 19 de Abril (M-19), o Exército Popular de Libertação (EPL) e um sector de Autodefesa Operária (ADO). Betancour disse que «é uma aposta na dignidade do ser humano aquela que iniciamos, porque um Estado que não está de modo nenhum em perigo devido aos grupos armados e que poderia ser prepotente, efectua gestos de aproximação e de reconhecimento para com a totalidade dos seus compatriotas».

O presidente colombiano insistiu em que nunca antes se tinha vivido um processo «tão duro, tão complicado, tão susceptível de más interpretações, como o que se viveu a partir da aprovação da Lei de Amnistia de 1982» e indicou que os dirigentes do país têm obrigação de «ver através das brumas».

Por seu lado, os comandantes do M-19 afirmaram que «a luta política pelo poder continua «e silenciamos as espingardas para que a Colômbia se possa exprimir».

Após 14 anos de lutas clandestinas o M-19 jurou que todos os seus membros acatariam a ordem de cessar-fogo e outros acordos com o Governo.

O EPL anunciou também que não efectuaria nenhuma «acção terrorista» a partir do início da trégua.

Por seu turno, as Forças Armadas reiteraram o apoio ao processo de pacificação levado a cabo pelo Governo e salientaram que a sua conduta se fundamenta na Constituição.

«Temos a certeza que o presidente não irá transgredir a lei» – afirmou o general Miguel Vega Uribe, ministro da Defesa.

Entretanto, o presidente da «Comissão de Paz», o ex-ministro John Agudelo Rios, disse que «pacificar foi uma tarefa brilhante mas manter a paz será uma tarefa histórica».

Conferência de desarmamento

Novo impasse em Genebra

A Conferência de Desarmamento de Genebra concluiu ontem a sua sessão de sexta-feira em impasse sobre os principais temas e depois de um último ataque contra os Estados Unidos.

Num discurso final em que criticou todos os elementos da política armamentista norte-americana, o embaixador soviético Victor Issraelyan criticou o presidente Ronald Reagan por ter criado uma «explosão da corrida aos armamentos» e «proclamado uma cruzada contra o comunismo».

Issraelyan acrescentou que os Estados Unidos torpedearam o seu próprio projecto de tratado de proibição de armas químicas, apresentado em Abril, assim como causou a interrupção das conversações soviético-norte-americanas sobre mísseis em Novembro passado.

O embaixador soviético disse ainda que «nenhuma outra administração norte-americana ao longo dos últimos 20 anos chegou ao fim do seu mandato de quatro anos com as mãos vazias no que se refere a acordos sobre limitação de armamentos».

O chefe da delegação norte-americana, Louis Fields, disse que não iria responder às declarações de Issraelyan, que «não reflectem com exactidão muitos factos das situações».

A conferência, que reuniu representantes de 40 países, não conseguiu chegar a acordo sobre os mandatos para que órgãos subsidiários discutissem quatro dos pontos principais da agenda: proibir testes nucleares incluindo os subterrâneos, evitar uma corrida aos armamentos no espaço exterior, evitar a guerra nuclear e conseguir o desarmamento nuclear.

Sobre cada um destes temas, o Estados Unidos e seus aliados estiveram em desacordo com os países do bloco soviético, apoiados por Estados neutros e não alinhados, quanto à redacção dos textos dos mandatos.

Este desacordo resultou em impasse, uma vez que a Conferência aprova as decisões por consenso. Os trabalhos serão retomados a 5 de Fevereiro.

"B 1" afecta lançamentos s de "Cruzeiro"

aparelho, que se despenhou quarta-feira no deserto de Mojava, Califórnia, quando realizava um voo experimental.

No desastre morreu o co-piloto do avião, Douglas Benefield, o piloto de ensaio mais experimentado da empresa Rockwell Internactional, que construiu os quatro protótipos do aparelho.

Uma equipa de investigadores do Pentágono e da empresa construtora dos aviões está a investigar as causas da queda do aparelho, quando este voava a uma altitude de mil metros e a uma velocidade média de 333 km/hora.

«O bombardeiro B-1 não se encontra apto a realizar as provas de lançamento de mísseis Cruzeiro, pelo que teremos que utilizar outro avião», afirmou numa conferência de Imprensa o major-general Peter W. Odegers, referindo-se ao novo protótipo B-1B, a versão modificada dos bombardeiros que a empresa Rockwell projecta apresentar na próxima terça-feira.

EXTERNATO
ÁLVARES CABRAL
AV. GRÃO VASCO Nº 1 - LISBOA - (BENFICA) - TELS 706974 - 706751
PREPARATÓRIO - UNIFICADO
GERAL - COMPLEMENTAR
DIURNO - NOCTURNO
INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O ANO LECTIVO 1984/85

Listagem das empresas com salários em atraso

Em vez de apontar soluções Governo lança o descrédito

— *acusa o PCP*

«O chamado estudo e a listagem sobre empresas com salários em atraso – elaborado sem quaisquer critérios e tornado público pela Secretaria de Estado do Trabalho em vez de apontar, como é propagandeado, medidas e soluções para salvar as empresas em causa, constitui, pelo contrário, um mal disfarçado instrumento de desestabilização da vida económica e financeira dessas mesmas empresas» – afirma o PCP, em nota ontem divulgada pela SIP.

«Ao publicitar tal listagem» – sublinha o documento – «é óbvio que o Governo está a contribuir para a criação de um ambiente de descrédito e descontiança (de que, por exemplo, já se fez eco o «Financial Times») nas actividades e na própria viabilidade dessas empresas, abrindo caminho, em linha recta, ao desencadeamento de uma nova e gravíssima onda de falências, que a desastrosa política do Governo PS/PSD tem fomentado irresponsavelmente, conduzindo ao colapso largos sectores da economia».

O PCP lembra depois que, como tem insistentemente demonstrado e denunciado, «o grave escândalo social que constitui a existência de muitas dezenas de milhar de trabalhadores com salários em atraso, é a consequência, por um lado, da desastrosa política económica e financeira do Governo PS/PSD e, por outro, da sua cumplicidade com largos sectores do patronato reaccionário que utilizam o não pagamento de salários como uma escandalosa fonte de lucros suplementares».

Por fim, diz a SIP do PCP, «a única solução para este problema impõe um novo governo democrático, que não só realize uma nova política económica, como também ponha termo à acção deliberada e criminosa de não pagamento de salários, realizada por sectores do patronato reaccionário».

Greve na Lisnave paralisou completamente os estaleiros

A paralisação ontem registada na Lisnave e que se seguiu a outras duas ocorridas a 22 e 23 de Agosto, segundo a comissão de trabalhadores, registou uma adesão total. Os trabalhadores exigem à administração o cumprimento dos compromissos assumidos há três semanas sobre o pagamento de salários em atraso reivindicando ainda a reposição do poder de compra e a garantia dos postos de trabalho.

Os ORT's chamam a atenção em comunicado para o facto de esta situação se verificar numa empresa considerada pelos armadores e clientes como «o melhor estaleiro do mundo». E para reforçar esta imagem sublinham que a Lisnave contribuiu, nos últimos cinco anos, «com cerca de 600 milhões de dólares de entrada de divisas no país» e que «só a facturação do mês de Julho ultrapassou os 900 mil contos».

Excedentários na CTM e CNN

Em consequência da substituição da CTM e da CNN por duas novas empresas «mais bem dimensionadas», anunciada na quarta-feira pelo secretário de Estado da Marinha Mercante, cerca de 1.500 trabalhadores vão ficar na situação de «excedentários», segundo uma fonte citada pela Rádio Comercial.

As duas empresas, que farão o transporte marítimo internacional e o transporte para as ilhas, são constituídas a partir do zero, não tendo assim que suportar as dezenas de milhões de contos de passivo da Companhia Nacional de Navegação, disse a mesma estação.

A CTM e a CNN empregam quatro mil trabalhadoes no seu conjunto.

Trabalhadores do Totobola

Os trabalhadores internos do Totobola vão reunir-se em plenário na segunda-feira, às 12 e 30, na sede da Santa Casa da Misericórdia, podendo deste encontro sair a convocação de uma greve.

Segundo o Sindicato da Função Pública do Sul e Açores, a Provedoria da Santa Casa é a «única responsável por este conflito de imprevisíveis consequências» porque «nada avançou de concreto na resolução dos problemas dos trabalhadores, nomeadamente quanto à natureza do seu vínculo de trabalho».

URSS 1984
• Compare preços... e viaje connosco
• 9 dias — Moscovo e Leninegrado 68.000$00
• 14 dias — itinerários diversos dd 84.500$00 (Báltico-Cáucaso-Siberia-Ásia Central)
• Pensão completa, espectáculo, visitas sociais
• Voando com a АЭРОФЛОТ
• Peça programas detalhados p/ estas e outras viagens

Agiturismo
Rua do Gloria, 43 (aos Restauradores) 1200 Lisboa
Telef 373110/1 Alv Op 414
AGITURISMO

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE VOO DA AVIAÇÃO CIVIL
Rua Pascoal de Melo, 15-5.°-Dt.°
Lisboa — Portugal Telef.: 57 39 09-56 15 68

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo dos artigos 29.°, 30.° e 31.° dos Estatutos convoca-se a Assembleia Geral Extraordinária deste Sindicato a reunir no dia 11 de Setembro de 1984 pelas 14h30 no Hotel Roma, Avenida de Roma, 33, Lisboa.

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Projecto de Regulamento de Fardamentos
2 — Fundo de Reforma — 81

Lisboa, 29 de Agosto de 1984

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(António Dâmaso da Silveira)

NOTA: Artigo 30.2
A Assembleia Geral Extraordinária reunirá à hora marcada desde que esteja presente metade do número de Associados ou uma hora depois com qualquer número

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA
1.° Juízo
ARREMATAÇÃO
3.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.° Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 5 de Setembro de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.° 5-4.°, vão à praça os imóveis abaixo descritos, penhorados a Sociedade de Construções Nunes & Simões, Ld.ª, com sede na Av.ª 5 de Outubro, n.° 158-10.°, Lisboa, no processo de execução fiscal n.° 282/80, instaurado por dívida à Caixa Geral de Depósitos.

BENS PENHORADOS

As fracções abaixo discriminadas do prédio urbano sito na Rua dos Arneiros, n.° 58, Quinta das Palmeiras:
Fracção G — 2.° Dt.° com o valor matricial de 666 000$00.
Fracção I — 3.° Dt.° com o valor matricial de 666 000$00.
Fracção P — 6.° Dt.° com o valor matricial de 666 000$00.
São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Agosto de 1984

O JUIZ DE DIREITO,
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alvéolos)

«DL» — 1/9/1984

No primeiro semestre deste ano

Défice comercial foi de 192 milhões de contos

O défice nas trocas comerciais de Portugal com o exterior, durante o primeiro semestre do corrente ano, foi de 192,8 milhões de contos, mas o saldo negativo é inferior em 9,18 por cento relativamente ao mesmo período de 1983, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

As importações atingiram os 541,7 milhões de contos durante o referido período, enquanto as exportações não passaram de 348,9 milhões de contos. Comparativamente a igual período do ano anterior, houve um crescimento em valor das importações de 23,8 por cento (434,7 milhões de contos em 1983) e de 55 por cento nas exportações (225,1 milhões de contos, também em 1983).

A taxa de cobertura das importações pelas exportações foi de 64,4 por cento superior às calculadas nos períodos homólogos dos cinco anos anteriores: 51,5 em 1983, 40,0 em 1982, 40,3 em 1981, 50,9 em 1980 e 53,8 em 1979.

Nas transacções com os países da OCDE, as importações (363,8 milhões de contos) e as exportações (292,2 milhões de contos) originaram um saldo negativo de 71,5 milhões de contos (37,1 por cento do défice total), que é inferior a 55,7 milhões de contos (43,8 por cento) ao verificado em período idêntico do ano transacto.

No período em observação, Portugal vendeu para os países do Mercado Comum 201,8 milhões de contos de mercadorias (57,8 por cento do total exportado), mais 68,1 milhões de contos (50,9 por cento) do que em 1983, e as nossas compras atingiram os 194,5 milhões de contos (35,9 por cento do total das importações) valor superior em 14,6 milhões de contos (8,1 por cento) ao calculado no mesmo período do ano anterior.

Quanto a esta zona económica, salienta-se ainda que, em relação a igual período de 1983, se passou de um défice de 46,2 milhões de contos para um saldo positivo de 7,3 milhões de contos.

Para esta evolução das nossas trocas comerciais com a Comunidade, contribuiu fundamentalmente, por um lado, o decréscimo do défice com a RFA (de 19,7 por cento em 1983 para 5,8 milhões de contos em 1984) e por outro, a inversão dos défices em saldos positivos verificados com cinco países com realce para o Reino Unido (menos 5,4 por cento em 1983 e 16,0 milhões de contos em 1984) e para a França (menos 1,4 milhões de contos em 1983 e 4,9 milhões de contos em 1984).

A taxa de cobertura com o conjunto dos países que constituem a CEE evoluiu a favor de Portugal, passando de 74,3 para 103,7 por cento.

As nossas importações originárias da EFTA foram de 26,1 milhões de contos o que significa um acréscimo, em valor de 5,5 por cento relativamente a igual período do ano anterior tendo as exportações aumentado de 60,1 por cento. Em resultado desta evolução, verificou-se em 1983 um saldo negativo de 0,8 milhões de contos contra um saldo positivo de 12,3 milhões de contos em 1984.

Quanto aos países da antiga zona do escudo (AZE), observa-se que, nos seis meses em análise, o valor das importações apresentou um acréscimo insignificante (1,6 milhões de contos em 1983 e 1,8 milhões de contos em 1984), enquanto que o valor das exportações aumentou cerca de 58,0 por cento em 1983 e 15,7 milhões de contos em 1984), resultando daqui que o saldo favorável a Portugal passasse de 8,3 no primeiro semestre do ano transacto para 13,9 milhões de contos em idêntico período de 1984.

Esta evolução deve-se fundamentalmente ao aumento das exportações para Angola: 4,8 por cento em 1983 e 10,0 milhões de contos em 1984, que representam, respectivamente, 47,9 por cento e 63,9 por cento das nossas vendas à AZE.

9 No período em análise, os EUA foram o nosso principal fornecedor com 88,9 milhões de contos, sendo também com este país que se registou o maior saldo negativo das nossas trocas comerciais com o exterior (60,0 milhões de contos, que representam 31,1 por cento do défice total).

Com mais de 30,0 milhões de contos de vendas a Portugal seguem-se a RFA (55,1), a França (38,6), O Reino Unido (37,4) e a Espanha (30,8). Estes cinco países totalizam, no conjunto, 250,7 milhões de contos, valor que representa 46,3 por cento do total das nossas importações.

Com 53,4 milhões de contos de compras a Portugal, o Reino Unidos continuou a ser o nosso principal cliente, seguindo-se a RFA (49,3), a França (43,5) os EUA (28,9) e a Holanda (21,2).

Registando quebra na indústria transformadora

Investimento estrangeiro em 1983 atingiu 18,5 milhões de contos

O investimento directo estrangeiro em Portugal totalizou 18,5 milhões de contos em 1983, sendo mais de metade destinado aos sectores de serviços, de acordo com o relatório do Instituto de Investimento Estrangeiro (IIE) para aquele ano.

O investimento directo estrangeiro (IDE) autlrizado no sector de comércio totalizou 4,3 milhões de contos (26,3 por cento do total) destacando-se as actividades de comércio por grosso, com quase três milhões de contos (18,3 por cento do total).

Nestas últimas, evidenciaram-se os investimentos de empresas sobretudo vacacionadas para o comércio de produtos farmacêuticos, os quais, por si só, corresponderam a 1,7 milhões de contos.

Nas restantes actividades de serviços, importa notar o peso do sector bancário e parabancário, com cerca de 17,3 por cento do total do IDE autorizado pelo IIE, acrescenta o relatório.

O relatório constata ainda uma tendência de acréscimo da importância relativa dos serviços, por contraposição a uma quebra continuada da indústria transformadora.

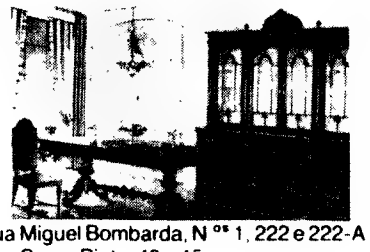
Assim, não obstante um aumento em termos absolutos de 52,7 por cento, correspondendo a um valor autorizado de 6,2 milhões de contos, o peso da indústria transformadora baixou, representando 38,1 por cento do IDE autorizado contra 41 por cento em 1982.

Entre os sectores industriais, destacam-se as electrometalomecânica, com cerca de 2,1 milhões de contos, e as indústrias metalúrgicas de base, com quase um milhão de contos, avultado em ambos os sectores os investimentos ligados ao projecto Renault.

O peso da Comunidade Económica Europeia no conjunto das origens do IDE autorizado duplicou, passando de 26 por cento em 1982 para 52 por cento em 1983.

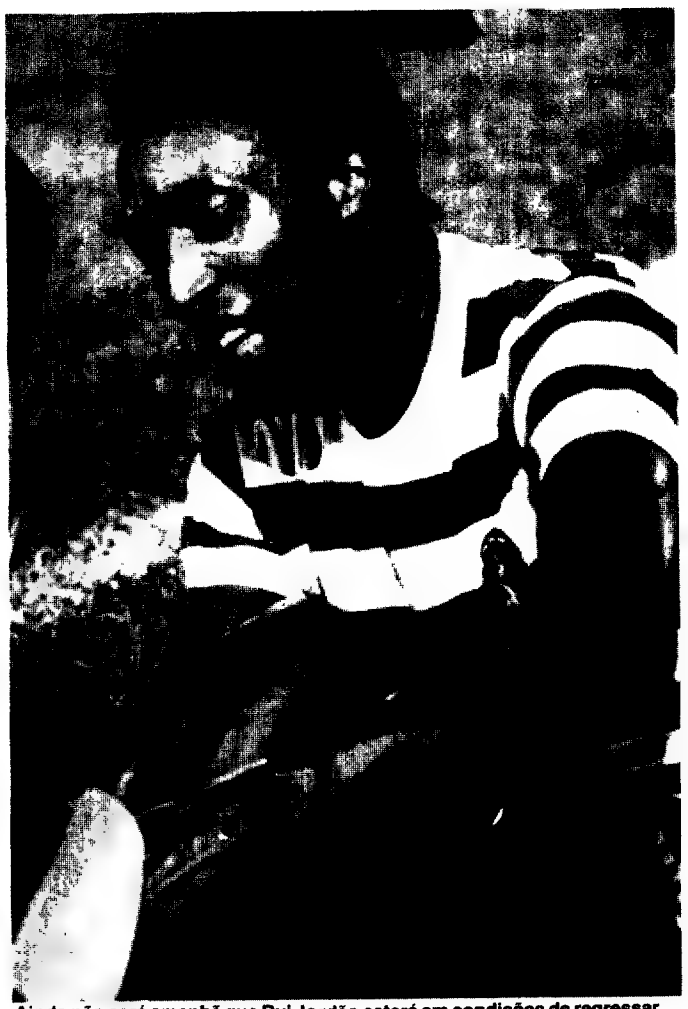
A França continuou a ser a principal fonte de investimento, com cerca dé 20 por cento, seguida do Reino Unido e República Federal da Alemanha.

Também os investimentos oriundos da EFTA duplicaram, atingindo 1,9 milhões de contos, dos quais a quase totalidade provém da Suíça, com 11 por cento do total do IDE autorizado.

Armazéns de Móveis
BEIRA RIO
de António Carloto
Móveis em todos os estilos

Para vosso interesse consultem os nossos preços
VENDAS: Rua Miguel Bombarda, N.os 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45
Tel 2072448
BARREIRO

DESPORTO

João Alves estará hoje no Bessa pronto a dar o seu valioso e influente contributo para que o Boavista volte a ser o «boavistão»



Ainda não será amanhã que Rui Jordão estará em condições de regressar. Sera apenas lesão ou haverá outra causa impeditiva?

Futebol: "Nacional" da 1.ª divisão

Incidência no Bessa e em Coimbra

O «derby» portuense desta tarde, a visita do Sporting à Académica e a do Braga ao Benfica reúnem o máximo de atenção na 2.ª jornada do campeonato de futebol.

O Boavista-FC Porto é a única partida antecipada para hoje e permitirá saber se a turma das Antas «está disposta» a manter o comando do campeonato. O FC Porto é um dos cinco líderes, juntamente com Académica, Sporting, Benfica e Portimonense.

Académica ou Sporting podem ficar separados deste grupo se algum dos outros comandantes ganhar, mas a expectativa maior do encontro é ver como regressa a «Briosa» aos jogos grandes em Coimbra.

O Benfica defronta o segundo adversário minhoto em menos de uma semana, mas desta vez no seu recinto. O Braga será um bom teste às apregoadas fraquezas da turma do húngaro Csernai.

Quanto ao Portimonense, terá de lutar muito para continuar líder, na sua deslocação ao Estádio do Varzim para jogar com o Rio Ave, a trocar Vila do Conde pela Póvoa enquanto o seu estádio está a ser relvado.

Nos outros quatro jogos, Setúbal-Vizela, Guimarães-Belenenses, Farense-Penafiel e Salgueiros-Varzim a tendência é para vitórias dos visitados.

No Bessa, a turma de Mário Wilson vai procurar repetir o resultado da época passada, quando ganhou por 2-1, mas o FC Porto tem os olhos postos em mais uma vitória, pensando em não perder pontos.

Em Coimbra o ambiente vai dar festa para acolher a «velha senhora» Académica, mais a mais depois da vitória por 3-0 em Penafiel com que abriu a sua campanha na primeira divisão. O Sporting, apesar de muito reforçado, tem certamente em conta todo este ambiente e deve recordar-se de que no último confronto em Coimbra (em 80-81) perdeu por 1-2.

Os sócios do campeão nacional (Benfica) vão ver o primeiro jogo « a sério» do seu clube, e logo um jogo que é tradicionalmente interessante, com a visita do Europeu Braga. A equipa de Quinito, pouco feliz nas últimas duas épocas no Estádio da Luz (0-6 e 0-7), parece ter condições para evitar pelo menos um desaire tão volumoso, mas poucos acreditam que o resultado não venha a ser favorável aos «encarnados», por muito mal que eventualmente estejam.

O Portimonense, habitualmente muito frágil quando joga fora, perdeu nos últimos três anos pela diferença de um golo em Vila do Conde. Desta vez na Póvoa, os algarvios vão tentar pelo menos o empate, mas sua defesa mostrou-se muito frágil no jogo de abertura com o Salgueiros (4-3) e isso pode revelar-se fatal. A menos que o ataque volte a repetir o acerto de pontaria revelado há uma semana.

O outro clube algarvio, o Farense, depois de empater sem golos na Póvoa na primeira jornada, recebe o Penafiel e parece estar bem melhor que este conjunto, derrotado por 0-3 pela Académica. A tendência é pois para uma vitória dos algarvios, enquanto em Setúbal, o Vitória também parece ter tudo a seu favor para arrecadar os dois pontos em disputa com o Vizela, a fazer a sua primeira época no escalão maior. Os setubalenses mostraram ao empatar (e quase ganharam) no Restelo que estão dispostos a fazer uma carreira se possível ainda melhor que na época anterior e os vizelenses não parecem talhados para colocar obstáculos a essa pretensão. são.

O Belensenses defronta o segundo vitória (o de Guimarães) e no Minho, no início de uma «peregrinação» a estádios que bem conhece. Para a turma de Jimmy Melia, uma derrota seria a primeira esta época e isso bem pode acontecer perante um Guimarães. rães.

O traço de Pargana

Csernai dá uma espreitadela

Jogos, equipas (prováveis) e árbitros

HOJE, ÀS 17 HORAS...

BOAVISTA

Alfredo; Adão, Queiró (Parente), Frederico e Simão (Jorginho ou Phil Walker); Almeida, Carlinhos, Palhares e Alves (Parente), José Rafael e Filipovic (Coelho).

F. C. PORTO

Ze Beto Joao Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inacio Frasco, Quinito, Quim e Futre; Vermelhinho e Gomes.

Veiga Trigo (Beja)

AMANHÃ ÀS 17 HORAS...

RIO AVE

Alberto; Sérgio, Brito, Santana e Duarte; Carlos Manuel (Rui Palhares), Carvalho e Juanico; Pinto (Pires), Rui Lopes e Alvaro.

PORTIMONENSE

Mendes Fernando Balaco Simoes e Teixeirinha Luis Manuel, Alhinho e Abreu, Moises (Luis Reina), Rui Águas e Cadorin.

Ramiro Santiago (Coimbra)

BENFICA

Bento; Veloso, Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; José Luis, Carlos Manuel, Shéu e Wando; Manniche e Diamantino.

SP. BRAGA

Helder; Guedes, Nelito, Dito e Vitor Santos; Zinho, Quim Alberto e Serra; Jorge Gomes, Reinaldo e Fontes.

Ezequiel Feijão (Setúbal)

V. SETÚBAL

Jorge; Mota, Artur, Vicente e Sobrinho; Vitinha, Barrinha e Nascimento; Freire, Roçadas e Jorge Plácido.

VIZELA

Caldas (Sergio); Toni, Manuel Correia, Roque e Jose Carlos, Russo, Fernando Jorge, Barbosa e Faria; Nelito e Mauricio.

Carlos Esteves (Lisboa)

V. GUIMARÃES

Jesus; Costeado, Valério (Tozé), Teixeirinha e Laureta; Soeiro, Paquito e Gregório Freixo; Da Silva, Paulo Ricardo e Miguel.

BELENENSES

Melo; Pereirinha, José António, Bastos Lopes e Artur; Murça, Dudu, Ronnie e Jorge; Norton de Matos e Djão.

Isidro Santos (Porto)

ACADÉMICA

Vítor Nóvoa; Carlos Ribeiro, Francisco Silva, Kikas e Tomás; Rolao, Artur Semedo, Reis e Ribeiro; Pedro Xavier e Flávio.

SPORTING

Damas; Carlos Xavier, Zezinho, Venâncio e Mario Jorge; Lito, Virgilio, Sousa e Jaime Pacheco; Manuel Fernandes e Eldon.

Fernando Alberto (Porto)

SP. FARENSE

Amaral; Quim Manuel, Quaresma, Leonardo e Bukovac; Mário Wilson, Nélson Borges e Carraça; Rui Lopes (Rogério), Gil e Fortes.

PENAFIEL

Trindade, Madureira, Figueiredo, Fernando e Chico Leal; Babo, Branco, Ferreira da Costa e Afonso; Babá e Xavier.

João Rosa (Évora)

SALGUEIROS

Madureira; Gilberto, Germano, Matias e João Gouveia; Joy, José Manuel, Janita e Jorginho; Tonanha e António Manuel.

VARZIM

Lúcio; Belmiro, Dias, Varela e Rodolfo Coutinho; José Maria, Júlio Sérgio e Manuelzinho; Brandão, Folha e Adão.

Azevedo Duarte (Braga)

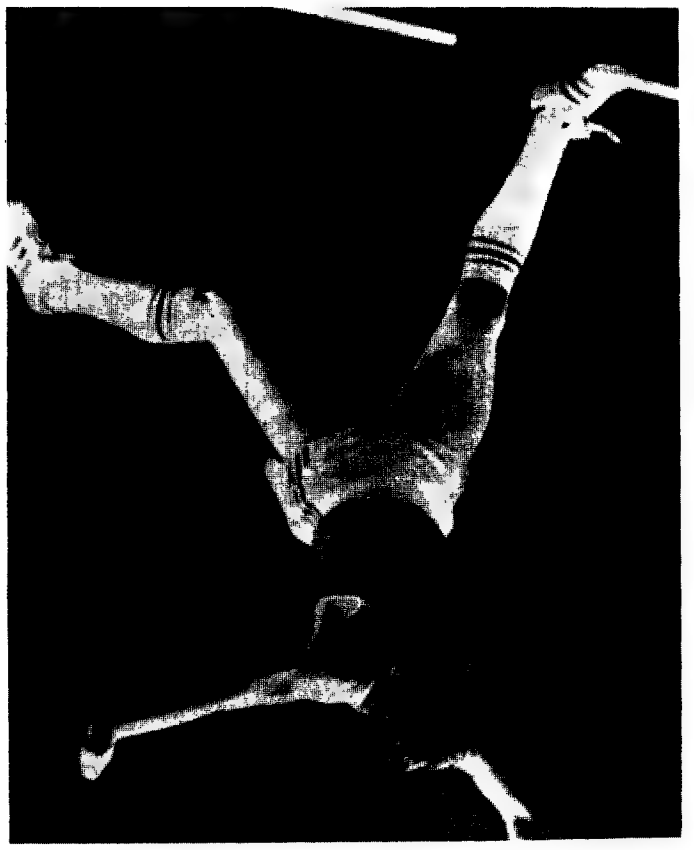
Recorde mundial

O soviético Sergei Bubka passa fasquia mais alto

Como se sabe o soviético Sergei Bubka superou em Maio o máximo que pertencia a Thierry Vigneron pasando a fasquia no salto com vara a 5,85 metros. Aconteceu em Bratislava e nos dois meses imediatos foi passando mais alto: 5,88 em Paris e 5,90 em Londres. Ontem, na «Gala de Ouro» que está a decorrer em Roma, o francês Vigneron, inconformado com a retirada do lugar de honra que ocupou desde Setembro de 1983 e Maio de 1984, saltou 5,91 estabelecendo novo máximo mundial só que, momentos depois, o soviético mandou colocar a fasquia a 5,94 e passou sem derrube, restabelecendo assim a sua posição de melhor saltador mundial.

Vejamos a evolução do recorde nos últimos 10 anos:

5,65m, Dave Roberts (EUA), Gainesville, Março, 25, 1975; 5,67m, Earl Bell (EUA), Wichita, Maio, 29,1976; 5.70m, Dave Roberts (EUA), Eugene, Junho, 22, 1976; 5,72m, Wladyslaw Kosakiewicz (Polónia), Milão, Maio, 11, 1980; 5,75m, Thierry Vogneron (França), Colombes, Junho, 1, 1980; 5,75m, Thierry Vigneron (França), Lille, Junho, 29, 1980; 5,77m, Philippe Hourion (França), Paris, Julho, 17, 1980; 5,78m, Wladuslaw Kosakiewicz (Polónia), Moscovo, Julho, 30, 1980; 5,80m, Thierry Vigneron (França), Macon, Junho, 20, 1981; 5,81m, Vladimir Polyakov (URSS), Tbilisi, Junho, 26, 1981; 5,82m, Pierre Quinon (França), Colónia, Agosto, 28, 1983; 5,83m, Thierry Vigneron (França), Roma, Setembro, 9, 1983; 5,85m, Sergei Bubka (URSS), Bratislava, Maio, 26, 1984; 5,88m, Sergei Bubka (URSS), Paris, Junho, 2, 1984; 5,90m, Sergei Bubka (URSS), Londres, Julho, 13, 1984; 5,91m, Thierry Vigneron (França), Roma, Agosto, 31, 1984; 5,94m, Sergei Bubka (URSS), Roma, Agosto, 31, 1984.



Sergei Bubka já vai nos 5,94 metros...

DESPORTO

46.ª VOLTA A PORTUGAL

Responsável no centro de Medicina coloca "dedo na chaga"

Um responsável do Centro de Medicina Desportiva de Lisboa afirma que os resultados positivos nas análises anti-«doping» feitas na Volta a Portugal fazem vir ao de cimo «a verdade do ciclismo nacional».

Para o médico João Paulo Pereira de Almeida, esta verdade evidencia a «impreparação dos corredores e falta de conhecimentos de medicina desportiva dos médicos e massagistas que os acompanham».

Pereira de Almeida, adjunto da direcção do Centro e responsável pela nomeação das brigadas de controlo anti-«doping» no distrito de Lisboa destoa da generalidade das afirmações que têm sido produzidas sobre o «doping» na Volta. Ele é o primeiro a dizê-lo: **«o muito que se tem dito e escrito (...) terá de ser considerado apenas como desinformação e cisa somente um resultado: prejudicar a saúde dos atletas».**

Pereira de Almeida sublinha nas suas declarações que «o controlo deve ser entendido no sentido pedagógico e nunca como uma punição».

«A lista de substâncias dopantes fornecida pela União Internacional de Ciclismo à federação portuguesa da modalidade que por sua vez a entregou à direcção-geral dos Desportos é exactamente igual à utilizada pelo Comité Olímpico em Los Angeles. Por outro lado, as análises fazem-se de um ponto de vista qualitativo, excepto no caso da cafeína.

«Daí, ser perfeitamente incompreensível que se procure justificação para os resultados positovos através da quantificação das drogas» — refere.

O médico acrescenta que «se não houvesse fiscalização e um ciclista morresse na estrada, as acusações não se fariam esperar. «Só que, com a realização do controlo anti-«doping» vem ao de cimo a verdade do ciclismo nacional: a impreparação dos corredores e a falta de conhecimentos de medicina desportiva dos médicos e massagistas que os acompanham».

Este ponto de vista e corroborado pelo antigo ciclista e vencedor de três voltas a Portugal, Alves Barbosa, que declarou ao «Expresso»: **«o principal problema da modalidade entre nós é a inexistência dos dirigentes capazes. Além de que (...) a preparação dos atletas é insuficiente e mentalizaram-nos para que podiam ultrapassar essa insuficiência atlética recorrendo a estimulantes».**

A nossa equipa de reportagem desloca-se numa viatura gentilmente cedida por

SACAVENAUTO

Estrada Nacional, n.º 10 n.º 69
2685 SACAVÉM
Telefone; 2525040

Neves de Sousa nosso enviado especial

Tudo esperava tudo

Ainda nada se sabia da contra-análise a marcxo Chagas, mas tudo fervilhava no pelotão. Eduardo Correia, garantia:

Sempre tomamos os mesmos produtos. Se acusar no Marco, então deveria ter acusado no Paulo Ferreira. Houve qualquer engano. Não lhe quero chamar outra coisa.

Em Lisboa voltavba a analisar-se o liquído orgânico contido nos frasquinhos com o rótulo de Marco Chagas e Alberto Leal. Por cá era o dr. Artur Lopes a considerar que houvera «erro grosseiro na análise», o dr. Aníbal Costa a dizer que «os foircados da estrada» não merecem que se duvide do seu esforço e a considerar as leis «anacrónicas e ultrapassadas» e Fiel Farinha a ameaçar que o assunto pode baixar à Judiciária e depois aos tribunais. Entretanto Alberto Leal despedia-se dos companheiros de pelotão quando o relógio apontava as 16 horas e três minutos, muito antes de em Lisboa se iniciar a contra-análise. Os 40 «resistentews» deste lusitano «tourzinho» continuavam a sua pedalada com as «cobras todas junbtas». Zeferino e Vargas (com igual tempo na geral) parecem siameses. Quando um avança lá vai o outro e quando abranda o outro acompanha-o. Adelino Teixeira «espreita» mas não lhe é consentida qualquer veleidade. No Sporting é visível o inconformismo e Emídio Pinto continua a afirmar que esta «coisa» das análises «é tudo uma vigarice», e há entre as gentes do «signo leão» quem defenda que a posição mais acertada seria a retirada de todos os ciclistas da prova.

Todos pelo «Lau»

Entretanto Vesceslau Fernandes recolhe a simpatia geral dos voltistas que não vestem de verde e todos estão a torcer pelo seu triunfo e consewquente presença no lugar central do pódio quando terminar a corrida dos 23 quilómetros logo à tarde nas ruas de Matrosinhos. A aliança surgiu naturalmente e convenhamos que o «velho Lau» bem merece ostentar o título de vencedor desta competição em que participa com 39 Invernos passados. E bom será recordarmos que Joaquim Agostinho seria provavelmente o triunfador da «Volta-84» a completar mais dois anos do que Venceslau. E questionava-lhe o Presidente Eanes, ontem, em Vila Nova de Cerveira: «Então, vai ganhar aos seus filhinhos?.»

Como nota dominante da tirada de ontem refira-se a fuga de José Xavier, Benedito Ferreira, José Camilo, Manuel Gomes e Alexandre Ruas que chegaram a ter um avanço sobre os demais de seis minutos, mas Venceslau e a sua «esquadra», lançaram-se no ataque e ao quilómetro 124 os ousados «fugitivos» estavam absorvidos. Seguiu-se a tentativa de Zeferino mas novamente «Lau» impediu-lhe os intentos e quando faltavam cerca de duas dezenas de quilómetros para atingir o risco final colocado na Póvoa de varzim saltou um grupo de seis ciclistas (Carlos Marta, José Amaro, Isidro Miranda, Marino Fonseca, Fernando Ventura e José Passos) que conseguiram ganhar 22 segundos ao pelotão, resultando a subida de um lugar por parte de Carlos Marta que venceu a tirada.

Agora havia que conhecer o que se passara no Centro de Medicina Desportiva, daí a corrida geral para os telefones e ouvidos bem perto dos receptores de Rádio.

A notícia chegou. Desânimo para uns e satisfação e alívio para outros. Os comentários começaram e alguns em som bem estridente. Revolta de uns, aceitação de outros. Marco Chagas recebia «ordem» para abalar. O sonho do «tri» estava desfeito. Venceslau vê-se mais próximo de conhecer o mais belo momento da sua brilhante e muito digna carreira desportiva. D,ois magníficos atletas com sorte diferente nesta Volta prestes a terminar, mas da qual muito se irá (ainda) falar e escrever. Nós cá estamos.

■

Jacinto Paulinho vence penúltima etapa

Completando os 97 quilómetros desta penúltima etapa da Volta com 2 horas 34,10 o ciclista Jacinto Paulinho, do Coimbrões foi o vencedor. Com 2.38,56 seguiram-se-lhe José Xavier, Alexandre Ruas, Carlos Marta, António Pinto, Fernando Carvalho, José Fernandes, Abel Coelho, Luís Vargues, Venceslau Fernandes — que menteve a camisola amarela destinada ao líder — e os restantes 39 «resistentes» desta 46.ª Volta a Portugal, que logo à tarde, terá o seu epílogo no contra-relógio (23 quilómetros) a percorrer nas ruas de Matosinhos.

Um gesto que Marco Chagas gostaria de repetir esta tarde em Matosinhos mas que os rigores da ciência não permitiram. E Venceslau, consentiria?

Sporting:

Aceitação e conformismo

O director da secção de ciclismo do Sporting, Fiel Farinha, afirmou continuar a acreditar em Marco Chagas apesar da contra-análise anti-«doping» ter sido positiva. «Perguntei ao Marco Chagas se tinha tomado alguma coisa e ele disse que não e eu acredito na sua honestidade» — referiu Fiel Farinha.

O responsável pela secção de ciclismo do Sporting adiantou que estava muito triste com tudo isto, pois frisou não entender como na Volta a Portugal surgem tantos casos de «doping» e no «Tour» de França e na Volta à Colômbia praticamente não existem ciclistas dopados. «Existe qualquer coisa que está errada. Torna-se necessário encontrar um regulamento que defina claramente as percentagens de forma a não criar equívocos» – disse Fiel Farinha, que manifestou a sua total confiança nos médicos e analistas do Centro de Medicina Desportiva: «Não está em dúvida a sua honestidade».

Eanes: um exemplo

Decididamente, estamos em tempo novo: churrasco para Carlos Lopes e parceiros olímpicos, todos os bons e acreditados colegas do «rei» de Los Angeles a receberem muitas donas marias, a inscreverem nome em ruas, a darem a figura para homenagens por esse Portugal fora. Virada a página do servilismo, a prática desportiva de alta competição conquistando «carta de alforria», o campeão entra nos salões, bebe do tinto em São Bento, abraça governantes, trata de igual os melhores deste reino.

Ontem, em Vila Nova de Cerveira, o general Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa, foi até aos ciclistas, cumprimentou toda a caravana, felicitou Venceslau Fernandes, deu os parabéns pelos vinte e dois anos de Manuel Cunha, ajudou a vestir a camisola «laranja» a Manuel Neves, trocou muitos dedos de conversa com a insólita plateia e deu (até) o tiro de partida para etapa voltista que (sem qualquer abalo) foi ligação para a Póvoa de Varzim: sempre no meio de uma pequena multidão que jamais tinha imaginado um Presidente de Portugal a conviver com a festa mais popular do desporto, Ramalho Eanes declarou, expressamente para o «DL»:

«A 'Volta' é uma grande festa popular, um estímulo para modalidade desportiva a que presto o meu maior respeito. É um impulso à juventude que, não tendo possibilidades para competir em outras disciplinas, pega no seu instrumento que serve para se transportar para o trabalho e faz o desporto que lhe é permitido, o desporto com muitas tradições em Portugal e acessível à população que não recebeu no berço as benesses divinas ou o impulso dos seus antepassados.»

Ramalho Eanes acrescentaria:

«É um período de tempo em que os nossos melhores ciclistas confraternizam, abraçam-se e competem muito honestamente e com todo o brilho. Para um Presidente 'que gosta muito do desporto' este é um motivo, muito do meu agrado pessoal, de poder afirmar que respeito e dou o meu aplauso a todo o desportista que engrandecendo o País apenas lutando pela dignidade do seu clube, tudo faz 'o mais honestamente possível' para não ficar anónimo. Endereço o meu obrigado a quantos não querem submergir-se na vulgaridade, e o atleta ciclista, pelo muito que luta, tem absoluta necessidade de se sentir 'pelo menos' compensado por quem está a seu lado no reconhecimento do esforço que despende no trabalho quotidiano».

Neves de Sousa

R. RAPOSO

Completo sortido de peças e acessórios p/ ciclismo de competição.
Quadros especiais das melhores marcas feitos por medida

R. Gregório Lopes, 25 - 1.º esq. (a São Gabriel)
— Tel. 32316
2900 SETÚBAL

SAGRUP CONSÓRCIO DE CONCESSIONÁRIOS GENERAL MOTORS
O único consórcio de marca em Portugal
Telefs. 808020/803658

DESPORTO

Classificações

14.ª ETAPA — VILA NOVA DE CERVEIRA - PÓVOA DE VARZIM
(160 km)
INDIVIDUAL

		H-M-S
1.º	Carlos Marta (Sporting-Raposeira)	4-15-05
2.º	José Amaro (Sporting-Raposeira)	m. t.
3.º	Isidro Miranda (Coimbrões-Café Gama)	m. t.
4.º	M. Fonseca (Maria J. Abreu-Vigaminho)	m. t.
5.º	F. Ventura (Tavira-Macal Minarelli)	m. t.
6.º	J. Passos (Paços Ferreira-C. Pinto & Mota)	m. t.
7.º	Manuel Cunha (Ovarense-Herculano)	a 22
8.º	Paulo Ferreira (Sporting-Raposeira)	m. t.
9.º	Alexandre Rua (Lousa-Trinaranjus-IBA)	m. t.
10.º	Fer. Maia (P. Ferreira-C. Pinto & Mota)	m. t.
11.º	F. Carvalho (Ajacto-Morphy Richards)	m. t.
12.º	F. Fernandes (Lousa-Trinaranjus-IBA)	m. t.
13.º	Marco Chagas (Sporting-Raposeira)	m. t.
14.º	V. Fernandes (Ajacto-Morphy Richards)	m. t.
15.º	Luís Domingos (Olhanense-Algarve)	m. t.
16.º	Man. Martins (M. José Abreu-Vigaminho)	m. t.
17.º	Manuel Neves (Ovarense-Herculano)	m. t.
18.º	Luís Vargues (Olhanense-Algarve)	m. t.
19.º	Adel. Teixeira (Lousa-Trinaranjus-IBA)	m. t.
20.º	Manuel A. Gomes (Ovarense-Herculano)	m. t.
21.º	R. Terebentino (Coimbrões-Café Gama)	m. t.
22.º	Jorge Corvo (Tavira-Macal Minarelli)	m. t.
23.º	A. Pinto (Ovarense-Herculano)	m. t.
24.º	João Santos (Tavira-Macal Minarelli)	m. t.
25.º	José Xavier (Sporting-Raposeira)	m. t.
26.º	N. Medeiros (Maria José Abreu-Vigaminho)	m. t.
27.º	Manuel Correira (Olhanense-Algarve)	m. t.
28.º	Bel. Ribeiro (Maria J. Abreu-Vigaminho)	m. t.
29.º	Manuel Zeferino (Sporting-Raposeira)	m. t.
41.º	J. Marques (Tavira-Macal Minareli)	m. t.

Média do vencedor da etapa: 37,635 Km/h.

EQUIPAS

	H M S
1.º — Sporting-Raposeira	12-45-37
2.º — Maria José Abreu-Vigaminho	a 22
3.º — P. Ferreira-C. Pinto & Mota	m. t.
4.º — Tavira-Macal Minarelli	m. t.
5.º — Coimbrões-Café Gama	m. t.
6.º — Lousa-Trinaranjus-IBA	a 44
7.º — Ovarense-Herculano	m. t.
8.º — Ajacto-Morphy Richards	m. t.
9.º — Olhanense-Algarve	m. t.

Classificação geral

ELECTRO HERMES DE ALMADA, LDA.
ELECTRODOMÉSTICOS
Classificação Camisola Amarela

INDIVIDUAL

		H-M-S
1.º	V. Fernandes (Ajacto-Morphy Richards)	45-57-33
2.º	Manuel Zeferino (Sporting-Raposeira)	a 03-23
3.º	Luís Vargues (Olhanense-Algarve)	m. t.
4.º	Manuel Cunha (Ovarense-Herculano)	a 03-40
5.º	Adel. Teixeira (Lousa-Trinaranjus-IBA)	a 04-08
6.º	Fer. Fernandes (Lousa-Trinaranjus-IBA)	a 04-46
7.º	António Pinto (Ovarense-Herculano)	a 05-03
8.º	Benjamim Carvalho (Sporting-Raposeira)	a 05-34
9.º	Manuel Neves (Ovarense-Herculano)	a 06-22
10.º	Fern. Carvalho (Ajacto-Morphy Richards)	a 07-56
11.º	José Marques (Tavira-Macal Minarelli)	a 09-06
12.º	José Xavier (Sporting-Raposeira)	a 10-54
13.º	Norb. Medeiros (M. José Abreu-Vigaminho)	a 11-58
14.º	C. Ferreira (Lousa-Trinaranjus-IBA)	a 11-59
15.º	M. Martins (M. José Abreu-Vigaminho)	a 13-50
16.º	Abel Coelho (Olhanense-Algarve)	m. t.
17.º	Bern. Sousa (P. Ferreira-C. Pinto & Mota)	a 15-03
18.º	Fer. Maia (P. Ferreira-C. Pinto & Mota)	a 15-49
19.º	Jorge Corvo (Tavira-Macal Minarelli)	a 16-02
20.º	Alexandre Rua (Lousa-Trinaranjus-IBA)	a 16-22
21.º	Manuel Vilar (Ajacto-Morphy Richards)	a 16-52
22.º	Carlos Marta (Sporting-Raposeira)	a 19-12
23.º	B. Ribeiro (Maria J. Abreu-Vigaminho)	a 19-20
24.º	José Passos (P. Ferreira-C. Pinto & Mota)	a 19-25
25.º	Benedito Ferreira (Sporting-Raposeira)	a 21-50
26.º	Jacinto Paulinho (Coimbrões-Café Gama)	a 22-20
27.º	Fer. Ventura (Tavira-Macal Minarelli)	a 22-26
28.º	Raul Terebentino (Coimbrões-Café Gama)	a 26-37
29.º	A. Terebentino (Tavira-Macal Minarelli)	a 29-47
30.º	J. Camilo (Paços Ferreira-C. Pinto & Mota)	a 33-40
31.º	Manuel A. Gomes (Ovarense-Herculano)	a 35-15
32.º	Paulo Ferreira (Sporting-Raposeira)	a 40-23
33.º	Luís Domingos (Olhanense-Algarve)	a 43-51
34.º	Isidro Miranda (Coimbrões-Café Gama)	a 44-48
35.º	João Santos (Tavira-Macal Minarelli)	a 51-15
36.º	José Amaro (Sporting-Raposeira)	a 53-06
37.º	M. Fonseca (M. José Abreu-Vigaminho)	a 1-00-21
38.º	Manuel Correia (Olhanense-Algarve)	a 1-11-20
39.º	José Fernandes (Ajacto-Morphy Richards)	a 1-21-12

Média geral da «Volta»: 35,986 km/h
Média geral do «camisola amarela»: 35,902 km/h

POR EQUIPAS

	H M S
1.ª — Sporting/Raposeira	137-56-32
2.ª — Lousa/Trinaranjus/IBA	a 05-11
3.ª — Ovarense/Herculano	a 10-27
4.ª — Ajacto/Morphy Richards	a 20-55
5.ª — Maria José Abreu/Vigaminho	a 39-36
6.ª — Tavira/Macal Minarelli	a 39-41
7.ª — Paços de Ferreira/C. Pinto & Mota	a 40-28
8.ª — Olhanense/Algarve	a 43-12
9.ª — Coimbrões/Café Gama	a 48-37

A META
A melhor organização em artigos para Desporto no Distrito
Rua D. João de Castro, 37-B — 2800 ALMADA
Classificação Camisola Verde

POR PONTOS

1.º — Paulo Ferreira (Sporting/Raposeira)	61
2.º — Alexandre Rua (Lousa/Trinaranjus/IBA)	37
3.º — Carlos Marta (Sporting/Raposeira)	32
4.º — Marco Chagas (Sporting-Raposeira)	23
5.º — V. Fernandes (Ajacto-Morphy Richards)	23

ARDAL MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
Classificação Camisola Azul

PRÉMIO DA MONTANHA

	PONTOS
1.º — Manuel Cunha (Ovarense/Herculano)	87
2.º — V. Fernandes (Ajacto/Morphy Richards)	53
3.º — Jacinto Paulinho (Coimbrões/Café Gama)	36
4.º — Marco Chagas (Sporting/Raposeira)	34
5.º — Alexandre Rua (Lousa/Trinaranjus)	22

TÁTINTAS
Comércio de Tintas para Automoveis, Lda
Classificação Camisola Rosa

METAS-VOLANTES

	PONTOS
1.º — Paulo Ferreira (Sporting/Raposeira)	27
2.º — Carlos Marta (Sporting/Raposeira)	17
3.º — Carlos Ferreira (Lousa/Trinaranjus-IBA)	16
4.º — Isidro Miranda (Coimbrões/Café Gama)	10
5.º — Fernando Ventura (Tavira/Macal Minarelli)	8

A palavra dos camaradas

Para onde vai o ciclismo?
Por: Fernando Tenreiro ("Diário Popular")

De degrau em degrau o ciclismo outrora uma modalidade popularíssima vai caindo nas ruas da amargura doentia, afectando tudo quanto ao seu redor se passa.

Ainda há dias um dirigente (?) desportivo dizia textualmente ao referir-se aos ciclistas: «estes deveriam de trazer tantos produtos farmacêuticos na sua bagagem, substituindo-os por uma preparação adequada.

O que nos espantou foi o à-vontade com que a mesma informação tem revelado, chamando as coisas» pelo seu próprio nome, não podem ser uma surpresa para ninguém e menos para aqueles que se movem dentro do ciclismo, no âmbito da equipa. É necessário dizer-se que tudo quanto se passa à volta do ciclismo (e se falamos desta modalidade é apenas porque nos ocupamos da Volta a Portugal, em bicicleta) ou a grande maioria, é feito com a autorização de todos. Mesmo quando essa autorização não é feita deliberadamente, acontece pela passividade de todos. Niguém, dentro das equipas, que nós tenhamos conhecimento, reagiu alguma vez ao saber que um ou mais ciclistas seus usava e abusava de estimulantes. Bem pelo contrário. Inventam-se sempre desculpas para dizer que o «rapaz» andava constipado. Que era apenas um «xaropezinho» para a respiração, que afinal de contas está a ser exclusivamente rigoroso o controlo anti«doping».

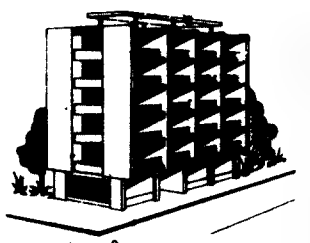
Há mesmo quem diga: «por este andar, os ciclistas qualquer dia nem água podem beber».

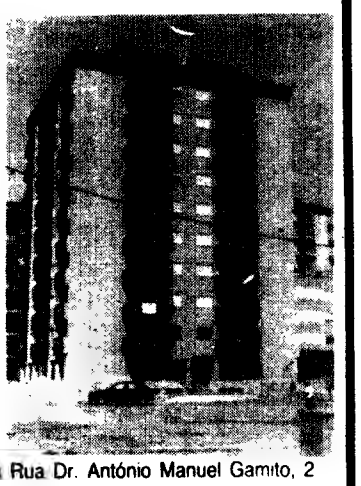
Convidado pelo Neves de Sousa a escrevinhar meia dúzia de palavras a redor da minha observação pela 46.ª Volta a Portugal, penso que, acima de tudo, ela está imbuída de uma falta de verdade desportiva confrangedora. Mas não são apenas os estimulantes, as anfetaminas ou outros produtos químicos que a ciência cria. É ainda a estrutura da modalidade entre nós que enferma de males, de vícios, que pelo hábito já fizeram os seus «monges» do ciclismo.

Curiosamente, pelo menos em afirmações publicamente proferidas, ninguém está em desacordo com o controlo anti-«doping». Mas paralelamente com esta verdade outra se nos depara, afinal de contas dando consistência à velha história do gato e do rato. Isto porque não se descura a procura de produtos farmacológicos que não sejam detectados nas análises e que produzam os efeitos desejados pelos atletoas.

Para onde vais ciclismo? Para onde vais Volta-84?

ANÍBAL ANTÓNIO TEIXEIRA
CONSTRUÇÕES, LDA.





SE VOCÊ PRECISA DE ANDARES, LOJAS, ESCRITÓRIOS OU ARMAZÉNS, ENTÃO NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR. TEMOS TUDO O QUE VOCÊ SONHOU.

EM SETUBAL — Na Rua Dr. António Manuel Gamito, 2
EM BEJA — Na Urbanização dos Falcões
EM PAIVAS-AMORA — Quinta do Conde, Lote n.º 20
NO LARANJEIRO — Quinta de Sto. Amaro Impasse V, n.º 1

JURO BONIFICADO
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES

Escr.: R. das Flores, Lote 20
☎ 221 17 61 — Paivas - Amora 2840 SEIXAL
DELEGAÇÃO Urbanização Falcões - ☎ 084 2 59 04 - 7800 BEJA

Desejo receber mais informações
Nome _____
Morada _____
Localidade _____

SAGRUP
TODA A GAMA DE VEÍCULOS OPEL e BEDFORD
SEM JUROS, EM 60 MESES...
Informe-se em todo o País nos concessionários GENERAL MOTORS

comunicação social

Quando os jornalistas vão em serviço ao estrangeiro

O Conselho de Comunicação Social aprovou na sua última reunião uma recomendação segundo a qual «é da exclusiva competência» dos directores dos órgãos de Comunicação Social a deslocação ao estrangeiro de jornalistas em serviço.

O texto da recomendação, agora divulgado, atribui tal competência aos directores dos órgãos de Comunicação Social «pertencentes ao Estado e a outras entidades públicas ou a entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico.»

A recomendação, emitida na sequência de um pedido de parecer formulado pelo director do «Diário de Notícias», especifica caber aos Conselhos de Gerência e às administrações dos órgãos do sector público da Comunicação Social «aprovar anualmente — com uma proposta elaborada pelas referidas Direcções — o orçamento global para viagens dessa natureza, deixano às direções o encargo de geri-lo consoante as necessidades.

Acrescenta que cabe aos Conselhos de Gerência e às administrações «actual junto do Ministério da tutela no sentido de obter dele, e através dele, do Ministério das Finanças e do Plano (ao qual incumbe por lei a aprovação da compra de divisas estrangeiras) um acordo global, de princípio, evitando-se cortes orçamentais indiscriminados, aprovações pontuais e demoras por vezes altamente prejudiciais ao ritmo de trabalho imposto pela própria natureza da Comunicação Social.»

"Jornalismo de agência, jornalismo de base"

O Instituto de Imprensa e Ciências da Informação (Universidade de Tunis) acaba de publicar, sob o título «Jornalismo de agência — Jornalismo base», um manual pedagógico de M. Medhi Jendoubi, professor assistente naquele estabelecimento de ensino superior.

O manual demonstra que não se improvisa um jornalista. Antes de ser uma ciência, o jornalismo é um ofício de que se impõe aprender as regras e as técnicas.

O manual destina-se aos estudantes de jornalismo, aos não-iniciados e aos profissionais, e constitui um instrumento de trabalho relativo a uma secção fundamental da Imprensa escrita: o jornalismo de agência.

A obra aborda as particularidades da agência de Imprensa em relação aos outros **mass media**, o perfil, as actividades, as condições de trabalho e as fontes de informação próprias de uma agência, assim como as técnicas da cobertura de informação de uma agência e a concepção que preside à elaboração dos «telexes» e despachos.

O manual em referência (na sua edição francesa) pode ser requerido a — IPSI, 7 Impasse Bachrouch, Montfluery, Tunis. Antes da encomenda, convém solicitar, para o mesmo endereço, o preço da obra.

Imprensa regional não recebeu ainda o subsídio de papel

A Comissão de Apoio a Imprensa Regional anunciou que o subsídio de papel referente ao primeiro trimestre, no valor de 14 mil contos ainda não foi pago.

A Comissão, ultimamente reunida, considera que o subsídio em atraso deveria ter sido liquidado em Julho.

Assim, a Comissão decidiu solicitar ao director-geral da Comunicação Social para desbloquear a situação.

A Comissão sublinha que o subsídio à Imprensa de expansão nacional já foi pago — e «esta forma de proceder revela uma total falta de atenção para com a gravíssima situação com que se debate a Imprensa Regional portuguesa».

Bolsas dinamarquesas para o Terceiro Mundo

A agência dinamarquesa de auxílio ao desenvolvimento (DANIDA), em cooperação com a Imprensa, a Rádio e a Televisão, a agência noticiosa nacional e a Comissão Nacional da UNESCO, oferece quatro bolsas de estudo de quatro meses aos jornalistas profissionais do Terceiro Mundo.

Os candidatos devem ter pelo menos cinco anos de experiência profissional e conhecer bem o inglês.

A sua candidatura deve ser apoiada pelo Governo do seu respectivo país e ser apresentada à Danida por intermédio da Embaixada dinamarquesa local.

Os dois primeiros participantes começarão o seu estágio em Fevereiro de 1985 e os dois seguintes em Setembro do mesmo ano.

Sudão: profissional detido sem culpa formada

O jornalista e poeta sudanês Sirr Anai Kelueljang foi detido e encarcerado no princípio de Fevereiro de 1984, próximo de Rumbek, na região sul do país.

Na prisão de Rumbek, Kelueljang tem-se mantido até agora sem ainda ter sido inculpado.

Motivo da sua detenção: «estar na posse (segundo as autoridades) de escritos hostis ao Estado». Tem-lhe sido interdito o contacto com qualquer advogado e foi-lhe proibido receber quaisquer amigos.

Nascido em 1943, Kelueljang estudou jornalismo na Índia e na Grã-Bretanha, tendo neste país entrado para o corpo redactorial do «Daily Mirror» em 1971.

Mais tarde, tornou-se chefe de Redacção do «Nile Mirror» – e fundou no sul do seu país o magazine cultural «Heritage».

Suiço de cem anos é jornalista

O jornalista suiço Karl Augustin festejou o seu centenários e continua a escrever e publicar artigos – anunciou a Imprensa de Thayngen (Suíça).

Karl Augustin trabalha para o jornal «Heimnlatt», publicação fundada em 1947 em Thaygen, no norte da Suíça.

O jornalista até há pouco assistia às conferências de Imprensa, sendo a sua ausência actualmente muito lamentada pelos colegas que apreciavam «o seu grande encanto como representante da antiga Escola de Jornalismo».

O centenário articulista é proprietário de uma grande tipografia que dirige e projecta ampliar com um investimento de cerca de 3,8 milhões de dólares.

Moda: revistas que são mundos de fantasia

«Não sabia como funcionava uma editora, nem sequer tinha ideia do que era uma redacção. Quando comecei, em 1949, só sabia uma coisa: «Que as mulheres se interessam pela moda.»

«Quem o afirma é Aenne Burda, de 75 anos, directora da conhecida revista de modas alemã-federal «Burda».

A senhora Burda está casada com o editor de revistas ilustradas Franz Burda, mas sempre dirigiu sozinha a «Burda Moden» que tem edições em várias línguas.

Em 1953, Aenne Burda ampliou a sua actividade que até aí se limitara à Rádio com a publicação da «Burda Internacional». Em 1967, editou uma «Burda» para cozinha e mais tarde, uma outra especializada em lides domésticas.

Para além disso, publica uma revista semanal menos especializada «Freudin» («Amiga»). Todavia o seu sonho era dedicar-se à moda. A senhora «Burda» pretendia criar um elo entre o costureiro que cria sonhos em Paris, Milão ou Nova York e a mulher que trabalha em casa, na fábrica ou no escritório.

A tarefa das revistas de moda é precisamente divulgar as tendências da moda apontadas pelos grandes costureiros, educando o gosto e ajudando a mulher a encontrar o seu próprio estilo.

Era esta a missão que Aenne Burda se propunha cumprir. Mas não estava só, pois cada vez mais revistas especializadas em moda adquiriam competência e êxito. Cada vez mais mulheres se interessavam pela última moda...

Nos fins do século passado...

Nos finais do século passado e no início deste século, diversas publicações qualificadas e especializadas em moda são lançadas: a «Vogue» é lançada nos EUA em 1892 e em 1908 em Paris.

Actualmente, na Alemanha, a «Burda Moden» tem sérios concorrentes, deste «Petra», que se publica em Hamburgo desde 1965, sempre dirigida por homens (coisa rara no mundo da moda...), à «Metropolitan», uma revista feminina destinada a mulheres entre os 20 e os 40 anos que apareceu pela primeira vez no mercado em Janeiro de 1984 com uma tiragem de 350 exemplares.

Existem, porém, muitas outras revistas de moda de grande tradição na Alemanha, como, por exemplo, «Madame», «Neue Mode», «Brigitte»...

Uma das editoras alemãs de maior divulgação, a Bauer, tenta agora implantar-se no mercado americano com um semanário de moda feminina «Wolmen's World».

Nos EUA as maiores revistas de moda são «Vogue» e «Harpers Bazaar», ambas com o estilo inconfundível de Diana Vreeland, de 82 anos, que dirige presentemente a secção de moda do Metropolitan Museun de Nova York.

Diana Vreeland nasceu em Paris e adquiriu nacionalidade americana em 1925. Foi editora de «Harpers Bazaar» de 1937 a 1962.

Entre 1962 e 1971, foi chefe de Redacção e editora da «Vogue». Charlotte Curtis, colunista do «New York Times», escreve que durante os anos 60 Diana Vreeland domina a «Vogue» e a moda internacional como Luís XIV dominou a França.

A própria Diana Vreeland afirma «'Vogue' e eu somos a moda».

E os homens...?

A única publicação americana que pode competir com «Vogue» e «Harpers Bazaar» é a «Women's Wear Daily», um diário de 40 páginas que se ocupa exclusivamente de moda.

Na opinião da revista alemã «Stern», recentemente ligada à escandalosa fraude dos «Diários de Hitler», a «Women's Wear Daily» representa no mundo da moda o que o «Pravda» representa no mundo comunista europeu. Os criadores de moda começam a ter fama internacional a partir do momento em que o seu nome aparece na «Women's Wear Daily», acrescenta a revista alema.

Também existem revistas de moda de categoria internacional em Espanha. A mais conhecida é «Hogar y Moda», fundada em Barcelona em 1909. Todas estas publicações são dirigidas por mulheres.

As revistas italianas de moda têm também prestígio internacional. As mais divulgadas são «Gioia», «Grazia», «Bella» e «Amica», sendo esta última dirigida por um homem. Todas estas revistas são editadas em Milão, um dos mais influentes centros de criação da moda internacional.

As revistas francesas especializadas em moda também têm difusão mundial: «Marie France», fundada em 1944, «Elle», fundada em 1945, e «Marie Claire», de 1954, são as mais importantes. Recentemente, «Jardin des Modes», dirigida por um homem, tem adquirido bastante prestígio.

Nos últimos tempos, o público masculino tem manifestado cada vez mais interesse pelo mundo da moda. Na Alemanha Federal, foi lançada em Junho último uma revista de moda masculina, de título «Maenner Vogue».

Trata-se de uma publicação mensal com uma tiragem inicial de cem mil exemplares que só é ultrapassa em número de exemplares por outras revistas tipicamente masculinas: o «Playboy» (500 mil exemplares), o «Penthouse» (375 mil) e «Lui» (mais de 300 mil exemplares).

A "culpa" é das cassetes piratas

Vendas de discos baixaram 25 por cento no primeiro trimestre deste ano

As vendas de discos em Portugal no primeiro trimestre de 1984 sofreram uma redução de 25 a 30 por cento relativamente a igual período de 1983.

A afirmação é do presidente do Grupo Português de Fonogramas e Videogramas, Carlos Pinto, numa entrevista à revista norte-americana «Tibill Board».

O dirigente daquela organização considerou que a quebra de vendas se deve fundamentalmente à política seguida pelo Governo sobre aumentos salariais.

Carlos Pinto salientou ainda que a edição pirata de cassetes «é ainda o maior inimigo da indústria discográfica» e disse que, em relação a 1983, enquanto foram editadas legalmente cerca de milhão e meio de cassetes, surgiram no mercado cerca de oito milhões de cassetes piratas.

Segundo Carlos Pinto, a companhia discográfica de que é administrador em Portugal, a CBS, terá perdido em 1983 cerca de um milhão de dólares (cerca de 150 mil contos) devido às edições de cassettes piratas com gravações de artistas como Júlio Iglesias e Roberto Carlos.

O presidente do Grupo Português de Fonogramas e Videogramas disse que em 1983, segundo estimativas realizadas pela organização, devem ter sido vendidas em Portugal cerca de 7,2 milhões de cassettes piratas, sensivelmente o mesmo número dos discos e cassettes vendidos pelas três maiores editoras portuguesas juntas.

Em relação à música portuguesa, que ocupa apenas cerca de 10 por cento do total de vendas de discos em Portugal, Carlos Pinto considerou que a situação é agravada pela subida dos preços dos estúdios de gravação que torna praticamente impossível a edição rentável de discos de artistas portugueses com os níveis de vendas existentes.

Sobre a edição de cassettes video, Carlos Pinto disse que as companhias temem explorar esse campo devido à existência de dezenas de clubes que trabalham com material pirata e que dominam o mercado. Disse ainda que um projecto de lei sobre esta matéria vai ser apresentado dentro em breve no Parlamento.

Passado numa cidade criada pelo realizador

Ultimo filme de Marco Ferreri abrirá Festival de Cinema de San Sebastian

O trigésimo segundo festival de cinema de San Sebastian (14 a 23 de Setembro) abre com o útlimo filme do Marco Ferreri, «Il Futuro e Donna», interpretado por Ornella Muti e Hanna Schygulla». Ferreri e alguns dos intérpretes assistirão à projecção.

Com argumento de duas mulheres, Dacia Maraini e Piera Degli Espoti, «Il Futuro e Donna» passa-se numa cidade imaginária onde, entre outros sinais «impossíveis», as matrículas dos automóveis têm todas a sigla MF, as iniciais do nome do realizador.

«Esta cidade poderia ser italiana, diz Ferreri, se fosse possível reunir num só sítio uma Palermo metafísica, essa horrorosa ideia da Mafia, que a encheu de bairros de lata e torres de cimento, Selimunte, que é a Grécia sem gregos, mais um toque de Cartago e de sala de baile de adolescentes, uma Ferrara de comerciantes distraídos das coisas mundanas e uma Milão de supermercados e neblina: Essa poderia ser a Ferreri City.»

A história reúne três personagens centrais: um médico que se dedica ao transplante de árvores gigantescas, interpretado por Niels Arestrup, a sua mulher (Hanna Schygulla) e uma jovem grávida (Ornel Muti), que o casal salva de ser violada por um bando de adolescentes.

Entretanto a comissão de selecções do festival divulgou alguns dos filmes que estarão presentes.

Da secção oficial constam «La Noche Mas Hermosa» de Manuel Gutierrez Aragon, Espanha «Tasio», de Montxo Armendariz, Espanha, «Rio Abajo», de José Luís Borau, Espanha «Um Amor de Swann», de Volker, Schloendore, Alemanha Federal, «Fandy o Fandy», de Karl Kachyna Checoslováquia, «Regresso de Órbita», de Alexandre Surina, União Soviética, e «Cancrejo II», de Roman Chalbaud, Venezuela.

No âmbito da secção «Novos Realizadores», que atribui o principal prémio do Festival, serão exibidos, entre outros, «Vidas Errantes», de José António de La Riva, México «Un Verbe Aimer», de Mary Jimenez, Bélgica, «Gaiola para os Canários», de Abel Chujray, União Soviética, «Campo Europa», de Bernardo Safari, Suíça, El Sueno de Una Noche de Verano», de Celestino Coronado, Espanha, «Bastilha» de Rudolf Van Der Berg, Holanda.

Na secção homenagem serão projectados «Hasta Cierto Punto», de Tomas Gutierrez Alea, Cuba, «Carta para Freddy Buache», de Jean Luc Godard, «Muchacha de Las Bragas Oro», de Vicente Aranda, Espanha.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

Albert Finney (à esq.), Jacqueline Bisset e Anthony Andrews em *«Debaixo do Vulcão»*: um filme tumultuosamente granítico.

"Debaixo do Vulcão" de John Huston

Fica-se, diante de **Debaixo do vulcão,** absolutamente atónito. Eis um filme excessivo, transbordante, como as ondas de uma tempestade que se cavalgam até ao impossível, como as rajadas de vento que nos parecem estar em risco de nunca mais pararem, de empurrarem o mundo para o caos. Fica-se, diante de **Debaixo do vulcão** com a sensação de que a terra fende e se afunda na confusão primitiva do inferno. Um filme à beira de quebrar por todos os lados. E, milagre!, ele está ali, de pé, tumultuosamente granítico.

Decerto que os literatos anglo-saxões vão ter uma bela oportunidade para retomar a velha e nunca resolvida questão das adaptações dos romances ao cinema. Considerado quase infilmável, o livro de Lowry tentou vários realizadores e, durante anos, foi uma espécie de filme-mítico perseguido por muitos e nunca erguido. Não tendo lido o romance não é por aí que posso entrar no filme mas uma coisa é certa: depois de ver esta fita de Huston (um dos meus realizadores favoritos que, nos últimos anos, me andava a deixar um tanto mal visto...) fiquei com uma vontade irresistível de abordar as páginas de Lowry; bom sinal.

Mas de que fala, afinal, **Debaixo do vulcão**? De uma história de amor (a mulher do ex-cônsul inglês em Cuernavaca volta para ele; o ex-cônsul está à beira do abismo físico, alcoolizado e esse dia durante o qual o filme decorre vai ter a dimensão de um apocalipse), ou talvez, da história de um mundo na véspera da hecatombe (a acção passa-se em 1938) com a barbárie a levantar a cabeça, da história de pessoas que perderam ilusões. No Dia dos Mortos, no grotesco carnaval fúnebre mexicano, num tempo de canções do cerco de Madrid, de touradas, de álcool, de desespero, de nazismo, de sífilis, de fim do mundo, o filme fala do abismo da alma de um homem, de um grande senhor que se imola numa vertigem.

Esse homem é Albert Finney, actor gigantesco que aqui trabalha nos limites tensos do excesso, naquele lugar em que um miligrama a mais de força e a corda rebenta, interpretação inesquecível. Ao seu lado, seguros, mas quase nos dando a sensação de estar lá apenas para coadjuvar Finney (de tal modo o seu registo é arrebatador), Jacqueline Bisset e Anthony Andrews. Por fundo, um México turbulento, que John Huston agarrou como espaço fascinante, dissolvente, temível, numa dimensão rara de sufocação e espanto, nunca nos dando a sensação mínima de coisa reconstituída mas de um magma que já lá estava e onde o filme se foi banhar.

Fica-se, diante de **Debaixo do vulcão**, absolutamente atónito. Há filmes tão poderosos que mais parece que foram feitos para a gente perceber que o inacreditável existe.

FICHA:

Título original: Under the volcano.
Realização: John Huston (USA-1984).
Argumento: Guy Gallo, baseado na novela de Malcolm Lowry.
Fotografia: Gabriel Figueroa.
Cenários: Gunther Gerzso (**production designer**), José Rodriguez Granada (**art director**), Elsa Wachter (**set designer**), Teresa Wachter e Martin Cardenas (**set decorators**).
Música: Alex North.
Montagem: Roberto Silvi.
Interpretação: Albert Finney (**Geoffrey Firmin**), Jacqueline Bisset (**Yvonne Firmin**), Anthony Andrews (**Hugh Firmin**), Ignacio Lopez Tarso (**dr. Vigil**), Katy Jurado (**sr.ª Gregoria**), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes/20th Century-Fox.
Cinemas: Londres e Las Vegas.
Classificação: Para maiores de 12 anos.

O que há de novo no mundo do cinema

O realizador João Botelho inicia em Outubro as filmagens de «Um Adeus Português», um dos filmes «aprovados» pelo último plano de assistência financeira à produção do Instituto Português de Cinema.

Para esta sua segunda longa-metragem, João Botelho escolheu um elenco constituído, entre outros, pelos actores Maria Cabral, Isabel de Castro, Fernando Heitor, Luís Lucas e Cristina Hauser.

«Conversa acabada» foi o anterior trabalho cinematográfico do jovem realizador.

Spielberg regressa à televisão

Steven Spielberg vai «regressar às origens» — a TV, com a produção de uma série televisiva denominada «Amazing Stories», a incluir na programação de Outono de 1985 da cadeia NBC.

Estou contente por regressar ao meio que me ofereceu a primiera oportunidade no campo da realização», confessa Spielberg, cujo primeiro trabalho, como realizador, foi um episódio da série «Night Gallery», para a NBC.

A nova série será produzida pela «Amblin Entretainment», do próprio Spielberg, e pela «Universal Entretainment», esperando o realizador que, além de divertir, «Amazing Stories» funcione como «plataforma de lançamento de novos talentos».

Cinema soviético e realismo socialista

Não agradou ao «Pravda» o filme «Detski Sad» (Ninho de Infância), com que o poeta soviético Evgenij Evtushenko se iniciou no cinema como realizador e que será apresentado, fora de concurso, no festival de Veneza, inaugurado terça-feira.

Já acolhido com reserva pela Imprensa da URSS, o filme do ex-«Enfant Terrible» da literatura soviética foi literalmente «esmagado» num longo artigo em que o órgão oficial do PCUS convida o cineasta a produzir obras «mais em sintonia com o realismo socialista».

Preto no branco, o «Pravda» escreve que o «Detski Sad» não resiste a uma «análise crítica» e aconselha o poeta a «olhar para além dos seus pequenos heróis».

O artigo do «Pravda», assinado pelo crítico Guergui Kapralov, alude depois a filmes que, diferentemente do de Evtushenko, considera exemplares. Entre outros, cita «Boris Godunov», de Serguei Bondartchuk, «A Luta por Moscovo», de Yuri Ozirov e «Pobieda» (Vitória), baseado num romance de Alexandre Tchakovski, chefe de redacção da «Literaturnaya Gazeta».

Guerra civil em filme

O realizador Luis Berlanga começou a rodar, perto de Saragoça, o filme sobre a Guerra Civil espanhola intitulado «La Vaquilla».

«Temos de acabar de vez com o medo de tocar neste assunto, observa Berlanga, frisando que o seu novo filme não é trágico e, pelo contrário, enfrenta o tema com humor.

Do elenco fazem parte actores como Francisco Rabal, Alfredo Landa, José Sacristan, Adolfo Marsilach e Maria Luisa Ponte.

Com um orçamento de 250 milhões de pesetas, «La Vaquilla» é a produção mais cara da história do cinema espanhol.

Filmes proibidos na Jordânia

«O Padrinho», «A semente do Diabo», «O Sindroma da China» e «Flashdance» fazem parte de uma lista de dezoito filmes que os espectadores da Jordânia estão impedidos de ver por decisão do Departamento para o Boicote Árabe contra Israel.

No caso dos quatro filmes citados, e sete outros, a proibição de exibição tem a ver com a distribuidora, a Paramount, uma das empresas que figuram na «lista negra» dos países árabes.

Os restantes sete foram arredados dos ecrãs por terem sido produzidos em Israel ou interpretados por israelitas.

«E Tudo o Vento Levou» excluído dos Jogos

Os organizadores dos Jogos Olímpicos de Los Angeles tinham agendado a projecção gratuita, para os atletas participantes, de uma série de filmes, entre os quais «E Tudo o Vento Levou». Exactamente este acabou por não ser exibido.

A decisão de excluir o filme do programa ficou a dever-se ao protesto apresentado por um negro norte-americano, membro do Comité Olímpico dos Estados Unidos.

Segundo ele, «E Tudo o Vento Levou», de Victor Fleming, apresenta uma «imagem negativa» dos negros.

Os atletas não puderam ver ou rever este clássico do cinema mas, certamente, ninguém terá ficado mais decepcionado com a exclusão do filme do que Steven Spielberg. É que foi o realizador de «E.T.» quem preparou a lista dos filmes a exibir.

Hoje

RTP 1

Uma cena da série «Os Mallens»

11.02 **«Peixes na Água»** – e outros.
13.00 **Notícias**
13.05 **Revista de Toiros**
13.30 **O Mundo à Mesa**
13.50 **«Uma Casa na Pradaria»**
15.00 **Aventura é Aventura** – «El Dorado».
17.10 **Rockline**
18.00 **Volta a Portugal em Bicicleta**
19.05 **«Buck Rogers no Século XXV»**
20.00 **Telejornal**
20.30 **Ângela Maria**
21.30 **«Os Mallens»**
22.30 **Volta a Portugal em Bicicleta**
22.45 **Últimas Notícias**
23.00 **Última Sessão** – «Os Comandos da Morte».

«A Vida de Verdi»

RTP 2

17.02 **Troféu**
21.00 **A Epopeia dos Bacalhaus**
21.30 **«A Tragédia da Rua das Flores»**
22.25 **«A Vida de Verdi»**

Amanhã

RTP 1

09.32: Eucaristia Dominical; **10.30**: Setenta Vezes Sete; **11.00**: «Bell e Sebastião» – e outros; **12.55**: Notícias; **13.07**: TV Rural; **13.35**: No Mundo dos Fraggles; **14.05**: «Os Três Dukes»; **15.00**: Folclore Internacional de Santarém; **16.00**: «Três Raparigas Modernas»; **17.50**: Arca de Noé – século XX; **18.15**: Vietname; **19.10**: «Fama»; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Fontes do Som; **21.00**: «Gente de Smiley»; **22.00**: Domingo Desportivo; **23.05**: «Tudo em Família»; **23.30**: Últimas Notícias.

RTP 2

13.02: Troféu; **15.00**: Pintores e Escultores de Ontem e de Sempre; **15.55**: Bailado; **18.00**: Concurso Hípico da Penina; **20.00**: Guerra Civil de Espanha; **20.55**: Cine-Clube.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
«Os Comandos da Morte»
(23.00)

RTP 2
«A Vida de Verdi»
(22.25)

RTP 1
ÚLTIMA SESSÃO
«Os Comandos da Morte»
(22.40)

O dr. Josef Mengele, antigo médico do campo de concentração de Auschwitz, fala a um grupo de apaniguados, algures no Paraguai, Mengele, o «Anjo da Morte», responsável pelo extermínio de mais de 300 000 judeus, conseguiu fugir e desconhece-se o seu paradeiro...
Intérpretes: Gregory Peck, Laurence Olivier, James Mason, Lilli Palmer, Uta Hagen, Rosemary Harris, Jeremy Black, Steve Guttenberg. Realização: Franklin J. Schaffner.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

roteiro cultural

Teatro

• **O Teatro Ibérico** continua a apresentar no seu auditório, à R. de Xabregas a peça «Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu jardim».

• **O Grupo Nozes 3,** integrado por Adélia Loureiro, António Vasco e Sérgio Santos, todos alunos do Conservatório Nacional, apresenta no B'Arte o «Não faço ideia».

• **«Aurora da Minha Vida»** é o trabalho que o **Grupo Experimental de Cascais** tem em cena. Com texto de Naum Alves e encenação de Carlos Avilez.

• No Café Concerto. à R. do Norte, ao Bairro Alto, **Fernando Gomes e Isabel Rilvas** apresentam «Lisboa em Cuecas», que tem constituído um grande êxito dadas as suas características populares.

• Em Vila Nova de Cerveira continua a decorrer o **I Encontro de Teatro Luso-Galaico** no âmbito da IV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira. Hoje, o grupo «Realejo» apresenta uma produção colectiva de luz negra «Abeliosmonstro», uma peça encenada e criada por Vitor Valente, «Viagens dum Homenzinho na mão cheia de sonhos e objectos».

Exposições

• No Atrium da Impensa, à Casa da Imprensa, continua patente ao público uma mostra colectiva marcada pela qualidade. Desde **Almada Negreiros** e Carlos Botelho, passando por Matilde Marçal, Lima de Freitas, Cargaleiro e Vespeira, entre outros.

• Centenas de trabalhos de **Henrique Pousão** continuam em exposição na Fundação Calouste Gulbenkian. Uma oportunidade para o leitor se (re)encontrar com a obra de um dos maiores paisagistas portugueses.

• Uma mostra fotográfica de trabalhos de **Aníbal Sequeira** continua patente ao público na Incrivel Almadense, numa colaboração daquela Associação e da Câmara Municipal de Almada.

• Cerca de 130 artistas ofereceram 150 obras para a exposição que a **Galeria de Arte do Casino do Estoril** tem patente ao público desde a passada quinta-feira, e cuja venda se destina a adquirir materiais para os artistas moçambicanos. Num gesto de solidariedade de artistas para artistas, colaboraram nesta iniciativa nomes como os de Boavida Amaro, Barata Moura, Nikias Skapinakis.

• Pintura de **Martins Gomes** pode ser vista no Restaurante Baluarte, na Baía de Cascais.

• Ainda em Cascais, na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, continua presente ao público uma mostra de pintura de **Gonçalo Duarte.**

• Artesanato urbano continua patente ao público no Largo da Igreja, Penendo, Colares-Sintra, numa iniciativa de **Manuel Abreu, Georges le Calvé e da Loja D'Almerinda.** Em exposição estão mármores, cerâmicas, tecelagem, cestarias, sedas pintadas, vidros gravados, bijuterias e bonecas.

• «... do outro lado do espelho» é o tema de uma **exposição de pintura e escultura de artistas portuenses** que pode ser vista no Módulo-Centro Difusor de Arte do Porto, à Av. da Boavista, 854. Esta mostra propõe ao público uma reflexão sobre a arte contemporânea e o seu papel de mediador na abordagem do mundo exterior.

• No casino do Luso está patente ao público uma **mostra constituída por trabalhos de artesanato e arte** efectuados nas oficinas da Fundação Ricardo Espírito Santo.

• Trabalhos de **Maria Capitolina Pessoa** estão a partir de hoje em exposição na Galeria «Beira Vouga», nas Termas de S. Pedro do Sul.

• A **exposição temporária Imaginário Medieval** continua presente ao público no Museu/Mosteiro da Batalha. A mostra reúne mais de uma centena de peças de escultura em pedra e madeira, dos séculos XIII ao XV, grande parte das quais consideradas das mais representativas da escultura portuguesa daquele período da Idade Média. Destacam-se as imagens atribuídas às oficinas de **Mestre Pero, Mestre Afonso e de outros Mestres.**

• Em Vila do Conde, continua patente uma exposição de pintura de **Bernardino Costa.** A mostra decorre na Galeria do Centro de Artesanato daquela cidade e estará patente ao público até ao próximo dia 9 de Setembro.

• Pintura de **Reinaldo Lessa** está presente ao público até 16 de Setembro no Café Turco, Eira da Pedra-Vila Nova de Milfontes. Uma mostra em que a mulher brasileira é a figura dominante.

Óleo de Hilário Teixeira Lopes patente ao público na colectiva do Casino do Estoril, a favor dos artistas moçambicanos

• No Alto Minho, a **IV Bienal de Vila Nova de Cerveira** continua a chamar a atenção de todos os que se interessam por artes plásticas. Uma oportunidade para ver ainda «performances» de diversos artistas portugueses que, assim, enriquecem ainda mais a Exposição.

• Desenhos e aguarelas de **Stela Barreto** podem ser vistos na sala de exposições dos «Amigos de Portimão», em Portimão

Música

• Numa organização da Cooperativa de Habitação «Bemvinda a Liberdade», com sede na zona do Faralhão-Setúbal, inicia-se hoje o **I Encontro de Corais Alentejanos**. Estarão presentes doze grupos representativos do movimento coral alentejano, e o programa desta iniciativa inclui diversas manifestações culturais. Pelas 14 horas, os grupos estarão concentrados na Praça do Bocage e desfilarão pela Av. 5 de Outubro. A apresentação dos grupos começará às 16h30m, no Faralhão.

• Esta noite, pelas 21h30m, na Igreja Matriz de Santa Maria, em Óbidos, **José Bom de Sousa** dará um recital de piano. Entrada livre. Do programa consta a interpretação de obras de Schumann, Scriabin e Chopin.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

ANO LECTIVO DE 1984/85

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS DOCUMENTAIS

CANDIDATURAS: 3 a 21 de Setembro

LOCAL: Faculdade de Letras deLisboa (Cidade Universitária) — Secretaria.

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 21 de Agosto de 1984.

Pel'A PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO
(assinatura ilegível)

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85$15	91$15
ALEMANHA FED (marco)	51$65	52$75
ÁUSTRIA (xelim)	7$30	7$50
BÉLGICA (franco)	2$398	2$598
BRASIL (cruzeiro)	$046	$078
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	114$90	116$90
(notas de 5 a 1000)	115$40	117$40
DINAMARCA (coroa)	14$15	14$55
ESPANHA (peseta)	$865	$985
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	149$40	151$40
(notas de 5 a 1000)	149$90	151$90
FINLÂNDIA (marka)	24$60	25$20
FRANÇA (franco)	16$80	17$50
HOLANDA (florim)	45$80	46$80
IRLANDA (libra)	160$00	164$00
ITÁLIA (lira)	$076	$086
JAPÃO (iene)	$592	$627
NORUEGA (coroa)	18$00	18$50
REINO UNIDO (libra)	196$50	200$50
SUÉCIA (coroa)	17$95	18$55
SUÍÇA (franco)	62$10	63$20
VENEZUELA (bolivar)	9$45	10$45

Observações:
1. — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil**

rádio

Antena Um

15.30: Vivosábado; **18.00**: Musicalmente; **19.00**: Perspectiva; **20.00**: Diário da Volta — meio termo; **21.00**: Forum; **22.00**: Porto d'honra; **23.30**: Último jornal; **23.45**: No estúdio e no estádio; **24.00**: Fecho. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.00: Música vocal polifónica espanhola do século XVI; **16.25**: Música sinfónica; **17.15**: Canções, de Schubert; **17.40**: Música concertante alemã; **18.20**: Impressionismo; **19.05**: Trechos de óperas de Wagner; **20.10**: Poemas sinfónicos; **21.00**: Para além da leitura; **21.45**: O compositor da semana; **22.00**: Música sinfónica; **23.00**: O Festival de Órgão da ORF; **01.00**: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **19.00**: Quatro tempos; **20.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Sons de oitenta; **16.00**: Flauta de Pã; **17.00**: Country music; **18.00**: Lança chamas; **19.00**: A ilha das palmeiras; **20.00**: Blues index; **21.00**: Pretérito quase perfeito; **23.00**: A luz de Edison. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sábado à tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Espaço musical; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Clube dos coleccionadores; **21.00**: Espaço musical; **21.30**: Transmissão directa do terço; **22.30**: Espaço musical; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00** A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama. Noticiários a todas as horas.

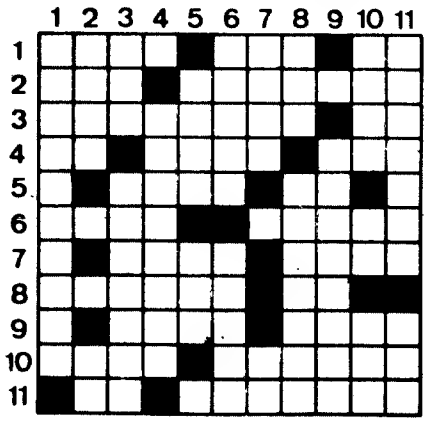
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14.126

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Possui Batráquio
2 Indiviso. Moles.
3 Ressonância da voz que, num doente auscultado, semelha o balido da cabra. Manuscrito.
4 Tempo do verbo ir. Escoavas. Tanto.
5 Amanhã (ant). Concede.
6 Juba (inv). Desarma.
7 Cova. Mil duzentos e um em romano.
8 Presas com elos. Irídio (s.q).
9 Magoava. Ilha do mar Egeu.
10 Nome científico do pato. Cidade da Boémia.
11 Abreviatura de Santíssimo. Nesse lugar. Rates.



VERTICAIS:

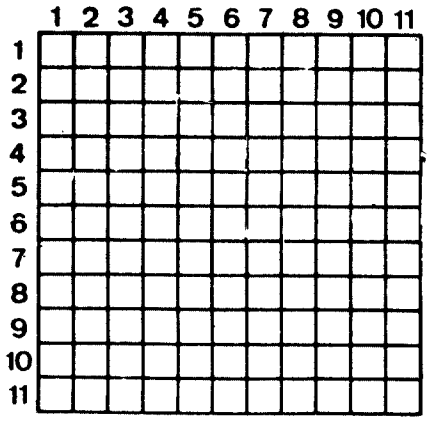
1 Freguesia do concelho de Fafe.
2 Tambor de honra, usado no Daomé. Nosso Senhor.
3 A estrela da manhã. Doce de coco (pl).
4 Homens que nas touradas fazem as pégas.
5 Cratera. Tempo do verbo ir. Artigo definido.
6 Rio da Numídia. Poeta romeno que publicou em Jassi o primeiro jornal romeno.
7 Cidade da Grécia.
8 Triture. Subjugar.
9 Rei da Sicília.
10 Cidade de Itália. Depois de Cristo. Ilha do Estado da Baía.
11 Chegai. Preposição e artigo (pl).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9976

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Seia.
2 Curso de água natural e abundante. Pista.
3 Vila e concelho do distrito de Viseu. Almirante astrónomo e académico português que montou o Observatório Astronómico de Lisboa.
4 Hora canónica correspondente às quinze horas (pl). Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh! Cério (s.q).
5 Liquidaram.
6 Deu aviso de alguma coisa em voi alta. Ilha do Pequeno Belt.
7 Tempo do verbo ir. Abreviatura de Santíssimo. Cabelos brancos.
8 Zomba. Prefixo de negação. Decote
9 Amante. Escarnecer.
10 Carimbaram. Pega.
11 Sadias. Pessoas magras.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho e distrito de Braga.
2 Metal precioso de cor amarela. Pecados.
3 Cidade de Itália. O mesmo que oh! Olé.
4 Tomaras sobre ti.
5 Miado (inv). Maior.
6 Classes, Chiste.
7 Enganadas. Estime.
8 Nota musical. Acrescentando uma vogal é palmeira da Amazónia.
9 Sufixo que designa abundância. Tocaram de leve.
10 Covil. Previne.
11 Consomem. Curas.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14.125

HORIZONTAIS:

1 MACACO. NAO
2 Simão Sacro
3 NS Acordais
4 Sa. Odiosas
5 Eaco
6 Nua. Ta Cs.
7 Jarreteira
8 Estaleiros
9 Almada
10 Ter Charada
11 Atoa Arão

VERTICAIS:

1 MSN ENJEITA
2 Aissauás
3 Cm Acartara.
4 AAA Rá
5 COCO Melaço.
6 Ode. Telha.
7 SRI Teima
8 Nado. Airara.
9 Acaso Rodar
10 Oriá. Casada.
11 Ossos Ao.

PROVÉRBIO: Macaco não enjeita coco.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9975

HORIZONTAIS:

1 Os. Que. Amam.
2 Amassais. SS.
4 Crepitas.
5 Suai Sacos
6 Incas Gafa.
7 Eon. Dá.
8 NS Rol. Em.
9 Zoa. Kir Ana
10 Ab. Kef Lido.
11 Mil. Porosos.

VERTICAIS:

1 Oanes Gomam
2 SM Ui! Obi.
3 Alcanena
4 Os Ricos.
5 Uspe An Kep.
6 Ea Rifo
7 Iris. Dor
8 As Tagal Lo
9 Raça. Ais
10 As. Sofrendo.
11 MSN. Sa Mãos.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
A MANIA DO PATO DONALD

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 6 a.
Festival Cantiflas
CANTIFLAS, O VARREDOR

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A INICIAÇÃO

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
A ESPADA ERA A LEI
7.ª Semana

CASTIL 530194
R Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
ONDE ESTÃO OS RAPAZES

CINE BLOCO 556824
R Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
LAÇOS DE TERNURA
Às 24
BUCKTOWN, CIDADE CORRUPTA

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
PROMESSA DE AMOR

CINE 222 579460
Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ÁS DOS ASES
Às 24
OPERAÇÃO DIAMANTES

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
BEM-VINDO À TERRA PROMETIDA

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES
Às 24
CARRIE

CONDES 322573
Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
2.ª Semana

2000 2100055
Av B Voluntários, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
GANGSTERS DE QUATRO RODAS

EDEN 320768
P Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
A FÚRIA DO HERÓI
5.ª Semana
Às 24
O GUARDA-COSTAS DE FERRO

ESTÚDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
111.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
7.ª Semana

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14.30, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 12 a.
CARMEN

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
EM BUSDA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
VINGANÇA SELVAGEM

LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.15 – M. 16 a.
IMPACTE SÚBITO

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
OS ABISMOS DA MEIA;NOITE
Às 24
VIOLÊNCIA SELVAGEM

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 328283/4
R dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a.
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches, 122

ENCERRADO

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 Quarteto

POLITEAMA 326716
R Portas S Antão, 109

Às 14.15, 18.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
VINGANÇA SELVAGEM

QUARTETO 771378
R Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 12 a.
MOONLIGHTING
Às 00.45 – M. 18 a.
VOLTAR A VIVER

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18,45, 21 e 23.15
– M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES
Às 00.45 – M. 18 a.
O ABISMO

Sala 3
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 12 a.
CLEMENTINE TANGO
Às 00.45 – M. 18 a.
A COLINA MALDITA

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 – M. 18 a.
O ÚLTIMO METRO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 18 e 21.15
– M. 18 a.
O PADRINHO I
Às 24
ACONTECEU NO OESTE

ROMA TEL. 727778
Av de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
GELADO DE LIMÃO II

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
LOUCURAS NA PRAIA

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às13.45, 17.30 e 21.15
OS ELEITOS
2.ª Semana

SALA 2

Às 14, 16.15, 18 45 e 21.30
– M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
10.ª Semana

SALA 3

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 18 a.
AS MIL E UMA NOITES

7.º ARTE 730715
Av Republica, à E Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 12 a.
Comédia
ONDE ESTÃO OS RAPAZES

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
AS MALHAS DA TRAIÇÃO
Às 00.00
O JUSTICEIRO DA MOTO VOADORA

TURIM 706666
E de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITÁ
Às 24
O MECÂNICO

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

XENON 368480
Av da Liberdade, 9

Às 14 15, 17.30 e 21
– Int. men. 13 a
TESS

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA – «Paraíso Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «O Mundo Porno de Duas Irmãs», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Missão Suicida», às 21.15 (12 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de Férias» às 21.30 (16 anos)
APOLO 70 – «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
RESTELO — «Massacre em S. Francisco», às 21.30 (16 anos)
ZODÍACO – «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
ALFA-1 – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 – «Porky's II», às 21.45 (16 anos)
ALFA-3 – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
TIVOLI – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-CLUBE – «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Debaixo do Vulcão», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Império Contra-Ataca» e «O Grande Hotel Excelsior», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Força Mortal», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
ALGÉS – Stadium – «Violência e Paixão», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «A Epopeia do Império», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Último Fôlego», às 21.30
CASCAIS — Impala — «O Tubarão», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Flashdance», às 21.30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «O Cônsul Honorário», às 21.45 (16 anos)
ALMADA – Academia – «O Guerreiro Sagrado», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores, «Ragtime», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Polícias e Ladrões», às 21.30 (12 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Torneio Sexual», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «A Corneta Infernal», às 21.45 (18 anos)
ESTÚDIO – «Sacrifício da Vida», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «O Casal Trapalhão», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Infielmente Tua», às 21.30 (12 anos)
BEBÉ – «A Mulher em Chamas», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «A Grande Paródia», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «O Vingador de Tróia», às 21.30 (16 anos)
COLISEU – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
ÁGUIA – «A Mania do Pato Donald», às 21.00 (Todos)
BATALHA – «Vingança Selvagem», às 21.45 (16 anos)
FOCO – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PASSOS MANUEL – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (6 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
CHAPLIN – «A Fúria do Guerreiro», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Hotel Paraíso», às 21 30 (18 anos)
TRINDADE – «Vidas em Jogo», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «A Educação de Rita», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Star 80», às 21 45 (18 anos)

farmácias

Lisboa
PERMANENTE
(Hoje)

AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO D'OURIQUE: Lobel**, R. Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Costa Ferreira**, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308; **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446).

PERMANENTE
(Amanhã)

AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MADRE DE DEUS - POÇO DO BISPO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220)

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T 2233028), **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R D Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290064). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE: Artur Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Permanente; **Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**. Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T 9242181). Permanente, **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente.

PORTO
DE DIA E TODA A NOITE

NACIONAL, R. Senhora da Luz, 156; **COUTO**, L. de São Domingos, 106; **FERREIRA DA SILVA**, R. dos Mártires da Liberdade, 150; **GOMES FERREIRA**, R. de Faria Guimarães, 449; **MELO TAVEIRA**, R. Alcaide de Faria, 77.

Coimbra

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia, 7-11 (T. 22147).

teatros

Lisboa

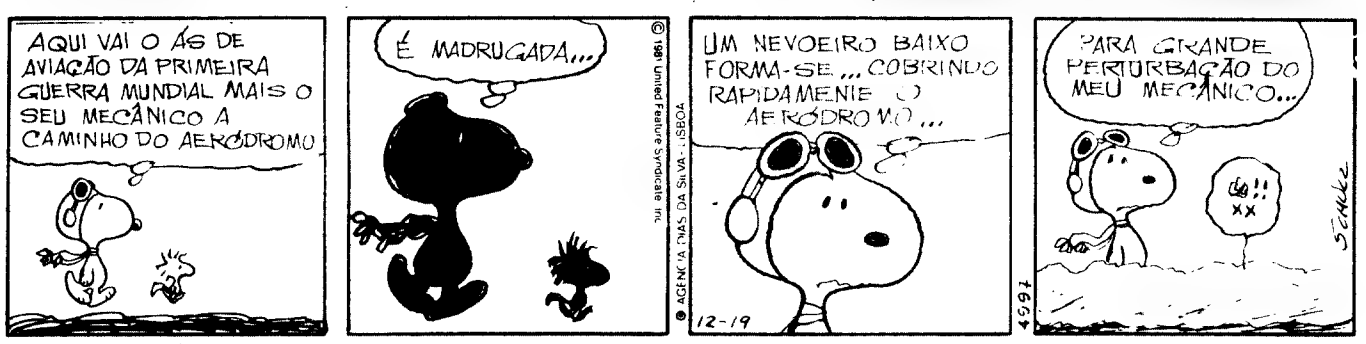
MARIA VITÓRIA – «O Bem Tramado», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
VARIEDADES – «Casar Sim mas Devagar», às 21.45 (12 anos)
VILLARET – «SuperSilva», às 21.30 (12 anos)
VASCO SANTANA – «Quando a Banda Tocar», às 21.30 (13 anos)
TEC – Cascais – «Aurora da Minha Vida» às 21.45
GULBENKIAN – «Deseja-se Mulher», às 21.30
COMUNA – «Marat Sade», às 21 30 (13 anos)
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS CARDAIS – «A Troca», às 21 30

PORTO

TEP – «Eles Não Usam Smoking», às 21.30

DL

PORTE PAGO



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

6.59	3,8 m	0.21	1,1 m
19.24	3,7 m	12.42	1,3 m
	Dia 2		
7.55	3,5 m	1.15	1,5 m
20.28	3,4 m	13.46	1,6 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	19°
VILA REAL	17°
PORTO	18°
COIMBRA	19°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	20°
ÉVORA	18°
BEJA	20°
FARO	20°
SAGRES	—
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	19°

Preso em Faro

Casal francês suspeito de assaltos a bancos

Elementos da Judiciária de Faro detectaram e apreenderam numa casa isolada perto de Almancil, uma pistola-metralhadora «Uzi», uma pistola de 9 mm, e duas «FN» 7,65 mm, e respectivas munições bem como um emissor-receptor, uma mira telescópica, um capuz, três pares de luvas e um «box» em latão.

Foram detidos, na altura, os locatários, um casal francês que há perto de três anos reside em Portugal, onde exploram um estabelecimento de pastelaria. A captura do homem foi confirmada pelo juiz de Instrução Criminal de Faro que, no entanto, ordenou a libertação da mulher por falta de provas de que ela tenha participado em assaltos a bancos, incriminação que recai sobre o companheiro.

As duas pistolas «FN» são as que em 15 de Dezembro de 1983, foram tiradas a dois guardas da PSP por ocasião do assalto à agência do Banco Nacional Ultramarino em Beja.

Português preso em Espanha por suspeita de homicídio

A Guarda Civil espanhola deteve ontem um marinheiro português suspeito de envolvimento num caso de agressão mortal — anunciaram fontes oficiais em Infiesta, província das Astúrias.

O português detido, José Fernando Barbosa de Carvalho, de 22 anos, natural do Porto, é acusado de ter participado na agressão de um farmacêutico no dia 16.

A vítima faleceu dez dias depois.

Entretanto, a Polícia procura outro indivíduo que acompanhava Barbosa de Carvalho quando este entrou na farmácia de Luís Azcoitia.

Em declarações à Polícia, o detido disse que pretendia fazer uma chamada telefónica e que enquanto aguardava a ligação ouviu um ruído voltou-se e viu o farmacêutico ferido no chão.

o outro indivíduo manietou-o e apoderou-se do dinheiro que havia na caixa registadora.

Barbosa de Carvalho, que tinha saído no dia do incidente de uma clínica de reabilitação de alcoolicos, afirmou ainda que os dois tinham bebido três garrafas de vinho e comprimidos de «Valium 10» antes da apreensão.

Clandestinos estão condenados

Lagoa de Albufeira será "limpa" este ano

O plano de reconversão da degradada zona da lagoa de Albufeira, que prevê a remoção das construções clandestinas ali existentes, vai arrancar ainda este ano, revelou o presidente da Câmara de Sesimbra, após uma reunião que manteve ontem com o secretário de Estado do Ambiente.

Ezequiel Lino adiantou que «o contrato para a elaboração do plano de reconversão da lagoa será brevemente assinado», a culminar as conversações entre o Governo Central e a Câmara de Sesimbra no sentido da recuperação desta zona de turismo.

O autarca sesimbrense esclareceu que «a lagoa de Albufeira sofre um processo de degradação que se arrasta há dez anos, sem que a Câmara possa fazer alguma coisa por manifesta incapacidade financeira». Para Ezequiel Lino, «a única solução para proceder ao plano urbanístico de reconversão que possa salvaguardar as características ecológicas e turísticas da zona, consiste em recorrer ao auxílio do Estado».

O êxito das conversações e negociações entre a autarquia e o Estado permite encarar com algum optimismo a possibilidade de salvar da morte irremediável uma zona hoje ecologicamente desfigurada, apesar dos problemas decorrentes da ocupação selvagem da zona.

Realizados por empresas de construção civil portuguesas

Empreendimentos na Guiné-Bissau atingem quatro milhões de contos

Empreendimentos de engenharia e construção civil orçados em cerca de quatro mil milhões de escudos foram já executados na República da Guiné-Bissau por empresas de construção civil portuguesas.

Desde 1979, data da chegada dos técnicos da «Soares da Costa», a empresa pioneira, foram implementadas cerca de uma dezena de realizações de grande fôlego, nomeadamente as instalações do novo liceu de Bissau, a ampliação e melhoramento do Aeroporto Internacional de Bissalanca, nos arredores da capital guineense, e a construção da auto-estrada que liga Bissau ao aeroporto.

Duas outras firmas portuguesas, a Somec e a Ilídio Monteiro, foram também encarregues no decorrer do corrente ano da execução de obras de grande envergadura, nomeadamente a modernização e ampliação do porto e estaleiros de Bissau e a construção de um complexo islâmico na cidade de Gabu, no Leste do país, empreendimentos orçados em mais de 400 milhões de escudos.

No entanto, até 1984, pertenceu à «Soares da Costa» a obra de penetração na antiga colónia portuguesa, sempre em acentuada expansão, que motivou inclusive, a necessidade de construção de instalações próprias e da manutenção de um apreciável número de trabalhadores em regime de permanência.

Adalberto Ferreira, responsável máximo da empresa neste país, disse à ANOP que a política de formação profissional seguida na Guiné-Bissau visa a substituição gradual de operários portugueses por guineenses, o que tem sido conseguido «com óptimos resultados», nomeadamente quanto aos operadores de equipamento.

O primeiro concurso internacional ganho por aquela firma portuguesa ocorreu em Março de 1979 para a construção do complexo do novo liceu de Bissau, obra orçada em 752 milhões de escudos.

Em Fevereiro de 1982 surgiu um empreendimento de menor envergadura – a construção das oficinas centrais para o Ministério do Desenvolvimento Rural – avaliado em cerca de 100 milhões de escudos, e em Março do mesmo ano a empresa pioneira ganhou novo concurso internacional para a construção da ampliação e melhoramento do Aeroporto Internacional de Bissalanca.

A obra, a primeira do tipo executada por aquela firma portuguesa, compreendia o prolongamento da pista em mais 800 metros, o revestimento da existente, construção de novos edifícios e trabalhos de apoio às instalações de sinalização. Os trabalhos, avaliados em mais de 1500 milhões de escudos, foram executados em 14 meses.

«Ao fim de seis anos de actividade na Guiné-Bissau – disse Adalberto Ferreira – pode dizer-se que está cumprido aquilo que motivou a nossa vinda, ou seja, tendo em atenção obviamente os interesses da nossa empresa, contribuir para o fortalecimento das relações entre Portugal e a Guiné-Bissau e ajudar à construção de um novo país.»

O responsável máximo da firma portuguesa em Bissau, salientando que foi necessário «criar do nada» todas as infra-estruturas e ligações com os meios oficiais e particulares – «hoje, as melhores possíveis» – realçou ainda a maior receptividade e espírito de colaboração que encontrou da parte de todos.

Concursos internacionais ganhos por firmas portuguesas

A empresa pioneira ganhou também em 1982 novo concurso internacional, orçado em cerca de 380 milhões de escudos, e destinado à construção da primeira fase da via rápida Bissau- Bissalanca, a que se prevê seja dada a designação de «Avenida 14 de Novembro».

Anteriormente, já a firma portuguesa tinha efectuado contratos com o governo dos Estados Unidos para a construção da primeira fase do complexo da nova embaixada daquele país na Guiné-Bissau, avaliado em 250 milhões de escudos, a que se seguiu em 1983 idêntico acordo com o governo brasileiro para a construção da residência do embaixador daquele país, obra que ultrapassou os 100 milhões de escudos.

No decorrer do corrente ano, foi adjudicada à firma portuguesa a construção da ponte-cais de combustíveis da Dicol, em primeira fale, avaliada em mais de 300 milhões de escudos, e em Abril também a primeira fase de construção da escola onde funcionará o Instituto de Formação e Aperfeiçoamento do Pessoal da Educação, empreendimento cujo custo ultrapassa os 450 milhões de escudos.

Todas estas obras, financiadas pelos mercados financeiros internacionais ao governo da Guiné-Bissau, representaram a entrada de elevada soma de divisas em Portugal.

Cais de Salamanca encarece

Navegabilidade do Douro "afunda-se" em Espanha

O aproveitamento por Espanha da navegabilidade do rio Douro ver-se-á atrasada pelas dificuldades surgidas quanto à construção de um cais no lugar de Vega del Terron, município de Fregeneda.

Os representantes provinciais de Salamanca deverão solicitar um novo estudo para a construção de um cais no rio Douro, uma vez que o anterior foi considerado «tecnicamente inviável» pela Confederação Hidrográfica do Douro, informou o jornal «El Pais».

O anterior projecto, mandado realizar em 1982, não previa, entre outros aspectos, as avenidas de água que sofreriam os rios Águeda e Douro, em cuja confluência se vai realizar a obra.

Em virtude da modificação do projecto, a estrutura do cais será flutuante, mas elevará os custos da obra dos 87 milhões de pesetas previstos, para 200 milhões, informaram as mesmas fontes.

Esta nova situação surge num momento em que aumentaram as polémicas na região de Salamanca sobre a conveniência ou não de realizar este investimento para dinamiçar a zona, depois de afastada a ideia de continuar a navegabilidade do Douro pela parte internacional.

Um estudo da Assembleia Provincial revelou que não há produtos para transportar, mas admitiu-se a possibilidade de explorar minerais, entre eles o quartzo, que com transporte terrestre carecem de rentabilidade, mas com a utilização de outro tipo de transportes poderiam dinamizar a zona.

O estudo destacou a importância turística que poderia derivar da utilização do projecto.

Os planos de utilização do Douro navegável têm sido impulsionados, a nível regional, principalmente pela Assembleia Provincial.

A administração central tem mostrado sempre uma atitude reservada, condicionada à «viabilidade técnica e económica», na opinião do Ministério de Obras Públicas.

Morreu na motorizada a caminho da Alemanha

Um jovem português de 18 anos que seguia de motocicleta para a Alemanha Federal morreu na madrugada de ontem num desastre ocorridos na auto-estrada Bilbau-Behovia, no Norte de Espanha. A vítima, João Carlos dos Santos, deslocava-se de motocicleta um pouco atrás do automóvel onde seguia o pai, um tio e a noiva.

O local combinado para a família se juntar era o posto fronteiriço de Irun.

Ao constatarem a dada altura o atraso do jovem, os familiares e a noiva voltaram atrás encontrando a motocicleta caída na berma da auto-estrada e o cadáver de João Carlos a 15 metros de distância.

Desconhecem-se as causas do acidente.

Farmácias levantam boicote aos SMS

As farmácias já fornecem normalmente os medicamentos aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais, em resulta do de a respectiva associação nacional ter chegado a acordo com o Ministério da Saúde sobre o pagamento das comparticipações estatais nas receitas medicamentosas.

A Associação Nacional de Farmácias tinha decidido cancelar entre 1 e 15 do corrente mes o fornecimento dos medicamentos com comparticipação inferior a 80 por cento, devido à falta de pagamentos por parte do Estado.

Segundo a ANF, a dívida do Estado atingia neste momento um milhão e duzentos e cinquenta mil contos, que o Ministério da Saúde se comprometeu a liquidar de imediato.

Esta dívida avolumou-se, ainda de acordo com a ANF, porque «as medidas financeiras do Ministério da Saúde, para consumo de medicamentos no ano em curso, estavam calculadas por defeito sendo necessário um reforço de verba de quatro milhões e quinhentos mil contos».

Acidente na África do Sul

Vinte e dois mortos e feridos é o balanço de um acidente de viação envolvendo um autocarro, um camião cisterna e, um automóvel, ocorrido hoje de madrugada numa estrada sul-africana, informou a Polícia.

O acidente teve lugar na estrada que liga Ladysmith a Colenso, na província do Natal, cerca de 320 quilómetros a sueste de Joanesburgo.

O autocarro transportava trabalhadores negros de Joanesburgo para Umtata, capital do Bantustão do Transkei.

Pai de Mota Pinto internado

O pai do vice-primeiro-ministro, Mota Pinto, foi, internado de urgência num hospital de Lisboa na sequência de um acidente cardiovascular, disse à NP uma fonte hospitalar.

A mesma fonte adiantou que apesar da «gravidade» do caso, o pai de Mota Pinto não está em perigo de vida.

SÁBADO, 1 DE SETEMBRO DE 1984

Diário de Lisboa

Sábado

SUPLEMENTO SEMANAL

EM 1933 CHAMAVAM "SENHOR" A ESTE HOMEM!

Waldemar Bastos

Música angolana terá o seu lugar no mundo!

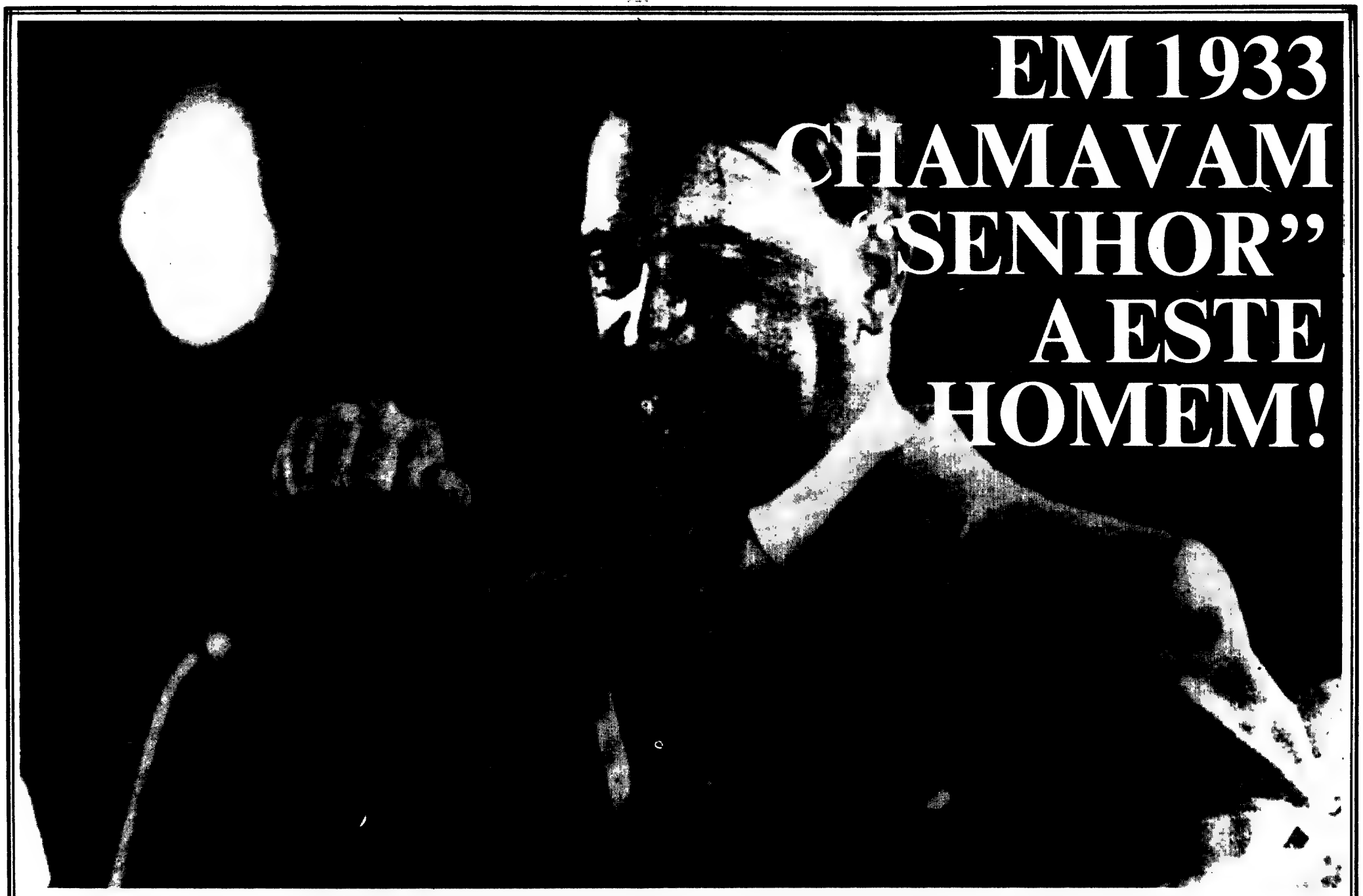
Diário de Lisboa

Sábado

20 ANOS DE ROCK

Jesus Cristo: a nova estrêla

EM 1933 CHAMAVAM "SENHOR" A ESTE HOMEM!



Relemos as notas inseridas nos jornais franceses de Janeiro, Fevereiro e Março de 1933, no momento em que o «senhor Adolf Hitler» acabava de ser nomeado chanceler pelo presidente Hindenburg. Dissolvido o Reichstag, as eleições legislativas desenrolaram-se num ambiente de arbítrio – jornais de esquerda proibidos, bandos nazis integrados numa polícia auxiliar, incêndio do Reschstag a 27 de Fevereiro, prisões de comunistas. – Mas, quem é que se apercebeu do perigo?

No momento em que Portugal recebe a «visita» de uma estranha figura, um homem de 70 anos com um passado de criminoso de guerra; no momento em que desfilam perante os olhos incrédulos dos telespectadores portugueses as imagens de uma juventude hitleriana empolgada e pronta à morte para servir o seu chefe, «Sábado» volta ao início da década de 30. Tendo como guia o historiador francês Jean-Pierre Chrétien, os leitores poderão reler a Imprensa francesa de então. Uma Imprensa que, menos de 10 anos antes da Segunda Guerra Mundial, ainda chamava «Senhor» a Adolf Hitler!

Foi em Julho de 1932, quando o Partido Nazi obteve 230 deputados, em plena crise económica e política que se perfilou o perigo de uma ditadura hitleriana. Também em Janeiro de 1932, quando este movimento parecia estar em refluxo, e quando era feita a nomeação do seu chefe para a chancelaria na sequência de «negócios» entre o presidente Hindenburg, os dirigentes do Partido Conservador Alemão-Nacional e o próprio Hitler, com o beneplácito dos industriais do Reno e do banqueiro Schroder, a opinião pública francesa encara tudo o que se passa como se fosse um compromisso parlamentar. Até porque, como salientavam, os ministros nazis eram apenas dois num elenco governamental de dez: Frick, no Interior, e Goering, na Aviação.

Do mesmo modo, a dissolução, a 19 de Fevereiro, do Reichstag é interpretada como a procura de uma nova maioria associando as duas direitas «nacionais» e «nacionais-socialistas». Esta coligação, como acentuava o «Paris Soir» na sua edição de 9 de Fevereiro, não irá ter a maioria absoluta. Estes cálculos levam a Imprensa católica da época a dizer que o Partido do Centro vai-se tornar o árbitro da evolução política.

«Mais prisioneiro – que chefe

A promoção de Hitler é encarada como tendo o mérito de clarificar a situação, encostando ao muro o demagogo. O «Paris Soir» constavava a 31 de Janeiro *que um hitleriano a desempenhar uma função ministerial não é um ministro hitleriano*. Aliás, no dia seguinte, o mesmo jornal publicava fotos dos alojamentos do novo chanceler, *mobilidados de uma forma simples*. Nas suas páginas, no fim do mês de Fevereiro, podia-se ler o anúncio de uma visita a Berlim por ocasião de um jogo de futebol que despertava o interesse *numa capital em efervescência política*. Mas, *um povo não podia viver exclusivamente de fogos de alegria e de retratos* («Le Journal», de 7 de Março), e estando a crise económica resolvida ou não a opinião alemão haveria de voltar à razão.

Os obstáculos, as oposições, os conflitos que deveriam levar Hitler «à parede» são descritos pela Imprensa francesa da época de acordo com a sua verdade ideológica: a classe operária para «L'Humanité», o regionalismo bávaro para «Le Journal des Débates», a Igreja, para «Le Croix».

Em Julho de 1933, «Le Crapouillot» sintetizava a resignação da opinião pública. *Repetiu-se tanto que a chegada ao poder de Hitler seria o fim de tudo, que esse acontecimento traria à opinião pública o despertar necessário; no entanto, o homem da camisa castanha está sentado na cadeira de Bismark, e os franceses apercebem-se que a Terra continua a girar.*

De início, quase todos os observadores concordaram ver no verdadeiro chefe do país a pessoas do chanceler Von Papen, o homem do presidente e dos «junkers» prussianos. O «Echo du Nord» escrevia a 11 de Fevereiro que *bem poderá ser, para o novo chanceler, o início da grande penitência: Hitler dará a voz; os actos serão de Papen e Hugenberg* (delegado da indústria pesada) *e dos outros. Ele aparece mais como prisioneiro do que como chefe.* («Le Correspondant», de 10 de Fevereiro).

Independentemente das tendências dos jornais, Hitler aparece, então, como um elemento decorativo. No «Echo de Paris», Gérard Bauer afirma-se espantado *por ver sentado no lugar de Bismark... aquele homem cujo físico e destino lembram Charlot-Ditador.*

O compromisso com a velha direita é visto como um sinal de fraqueza do futuro ditador. Alguns pensam que ele apenas prepara o regresso de Hohenzollerb, ou, pelo menos, a restauração da velha Alemanha Prussiana...

Mas as semanas passam, a hipótese de uma aliança durável, na qual os nazis teriam o papel de machado contra o «perigo comunista» ganha consistência. Desde a sua edição de 10 de Fevereiro «Le Temps» assinala as bases dessa aliança: militarismo, xenofobia, política depotência. Para «Le Fígaro» de 4 de Março, apesar das suas atitudes de agitador, Hitler é sobretudo, um homem da ordem, que põe a autoridade acima de tudo e que, para fazer respeitar essa autoridade contra os que a pretendem destruir não hesita em recorrer à força. Nesta perspectiva o novo chanceler aparece quase como uma figura simpática, sobretudo na Imprensa de direita. Assim «L'Action Française» dá o exemplo: *a fórmula hitleriana resume-se a uma guerra ao marxismo que arruinou a Alemanha, e a democracia, veículo do marxismo*, segundo a pena Bainville.

Também o velho jornal católico «Le Correspondant» publica em 25 de Março as setenças de Jacques Maupas: *não se deve esquecer que Hitler trava a luta contra o comunismo para a defesa da civilização ocidental e do ideal cristão.* No «Fígaro», François Coty não se contenta em publicar elogios a Hitler, grande adversário da *finança internacional, do bolchevismo e portador de uma política de grande união nacional e racista;* aconselha *o acompanhamento dos «degoladores» comunistas que vão fugir de França e orientar o seu caminho para os campos de concentração.*

«Um produto da democracia»

A estes princípios da Imprensa de direita há ainda que juntar os relatos dos jornalistas impressionados com as manifestações de rua dos nazis. Philippe Barrés («Le Martin») fascinado *pelo jovem* chanceler. Os irmãos Fharaud («Paris Soir»), embevecidos pelo sucesso do *pequeno pintor*. Bertrand de Jouvenel afirma no jornal radical «La République» que *Hitler fez um grande serviço moral à Nação».* Por seu lado, o órgão da a CGT «Le Peuple» denuncia o que se passa em França: *há pessoas em França que vão-se felicitando suficientemente alto para se ouvirem pelo sucesso de Hitler, ou seja da aliança fascista oposta à organização democrática...*

Retrospectivamente é curioso que o adjectivo «socialista» tenha sido tomado a sério no título do Partido hitleriano. O programa social nazi de luta contra o desemprego pela abertura de grandes estaleiros públicos levou um jornalista a comparar Hitler a Roosevelt. «Le Croix» de 16 de Fevereiro via no futuro Terceiro Reich uma espécie de bolchevismo militar, estatizando os meios de produção! Mais surpreendente ainda, os teóricos marxistas da época descreviam a situação alemã como potencialmente revolucionária: o sucesso de Hitler era o «último grito» de um Estado capitalista em crise. Tudo isto levou Berlioz nos «Cadernos do Bolchevismo» de 15 de Fevereiro, a definir o Partido Nazi como um movimento de massa contra a miséria, o imperialismo de Versalhes e a impotência dos sociais-democratas.

O efeito de massas levou, aliás, diversos jornalistas a definir o nazismo como um produto da democracia. Para os Tharauh, no «Candide» e no «Paris Soir», Hitler, *que representa os pequenos burgueses alemães, o povo*

do campo, os pequenos funcionários e a juventude das universidades... deseja fazer uma política democrática... anexando os dois a três milhões de sindicalistas católicos que lhe trazem aquele apoio operário que o seu partido necessita. Para Georges Suarez, em «Le Temps» o hitlerismo *nasceu na rua, com as suas origens populares, e é a prova viva, irrefutável que existe uma democracia alemã.*

«O regresso do orgulho nacional»

A partir de 15 de Fevereiro, e do incêndio do Reichstag, a opinião é geralmente consciente de estar a assistir ao nascimento de uma ditadura. Mas a assimilação do novo regime com o fascismo de Mussolini é rara e tardia. Encontramo-la nos órgãos da esquerda como «L'Humanité», «Le Populaire», «L'Ere/Nouvelle» ou «L'Aube». Até «Le Temps» afirma, peremptório, a 2 de Março: *«o fascismo não é apenas um facto italiano, tende a tornar-se uma doutrina internacional»*. Do mesmo modo, a qualificação de «racista» vem aparecendo, mas como uma etiqueta de circunstância sem gravidade especial:*«Argumentos racistas aproveitados dos velhos tratados pangermanistas»* (L'Echo de Paris», a 23 de Fevereiro, *«Hitler não é estúpido ao ponto de acreditar que um massacre de polacos ou mesmo um «pogrom» judeu será capaz de encher o estômago desses intelectuais esfomeados»* («La Dêpeche», de 11 de Fevereiro). É no início de Março que os jornais radicais («L'Ere Nouvelle», «La Republique», «L'Oeuvre») ou socialistas («Le Populaire», «Le Peuple») alertam a opinião pública sobre as perseguições anti-semitas.

Raros são os observadores que assinalam que os programas «trabalhados» com elementos à esquerda e à direita são menos importantes. Neste caso, que o projecto essencial de mobilização de massas em redor de um Chefe e de uma (mistica) passional, cujo sucesso se encontra ligado ao desenvolvimento geral da sociedade alemã. «L'Intransigeant», de 22 de Fevereiro, considerava que *«Os eleitores místicos, que seguiram cegamente Hitler não se preocupam em saber se o grande vencedor de ontem tem ou não um programa político: vêm nele apenas o regresso do orgulho nacional e um inimigo dos ricos.»*

As explicações «científicas»

Apenas alguns jornais estão inquietos perante o desenvolvimento na Europa de uma nova barbárie. «L'Oeuvre», de 5 de Março, considera o *«Despertar nacional de Hitler como o despertar dos mais baixos instintos humanos»*: «Le Journal des Débats», no mesmo dia, fala de barbárie, o «Derniéries Nouvelles», de Strasbourg, de *«Cenas bestiais»*, e paga isso caro: deixa de ser vendido na Alemanha. Por ter falado de *«Terrror»*, Camille Loutre, do «Petit Parisien», expulso de Berlim.

Mas ainda se encontram explicações «científicas» na alteração do comportamento do regime. Naquela sociedade moderna (contrastando, segundo afirmavam, com a Itália), a juventude nazi incarnava a espera de uma nova etapa no progresso social correspondente *«a segunda revolução industrial»*, a da electricidade e dos produtos sintéticos.

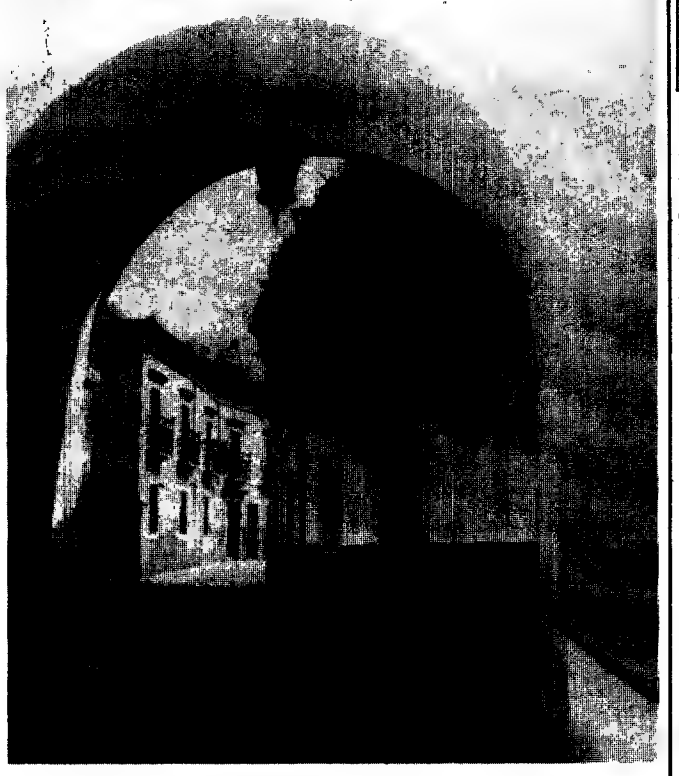
(P. Delattre, «La Croix», de 16 de Fevereiro): face às antigas oliguarquais, Hitler representa *«As massas que já sofreram o contragolpe económico das novas invenções e aprovam instintivamente a necessidade de uma readaptação das instituições à vida...»*

Conclui-se que os argumentos «objectivos» das «novas direitas» não datam de ontem. A geração dos anos 80 conhece, mais é certo, o totalitarismo do que os seus antecessores dos anos 30. A cegueira de certos comentadores é identicamente surpreendente, face ao ressurgimento actual de projectos neofascistas, caracterizados por esta espécie de tribalismo que consiste em manter uma confusão nevrótica entre a sociedade, por mais complexa que seja, e a família fixada sobre princípios orgânicos: o totalitarismo da terra e do sangue.

Pouca gente hoje se lembra de que há pouco mais de cinquenta anos o nazismo chegou ao poder legalmente: a democracia é responsabilidade!

Jean Pierre Chrétien (Le Monde/«DL»)

PELA ESTRADA FORA



Antes do mar fica Faro para ver

Praças e ruas arborizadas, jardins, janelas abertas à ria, um intenso cosmopolitismo em tempo de Verão é calor: assim é Faro, a cidade maior do Algarve, de origens mergulhadas fundo na terra que a viu crescer por séculos.

O brasão da cidade é uma imagem da Senhora da Conceição. A lenda reza que ao tomarem uma aldeia de pescadores na margem da ria, os árabes encontraram uma imagem da Virgem que logo deitaram ao mar. Castigo divino ou não o que ficou é a circunstância do peixe ter desaparecido, situação que só se inverteu com a recuperação do ícone.

Ao longo de séculos, é certo, a imagem seria respeitada pelos sucessivos senhores da praça, que se desenvolveu dentro dos seus muros. Para lá entrar, era necessário franquear as suas portas, que ainda hoje correspondem, sem grande alteração, ao traçado primordial.

Entremos. Em pleno centro da velha vila, o Largo da Sé constitui um dos mais belos conjuntos arquitectónicos do Algarve, e não passará sem observação a catedral que o terramoto de 1755 muito destruiu.

Quase na periferia Norte da cidade oitocentista, fica a Igreja do Carmo, cujos sinos soaram numa manhã de 1808, chamando o povo à revolta contra os franceses invasores.

Continuemos o nosso passeio pela cidade «clássica». Dentro de Faro, impõe-se uma visita ao Convento da Assunção, casa de clarissas fundada por D. Catarina e interessante exemplar renascentista no Algarve. Mas saindo da área muralhada, pelo Arco do Repouso, surge a esplanada de S. Francisco, e encostada ao quartel a Igreja de S. Francisco.

Por detrás da horta do Ferregial, desenvolve-se a aprazível Alameda de João de Deus, de onde se regressará ao ponto de partida em preguiçoso vaguear pelas artérias sempre movimentadas: a Igreja do Pé-da-Cruz «abre» para a zona de prédios com belos azulejos, magníficas janelas de guilhotina e varandas de ferro forjado.

E passada a aprazível Praça de Alexandre Herculano, estão alguns dos mais belos palácios urbanos do Algarve.

Virem-se as costas ao mar, e caminhe-se para Norte. Estendem-se, em oportuna solução, as ruas só para peões, zona de intenso comércio e lojas a ocuparem os rés-do-chão de edifícios do século XVIII.

Outra perspectiva é a que se usufrui do cais comercial, a sul de Faro, já perto de Santa Maria. Vista de longe, a cidade é uma longa mancha branca com as suas duas colinas nos extremos leste e oeste.

Um passeio pelas aldeias vizinhas, uma volta de barco pela ria e, porque não? uma panorâmica aérea em avião alugado à hora, são outras sugestões para um dia ocioso das suas férias, em alternância à praia que não está longe, mas exige deslocação menos simples.

Waldemar Bastos

Waldemar Bastos faz a sua primeira grande actuação ao vivo, no nosso país, na Festa do Avante. Tocará temas do disco «Estamos Juntos» e alguns inéditos. Trás consigo o som de África, a música de Angola, o ritmo quente da sua terra que nos bamboleia os corpos e liberta o espírito. Trás um grito: «A música angolana terá o seu lugar no mundo.»

Música angolana terá o seu lugar no mundo!

«No meu trabalho tento imprimir o máximo de seriedade e honestidade»

na Festa do Avante

O cantor, para quem a música é a sua energia natural conta como foi no Brasil. «O disco foi muito bem recebido, tanto pela crítica como pelo público. Poderia ter feito muito mais espectáculos mas não me quero distanciar da minha terra. É lá que eu bebo, que trabalho e que vivo. E, eu sei que as pessoas lá estão eufóricas para me ouvir.»

No disco, gravaram junto com o cantor alguns dos músicos instrumentistas mais reconhecidos na terra do samba. Hugo Fattoruso, no piano, Café, nas congas (que recentemente acompanharam Djavan nos espectáculos do Coliseu), Novelli, no baixo, Zeca Assumpção, também no baixo e mais uma lista exaustiva de músicos.

Pausa e nova força

«Grande parte dos músicos no Brasil que fizeram esse disco comigo estão interessados em acompanhar-me em Angola, sem grandes interesses materiais. Para já, quando lá chegar devo fazer a apresentação com músicos angolanos. Neste momento estou numa pausa de reflexão, para depois dar continuidade ao meu trabalho, com novas forças.»

O objectivo do músico está quase cumprido: gravar o álbum e voltar a Angola e, dentro de pouco tempo vai regressar. «Há 16 anos que componho, por isso quando saí já tinha um trabalho bastante elaborado. Tanto que para escolher os temas a gravar foi preciso um concenso cuja última palavra foi minha. O regresso é mais do que ir beber às minhas raízes, a necessidade de estar com a minha gente.»

Com material mais do que suficiente para gravar «outro» e outro» disco, Waldemar pretende agora «dar uma ajuda aos novos valores que nascem em Angola. Desde que sai cresceu bastante. A própria rádio apoia os músicos que vão surgindo. O maior problema é ainda não haver fábrica, razão porque muitos vão gravar no estrangeiro».

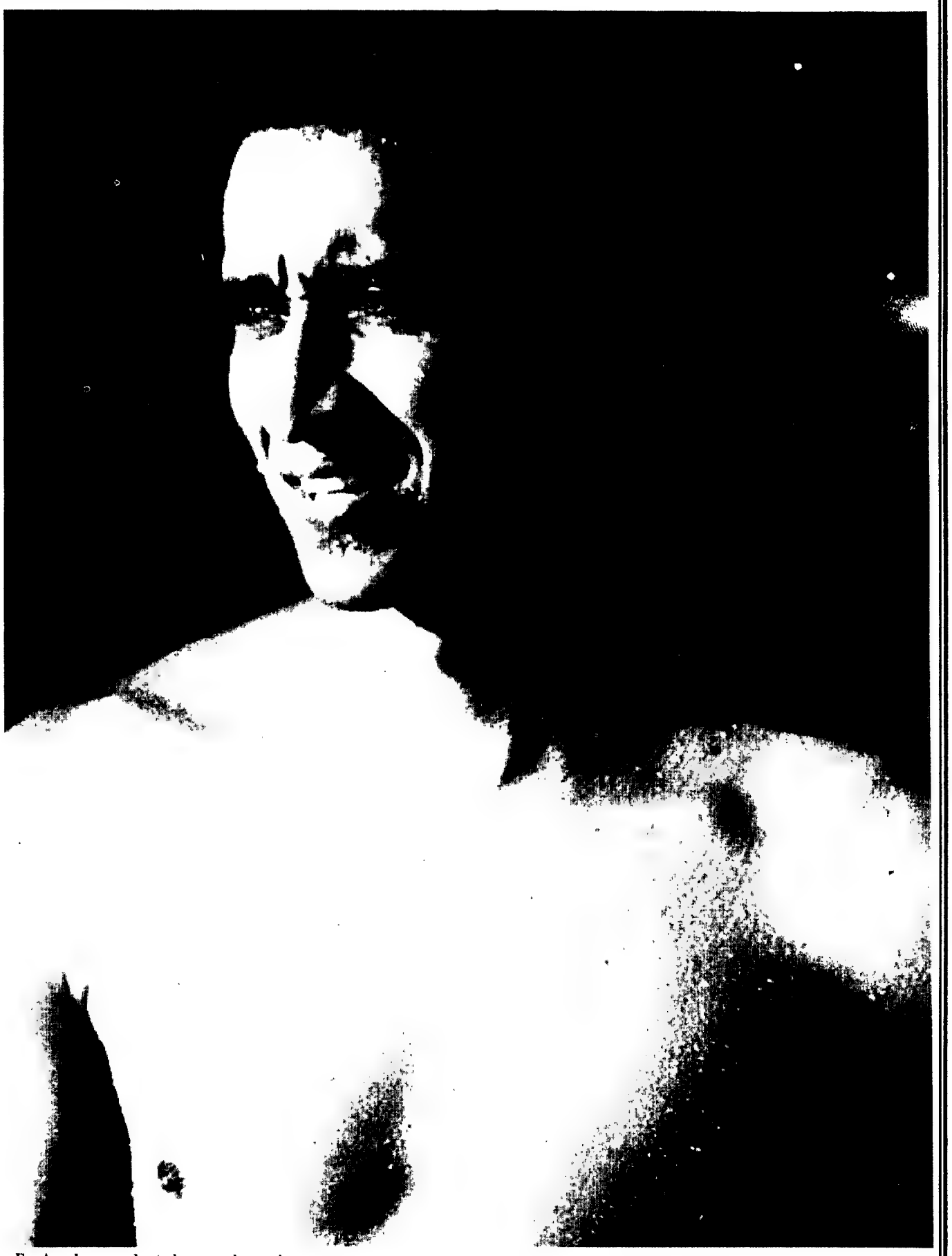
A sua intenção, tanto como divulgar o seu trabalho em disco, porque de resto há muito que é conhecido, é a de «dar tudo aquilo que abarquei. A minha experiência não é para ficar comigo, mas para dar aos outros. Por exemplo, todo o processo que decorre em relação a um disco».

Ansioso por tocar

A música africana é uma fonte sem fim e Waldemar Bastos acredita que «A música angolana vai ter o seu lugar no mundo. Reúne as condições estéticas para ser aceite. Neste momento, o meu caso reconheço que foi uma excepção e a dificuldade de não existir fábrica é um grande obstáculo à sua divulgação, mas creio que já se está a fazer algo nesse sentido».

«Marimbondo», «Colonial», «Mungueno», «Humbiumbi Yangue», «Lubango», «Velha Chica» são temas de «Estamos Juntos», que acrescentados de outros inéditos, constituem o reportório a apresentar na Festa do Avante. «Quando actuo dou tudo de mim. Não faço música como comércio. Tento imprimir o máximo de seriedade e honestidade».

Relativamente ao acolhimento do público português, o cantor afirma «até aqui tenho sido muito acarinhado, por isso não estou nada preocupado e espero que me recebam bem. O público é um bom crítico e a partir daí estou ansioso por ir lá tocar».



«Em Angola quero dar tudo o que abarquei»

Acompanham Waldemar, para o espectáculo do dia 8, os elementos do grupo «Raízes», angolanos há muito radicados no nosso país e outros dois músicos já conhecidos pelas suas actuações com Carlos Mendes e Fernando Girão. São Emílio Robalo, nas teclas, Zézé N'Gambi, na bateria, dos Raízes, O Mindo e o Beto, na percussão, Nelson, no baixo, Nelo, nas vozes e, claro, Waldemar terá consigo a guitarra.

«Senti neles — diz o cantor relativamente ao grupo Raízes — uma grande vontade de tocar comigo. São músicos jovens que se interessam pelo meu trabalho e aceitei porque achei bonito. Estamos juntos para fazer esse som.»

Para um próximo trabalho em acetato, Waldemar expressa não prescindir de músicos africanos. «Penso gravar em Paris ou em Inglaterra. Sei que estão interessados em mim». O trabalho será diferente. «Não é na temática que quero que seja diferente, mas no balanço, quero que tenha outra dinâmica. Baseado no merengue vindo das ilhas de Guadalupe e Santo Domingo».

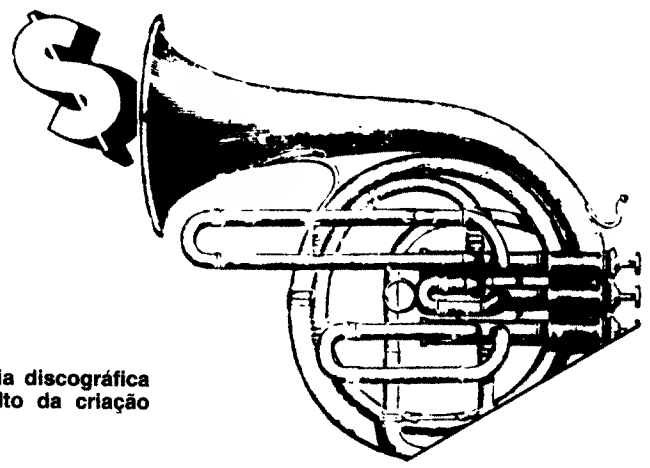
De férias, «curtindo» o ar das nossas terras, Waldemar confessa-se «satisfeito por o disco ser considerado em Angola como música africana. Como foi gravado no Brasil, poderia haver reticências. É claro que já tenho uma personalidade musical vincada e estou tranquilo. Sei o que quero e como quero». Agora só nos resta ir respirar, absorver esse calor da música africana e da voz de Waldemar, na Festa do Avante, estarmos juntos.

Edite Martins de Carvalho

20 anos de rock:

1970

Indústria discográfica "decreta" modas musicais



1970: a indústria discográfica passa ao assalto da criação rock

A partir de 1970, os discos constituem um «bem de luxo» e a indústria põe em marcha mecanismos que despertem a necessidade dos jovens comprarem discos. A música, que meses antes era um elemento revolucionário e de vanguarda, acaba como objecto de negócio, idêntico a tantos outros produtos.

São os empresários discográficos que consideram ter chegado a sua hora: a partir de agora, só eles tem a faculdade de criar ou acabar com um estilo musical. Enganam-se, porém, pois é o músico jovem que continua a distribuir os trunfos do jogo...

Apesar deste poder concentrado nas mãos do músico ou do artista, aparecem de novo os antigos elementos alienantes da indústria, com os seus valores do «fabricável» e «explorável», da grande super-estrela ou do super-êxito. Todavia, a hegemonia da fase da canção melódica também ultrapassou fronteiras e hoje, qualquer grupo, por mais difícil ou estranha que seja a sua música, pode usufruir também do aparelho comercial e promocional que o leve ao mais amplo leque do público possível.

Os «patrões» das etiquetas já não se preocupam com o que vendem, mas com os lucros que vão tirar desse investimento. E os próprios grupos podem inovar esteticamente desde que saibam infiltrar-se a tempo na «indústria da consciência» e saibam jogar os seus trunfos, de modo a que tudo termine em benefícios para quem cria e para os que exploram o vastíssimo negócio da música pop ou rock.

Emm contrapartida, os grupos terão que se sujeitar a serem entiquetados e catalogados como simpes objectos publicitários que aumentem as suas vendas o mais rapidamente possível, mesmo não perdendo o seu estilo vanguardista e a espontaneidade que os músicos jovens transportam intrinsicamente consigo.

Nenhuma etiqueta do mundo conseguirá matar o conteúdo espiritual da música ou dos grupos que a interpretam, mas alguma coisa começa a morrer neste ano de 1970: a história dos grandes festivais.

Morte dos festivais

Quase deixaram de se realizar nos Estados Unidos. Alguns mais poucos, continuaram a fazer-se na Europa: Roterdão, Bath, Wight, ou os três dias mágicos de Reading, nas proximidades ode Londres. O próprio Fillmore de San Francisco desaparece, pois o seu promotor trabalha agora com os Rollings Stones.

O maior atractivo deste local, para além dos grupos que ali actuavam, radicava no «light-show» criado por Marke Boyle, que consistia num écran colocado atrás dos músicos onde as imagens eram deformadas com gotas de gelatina coloridas, e o recurso a «slides» na sua maiorioa de carácter erótico.

Com efeito obtido pelo Fillmore e o seu grande auditório, muitos lugares foram criados um poucos por todos os Estados Unidos. Nova Iorque copiou milimetricamente o auditório de San Francisco, o denominado Fillmore. East. San Francisco,. surgiu o famoso Winterland, onde os Grateful Dead eram presença assídua.

«Tommy»: o cinema descobre a música pop

Em Palm Gardens na Costa Oeste, foi também construído um auditório, o mesmo sucedendo em Chicago, com o Aragon Ballroom.

Na Europa, pelo contrário, só existiam auditórios clássicos e o público tem que acorrer aos clássicos Palácios de Desportos para ver os seus ídolos.

A penetração da nova música nas emissoras de frequência modulada é outra novidade deste ano.

Nos finais de 1967, é impullesionado em São Francisco um novo estilo radiofónico. A emissora «KMPX» começa a difundir nas suas ondas álbuns inteiros dos artistas em voga, em vez do tradicional tema extraído do álbum e que prefigurava um grande êxito. Já não se trabalha para dar a conhecer uma canção, mas todo o trabalho de um grupo que levava pelo menos 12 meses a criar, ensaiado e gravado para revestir um valor histórico mínimo.

Revolução do «FM»

As estações convencionais de Onda Média divulgaram invariavelmente as classificações dos «singles» de música pop em função das vendas.

Com este «romper de cerco», a música rock ascende a um estatuto de qualidade graças à FM, amplitude de onda anteriormente reservada à música e ao jazz tradicional. A partir de 1969, a influência das estações de FM sobre as vendas ultrapassa a do tradicional «Top 40» da OM, ainda que não deixe de ser verdade que os compradores de «singles» acabam por comprar mais tarde os «LP's ...

Um americano da área de San Francisco, Carlos Santana, revoluciona o mundo da música com a sua percussão latina

A televisão americana vê-se também envolvida no negócio, e no Outono de 1970 começava a emissão de programas inteiramente dedicados ao «rock progressivo», como o famoso Don Kirschner's Rock Concert, filmado no Filmore East, e que durou até meados da década de 70, com uma fama que «empurrou» o seu organizador para a criação de uma empresa discográfica própria, com um catálogo integrado pelos artistas que descobrira e levara perante as câmaras de televisão.

Mas não é apenas nos Estados Unidos que isto acontece. Na Grã-Bretanha e na Alemanha a televisão começa também a trabalhar em programas pop. A cadeia britânica Granada inicia a emissão do seu próprio programa com actuações de meia hora dos principais grupos ingleses da época, como os Yes, Deep Purple, Genesis, Jethro Tull, e outros. Pouco depois, o «Top of the Pops», da BBC, convertia-se em referência das referências para a execução de programas de música pop, que percorriam toda a Europa.

Maná do «cinema-pop»

O cinema também não quer ficar a perder. No princípio, começa por utilizar as estrelas de rock como actores. Assim se pode ver Cliff Richard e os seus Shadows em «The Young Ones» e outros filmes situados no meio juvenil inglês. Ou Elvis Presley em filme como «King Creole», os Beatles e os Rolling Stones, num aproximar de culturas com o cinema com estrelas pop a assumir feição abertamente musical, normalmente constituído por filmagens de festivais, muito frequentes nesse ano.

A primeira esperiência neste sentido foi da D.A. Pennebaker com «Don't Look Back», que não teve grande êxito, mas serviria para cimentar o êxito do seu filme seguinte, «Monterrey Pop». No entanto, seria o Festival de Woodstock a colher os louros com um filme de três horas de duração em que se apresentavam detalhadamente os aspectos musicais, artísticos e ideológicos dos três dias de paz, música e amor. Conjuntamente com o filme, foi lançado um triplo álbum que recolhia o que de mais interessante o festival forneceu.

Nos Estados Unidos, só a Warner Bros. ganhava cerca de duzentos e setenta e cinco mil contos nos dois primeiros meses de estreia do filme, montante reforçado pelo lançamento do triplo-álbum, e avaliado em mais de um milhão de contos, sem contar com o outro triplo-álbum lançado mais tarde pela Cotillion, subetiqueta da Atlantic.

O cinema pop alcançaria deste modo a maioridade, tendo aparecido depois dezenas de filmes no começo de uma década que se revelaria difícil. Os exemplos mais clássicos deste «boom» do cinema pop são «5+1», com os Rolling Stones e Johnny Holliday, «Let it Be», dos Beatles, «Gimmie Shelter», também dos Stones, o «esgotadíssimo» «200 Motels» de Frank Zappa e The Mothers of Invention, e a participação de Ringo Starr, «Rainbow Bridge« e «Jimi Plays Berkeley», de Jimi Hendrix, ou o sensacional «Mad Dogs the Englishmen», de Joe Cocker, com uma banda única que faria história.

Jesus é superstrela

A indústria cinematográfica compreendeu que 60 por cento da sua audiência era constituída por pessoas com menos de 30 anos de idade, e isso levou à modificação das suas películas no sentido dos gostos desse importante público potencial.

Não admira, por isso, que apareçam elementos ideológicos juvenis e revolucionários em filmes como «The Graduate», «Easy Ridar», «Zabriskie Point» ou «Mash», cujo êxito daria lugar a uma série televisiva, ou «Five Easy Peaces».

Mick Jagger chega a ser brindado com um papel ideal para Marlon Brando em «Performance», no que é fácil de vislumbrar uma profunda crítica social e do sentido do ridículo por parte dos seus intérpretes. Logo depois, viriam «Hair» e a obra teatral «Oh Calcuta», visualizando com alegria e despreocupação a paz e o amor a Deuz, como valores acima de tudo, ideias que tiveram o ponto culminante na ópera-rock gravada em forma de duplo LP em 1970 e apresentado em Inglaterra na sua versão teatral por Andrew Lloyd-Webbeo e Tim Rice «Jesus Christ Superstar».

Esta obra, de imediato adaptada ao cinema, era protagonizada pelo conhecido solista dos Deep Purple, Ian Gillan, acompanhado por outros cantores pop, como Ivonne Elliman, Mike D'Abo e Murray Head.

«Jesus Christ Superstar» teve um êxito inacreditável a nível popular ao longo de toda a década de 70, como teremos oportunidade de desenvolver posteriormente, e constituiu a «pedra filosofal» conjuntamente com «Tommy», dos The Who, da longa lista de óperas-rock que seriam produzidas ao longo destes anos.

Entre o soar da hora do ritmo latino e da percussão, e a criação das subetiquetas discográficas, escoa-se também este ano de 1970 da história do rock.

Subetiquetas matam independentes

Apesar das suas raízes serem abertamente americanas, o fenómeno das subetiquetas discográficas teve maior impacto e acolhimento na Grã-Bretanha.

Tudo começou em 1967 quando a Decca criou o selo Deram para editar os seus grupos de blues-rock, com Savoy Brown Blues Band, John Mayall ou Ten Years After. Em breve aderiram à nova aventura a Polydor, criando com a ajuda dos The Who (monetária e artística) a Track Records, e a CBS, que criava a empresa editora de jazz-rock, Blue Horizon.

No final dos anos 60, surge a EMI com a Harvest e o seu esplêndido naipe de bandas inglesas: Pink Floyd, Deep Purple, Quatermass, Climax Blues Band, Barclay James Harvest, etc... e a Phillips com a Vertigo, que edita os Black Sabbath, Thin Lizzy, Status Quo, Nazareth, etc.

A criação destas subetiquetas nas grandes companhias levou em contrapartida, ao desaparecimento das editoras independentes surgidas no período de 1966-67. De todas estas, só sobreviveu a Island, de Muff Winwood e Chris Blackwell, tendo desaparecido todas as outras, da Immediate Records à Reaction, passando por Page One. As gravações não vendidas são adquiridas por grandes companhias que tinham manifestado interesse na sua reedição.

A que teve menos êxito de todas foi a Pye, com a sua subetiqueta Down, criada em 1970. De qualquer modo, todos estes novos elementos de edição discográfica se caracterizavam pela sua especialização em álbuns, atribuindo-lhes ainda um carácter marginal que suscitava o maior interesse junto do grande público.

Nos Estados Unidos, a actual crise do disco juvenil encontra na criação de etiquetas como Blue Thump, Chess, Dunhill Records, Liberty, Stax, Volt, Elektra e outras, uma brilhante saída para o seu futuro comercial.

Hora do ritmo latino

Entre a enorme quantidade de jovens que assistiam aos festivais de rock e que integravam as fileiras dos músicos, havia uma boa percentagem oriunda das classes baixas, e em especial na Califórnia, provenientes dos «chicanos» e latinos em geral.

Da sua luta quotidiana nas ruas de São Francisco ou Los Angeles pela sobrevivência, alguma coisa haveria de sair. Estávamos na alvorada do salsa-rock.

Eram tão exóticos como o podiam ser os negros, tinham a mesma força rítmica de Jimi Hendrix e Sly Stone juntos, vestiam com o maior espalhafato possível e o seu carácter peculiar tornava-os distinguíveis a milhas dos restantes habitantes da imensa baía de Frisco.

Os músicos latinos da zona, estimulados pelo interesse manifestado por parte dos brancos e pelas suas percussões e improvisações, começaram a reunir-se e a formar grupos de rock, a que de um modo «subterrâneo» misturaram ritmos e tradições da sua própria música de origem. Dois exemplos claros desta nova subdivisão musical marginal, foram o grupo War e a banda de Carlos Santana.

Depois de gravar «Love Is», um duplo LP fundamental na carreira de Eric Burdon que representou o fim dos Animals como grupo dos anos 60, e em que havia execelentes versões de «River Deep Moutain High», «To Love Somebody» ou «Gemini», Burdon desaparece do negócio da música, um tanto cansado do fenómeno hippie e das viagens, compreendendo que o essencial é o blues tradicional, não voltando à cena rock até finais de 1969.

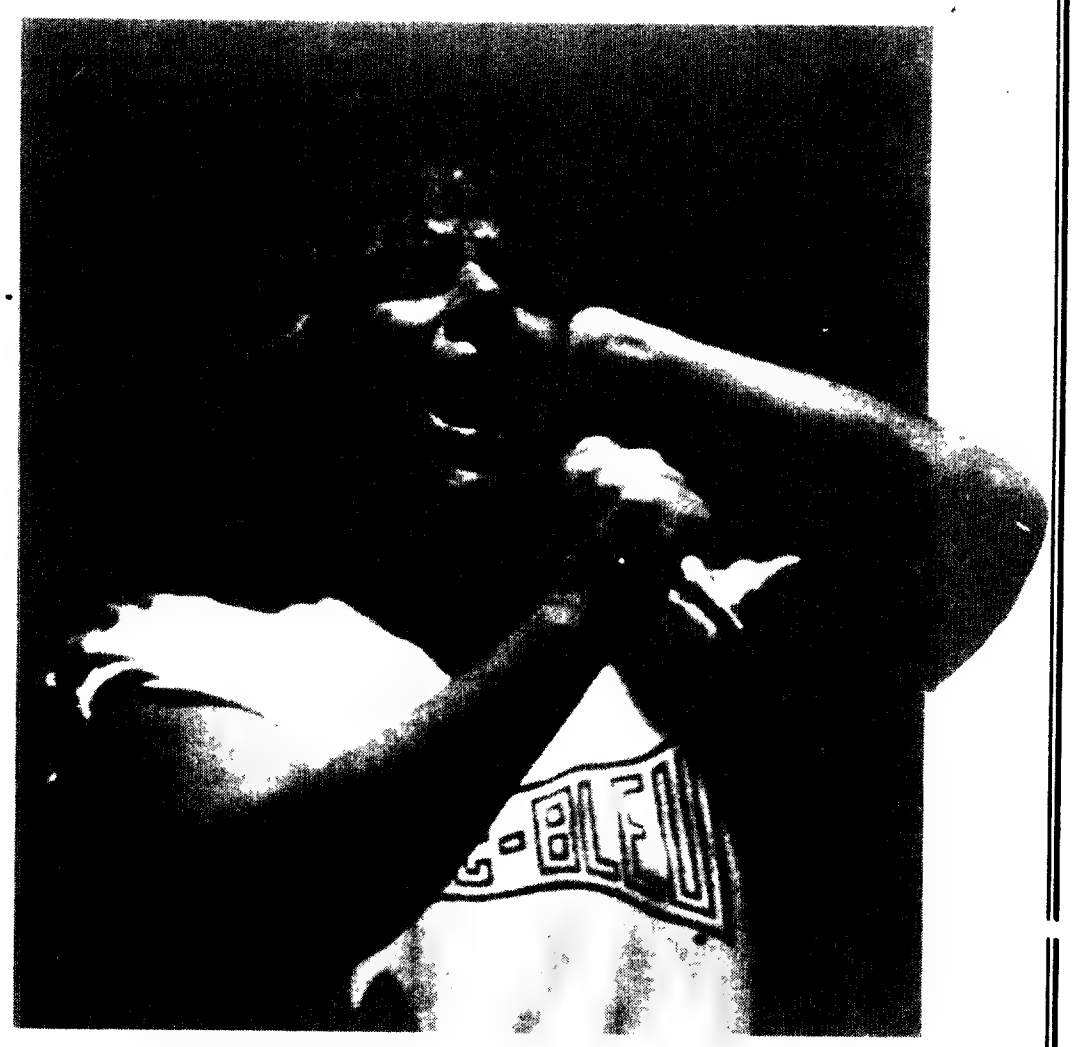
O novo Burdon aparece muito elegantemente vestido, com barba e cabelo cortados, apresentado-se como um autêntico amante do som e dos costumes dos seus irmãos de cor e antigos bluesmen, apesar de ser inglês e de Newcastle, uma das localidades de maior tradição britânica das ilhas.

Regressa apresentando-se com um novo grupo de cor, de reminiscências latinas, chamado War, composto por um incrível secção rítmica e uma pequena secção de sopro que acompanham de modo magnífico a voz de Burdon no primeiro LP conjunto, «Eric Burdon Declares War», com que atingem os tops de todo o mundo, com «Spill the Wine».

O novo Burdon

Eric evolui para o funky, sendo um dos seus primeiros pioneiros brancos, e combina a tradição do rock & blues dos anos 50

Continua na pág 8



«Spill the Viw» é o primeiro resultado do regresso de Eric Bundow, associado ao grupo de cor «War»

20 anos de rock

Continuação da pag 7

com o rock e o jazz latinos da sua banda, que sonha com os Sly & The Familly Stone, em versão dos «setentas».

A qualidade de «Eric Burdon Declares War», como da sua segunda obra, «Burdon's the Black Man», em que Eric implorava por uma pele de cor, seria incontestável e teria influências directas no desenvolvimento do rock de carácter latino dos anos seguintes.

Entretanto, Carlos Santana entra na cena rock. Nasceu em Autlan, no Estado mexicano de Jalisco. Começou a estudar música aos nove anos graças ao pai, que era violinista. O problema laboral levou os seus pais para os Estados Unidos, embora Carlos nunca tenha desejado viver ali em virtude dos problemas raciais, que o levaram à detenção por diversas vezes por utilização de arma branca, embora trabalhasse todas as tardes com afinco num restaurante a lavar pratos.

Quando considera não poder suportar mais tal situação, o jovem mexicano regressa a Tijuana e aprende a dominar a guitarra eléctrica. Em 1966, regressa a San Francisco e constitui uma banda com Gregg Rolie no órgão, que também aprendera a substituir o som da secção de metais com o seu teclado, Tom Frazier na guitarra e Mike Carabello na percussão.

Mas é quando outro percussionista, Marcus Malone, entra no grupo, que este submerge de uma mediania, impondo-se pela força das suas improvisações e raízes percussivas africanas e latinas, que tomam preponderância no som global do grupo. Convertem-se num dos grupos preferidos do promotor do Fillmore, Bill Graham, que os apoia incondicionalmente.

«Sabia que estavam a utilizar a música cubana, o que não era uma novidade, mas impressionou-me esse objectivo de fundir o rock com a música africana e latina, inculcando ao seu som esse voluptuoso ritmo que normalmente se encontrava ausente noutros grupos».

Santana em Woodstock

Mas o principal impulsionador da banda, Marcus Malone, é preso por homicídio, e Carlos Santana encarrega-se totalmente do grupo e convida os seus amigos José «Chepito» Areas e Mike Shrieve para o acompanharem na percussão. Com eles, grava o seu primeiro LP para a CBS em 1969, e Bill Graham integra-os, mediante o seu empenho pessoal, no Festival de Woodstock, onde surpreendem a audiência com a sua potentíssima carga de sexualidade e ritmo que enlouquece os assistentes, sobretudo os que já se encontram mais carregados de drogas.

«Abraxas» e «Caravanserai», serão os seus LP's mais venerados nos anos seguintes, e Santana consegue realizar alguns dos seus sonhos: tocar em África, concretamente no Gana, o que se pode comprovar pela visão do filme «Soul to Soul», ou participar num festival para recolha de fundos para as vítimas do terramoto do Peru, já completamente influenciado pelas ideias do gurú Sri Chinmoy, que o obriga a abandonar o salsa-rock por outros caminhos mais jazzísticos.

«Performance», uma primeira incursão de Mick Jagger (Rolling Stones) na sétima arte

Os que o rodeiam afirmam que se converteu num ditador e os seus músicos vão-no abandonando a pouco e pouco, procurando novas formas de expressão, em que Santana não parece demasiado interessado. «O meu estilo de vida já tinha mudado quando me encaminhei para Sri Chnmoy. Já estava livre das drogas e de um montão de outras coisas mais, embora ainda tivesse o cabelo comprido, e não pensasse em cortá-lo, até o conhecer. Já sabia que se o deixasse crescer, isso começaria a atrair certas damas, mas eu não preciso delas, porque já estou casado. Outra razão, consistiu em reparar que começava a olhar demasiado para o espelho. Estava a preocupar-me mais com o corpo do que com a minha alma».

Temas como «Samba Pa Ti» «Black Magic Woman», «Evil Ways», «Jin-go-la-ba» ou «Every Step of the Way» passarão à história como o princípio do rock latino, que nos anos 80 volta a ter uma grande preponderância, embora agora mais dirigido para as discotecas do que para a juventude de vanguarda.

Captain Beefheart: experiências

No princípio de 1969, Frank Zappa nega-se a renovar contrato com a MGM-Verve, para não ter que suportar mais tempo a censura e as falsas campanhas promocionais dos seus discos. A etiqueta Reprise oferece-lhe bastante dinheiro e Zappa aproveita para pôr em marcha a sua própria empresa discográfica, a Straight, em que o seu amigo Captain Beefheart grava o terceiro álbum, «Trout Mask Replica», um duplo feito com músicos não profissionais.

Este estranho personagem, cujo verdadeiro nome era Don Van Vliet, nasceu em Glendale Califórnia, tendo-se associado no princípio da carreira ao guitarrista Ry Cooder, para formar a sua Magic Band. Começaram ambos a pesquisar na área do jazz-rock para mais tarde, já sem Cooder, envolver-se em experiências dadaístas e alucinogéneas típicas da época e das pessoas com quem se dava.

Os seus músicos nunca assinavam com os autênticos nomes, utilizando pseudónimos como Zoot Horn Rollo ou Ed Marimba, mas tal como Zappa na sua primeira fase californiana, não vendiam discos por aí além, de modo que Captain teve que se virar para o seu amigo Frank e os seus Mothers of Invetion, e a Magic Band, aproveitando para criar um novo grupo, Mallard, aliás sem qualquer sucesso.

Os caminhos de Zappa

Falemos de Zappa. Prosseguia neste ano de 1970 com as suas experiências, como o ballet «Lumpy Gravy», executado com a Abnuceals Enuukha Electric Symphony Orchestra & Chorus, uma banda de 70 pessoas dirigidas pelo próprio guitarrista. O seu disco «Ruben & the Jets» atinge o «top 40» com um tema. Mas muito mais importante foi o projecto a solo «Hot Rats», um álbum de jazz-rock em que Zappa dava mostras pela primeira vez do seu papel de guitarrista de elevada técnica e qualidade. Frank é odiado pela mafia «underground nova-iorquina e em dada ocasião, Lou Reed disse dele o seguinte:

É provavelmente a pessoa com menos talento que ouvi na minha vida. É um tipo falso, pretensioso, académico e incapaz de tocar. Não pode tocar rock'n roll porque é um desgraçado, e é por essa razão que se veste daquele modo».

Os Mothers aparecem e desaparecem por arte de magia, segundo os desígnidos do seu líder, que monta uma peça humorística com música de câmara, intitulada «200 Motels». A obra é interpretada por mais de cem músicos da Filarmonica de Los Angeles, às ordens do director Rubin Mehta.

Essa fórmula foi ensaiada pouco tempo depois com «The Grand Wazoo», mas obteve resultados duvidosos. Eis como Captain Beefheart viu a experiência:

«Talvez gostasse de ser um inovador, e talvez não pudesse sê-lo. De qualquer forma, devem ser-lhe permitidas (a Zappa) estas fantasias».

Em 1972, regressará às fórmulas tradicionais de pequeno grupo, com excelentes solistas, de que resultará o já mítico poster com o guitarrista sentado numa sanita...

Os filmes

Entre a América e a Europa se dividem os fornecedores de Filmes Castello Lopes, a mais antiga distribuidora do país que nos anuncia um punhado de filmes bem apetecidos.

Filmes Castello Lopes não é apenas a mais antiga distribuidora do país em constante actividade: é também a segunda distribuidora em termos de mercado.

Em Lisboa esta firma controla o Condes, o Londres, as duas salas do Las Vegas e as duas do Hollywood, programando ainda o Cine 222 e parecendo em plena expansão no que respeita aos tentáculos de exibição. Tradicionalmente é uma distribuidora que aposta bastante no cinema europeu (Godard, por exemplo, foi um cineasta que ela introduziu em Portugal) embora represente em Portugal a 20th Century-Fox e adquira algumas produções não veiculadas pelas **majors** americanas para o nosso país.

Pelo lado mais explicitamente comercial vai chegar *Emmanuelle* com uma nova protagonista: Mia Nygren

que vamos ver (III)

Entre a Europa e a América

Apesar do tempo não estar para riscos e de nenhum dos filmes de proa ser comercialmente duvidoso, Filmes Castello Lopes apresenta uma programação onde a tónica parece posta na qualidade.

Vejamos: para lá de **Debaixo do vulcão** de Huston, ontem estreado, as «locomotivas» da casa serão **Legend** de Ridley Scott e **Paris, Texas** de Wim Wenders, ganhador no último Festival de Cannes. Pelo lado americano chegarão ainda **Amadeus** de Milos Forman, o último Woody Allen (**Broadway Danny Rose**), **Harry and son** de Paul Newman, **Rhinestone** de Bob Clark (protagonizado por Stallone), **Lady Hawke** de Richard Donner e **Daniel** de Sidney Lumet, para só citar alguns dos títulos.

Pela Europa, a colheita é mais prometedora: **Um amor na Alemanha** de Wajda, **A mulher pública** de Zulawski, **A nos amours** de Maurice Pialat, **Rue Barbare** de Giles Behat, **Um amor de Swann** de Volker Schlondorff, **Carmen** de Francesco Rosi. E vai haver, ainda, fitas portuguesas, nada menos que três: **Crónica dos bons malandros** de Fernando Lopes, **O crime de Simão Bolandas** de Jorge Brum do Canto e **O lugar do morto** de António Pedro Vasconcelos.

Pelo lado mais explicitamente (ou dever-se-á dizer exclusivamente?) comercial vamos encontrar **Emmanuelle 4** de Giacobetti (com uma nova protagonista – Mia Nygren), **Terminator** de James Cameron (com o supermusculos Arnold Schwarzenegger) e **Beat Street** (na onda «breakdance»).

Uma curiosidade: a reposição de **A volta ao mundo em 80 dias** que há muitos anos não surge por cá.

Parece que também pela via de Filmes Castello Lopes, o ano não vai ser mau no que às fitas diz respeito.

«Debaio do vulcão» **de Huston é uma das «locomotivas» 84/85 de Filmes Castello Lopes**

Nicolau Breyner em *«Crónica dos bons malandros»*, **um dos filmes portugueses da próxima temporada**

Rosi dirigindo Placido Domingo e Júlia Migenes-Johnson durante a rodagem de *«Carmen»*, **um filme ópera que também veremos**

Woody Allen (na foto com Mia Farrow) vai voltar com o seu mais recente filme: *«Broadway Danny Rose»*.

Faça você mesmo

Uma prensa para flores

Com esta prensa para flores, cuja construção é bastante fácil, você poderá guardar durante muito mais tempo as flores que lhe ofereceram, ou que você apanhou durante um passeio e das quais você tanto gosta, depois de as secar nesta prensa.

Se assim fizer poderá manter as suas flores com a cor original e assim colocá-las numa moldura, mantendo-as bonitas o tempo que quiser.

As flores e folhas que deve utilizar devem ser pouco carnudas, tais como violetas, amores perfeitos, malmequeres e ainda botões de rosa abertos. Estas são as flores que se prestam mais a serem prensadas e secas.

Com as flores e folhas secas poderá igualmente construir cartões de parabéns. Para isso basta que cole um raminho de flores num cartão como pode observar na figura 3, colando depois por cima plástico autocolante transparente.

Material a utilizar

a) 2 placas quadradas de contraplacado de 10 mm de espessura com 20x20 cm
b) Placas quadradas de cartão canelado, ou jornais com 20x20 cm
c) Placas quadradas de papel mata-borrão com 20x20 cm

4 parafusos com porca e anilha do tipo dos apresentados na figura 2.

b) 2 peças de feltro grosso com 20x5 cm, para ser colado na base da prena.

Para construir a prensa apenas precisa de nas peças a) fazer um furo em cada canto, tendo o cuidado de os furos da peça a) inferior ficarem bem apertados aos parafusos de maneira que estes não saiam facilmente. Os grupos da peça a) superior devem ser mais largos de maneira que esta se possa soltar facilmente.

Cada camada de flores deve ficar entre duas folhas de papel mata-borrão por cima e por baixo deste, deve ficar o cartão canelado ou o papel de jornal.

Se repetir a operação anterior pode pôr mais de uma camada.

Na parte superior da peça a) pode colar um raminho de flores secas e depois envernizar, ou então colar plástico autocolante transparente.

Sempre que aparafusar as porcas não se esqueça de colocar primeiro as anilhas.

Espero que tenha ficado contente com a sugestão e que posteriormente arranje bonitos ramos de flores, secas prensadas.

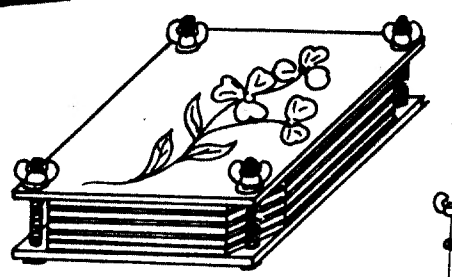


FIG.1

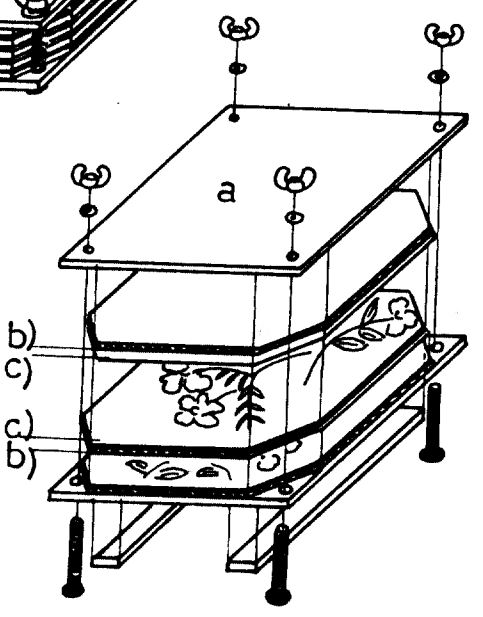


FIG.2

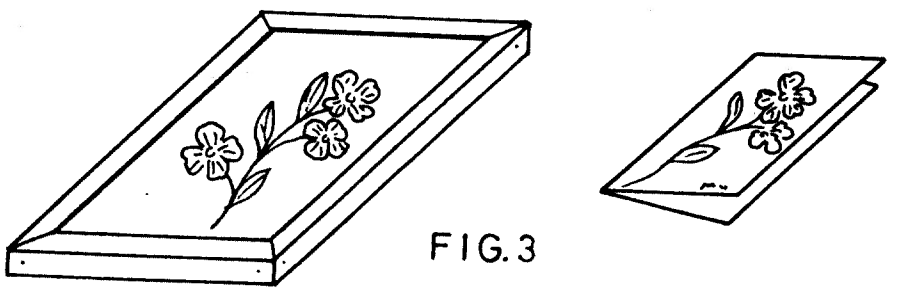
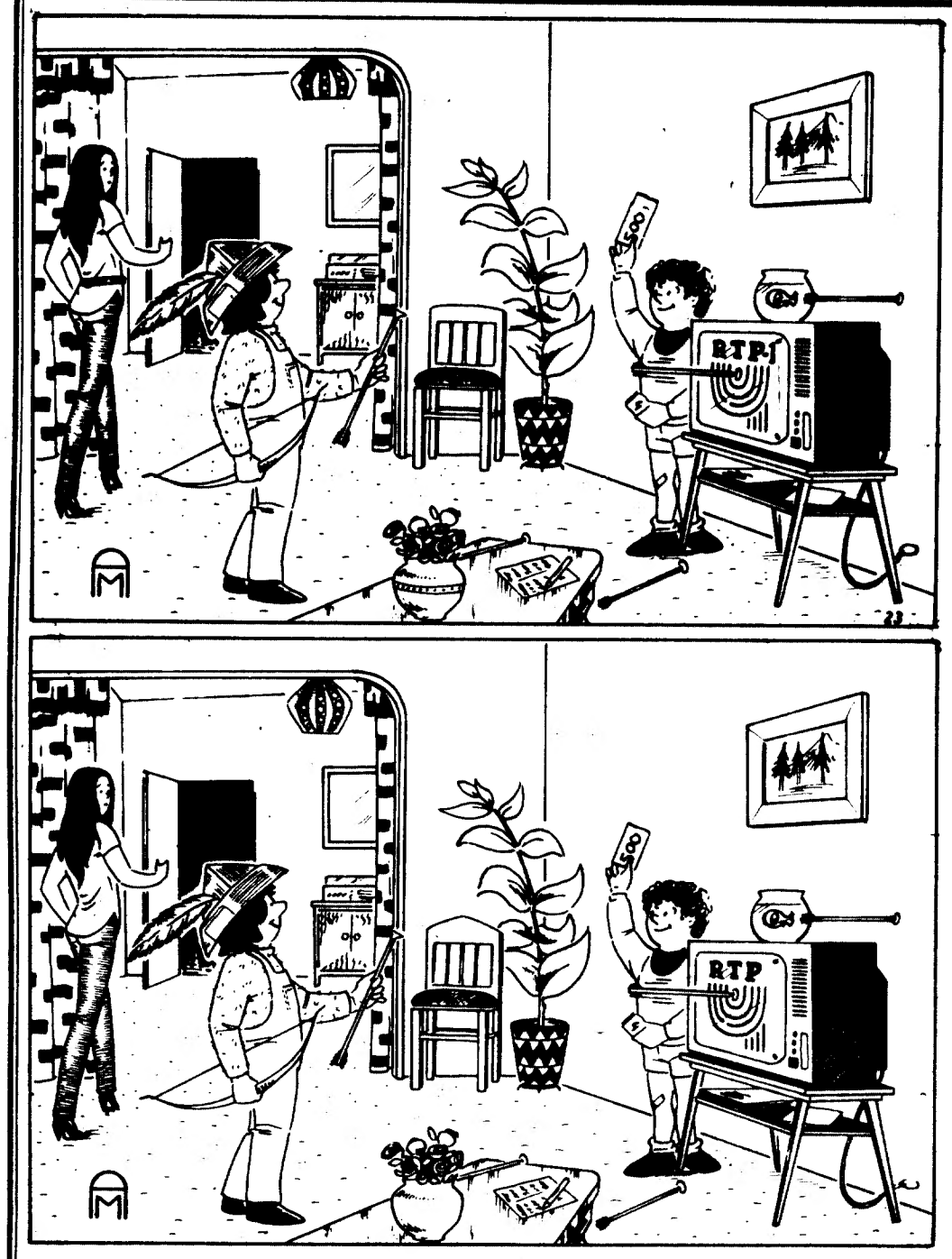


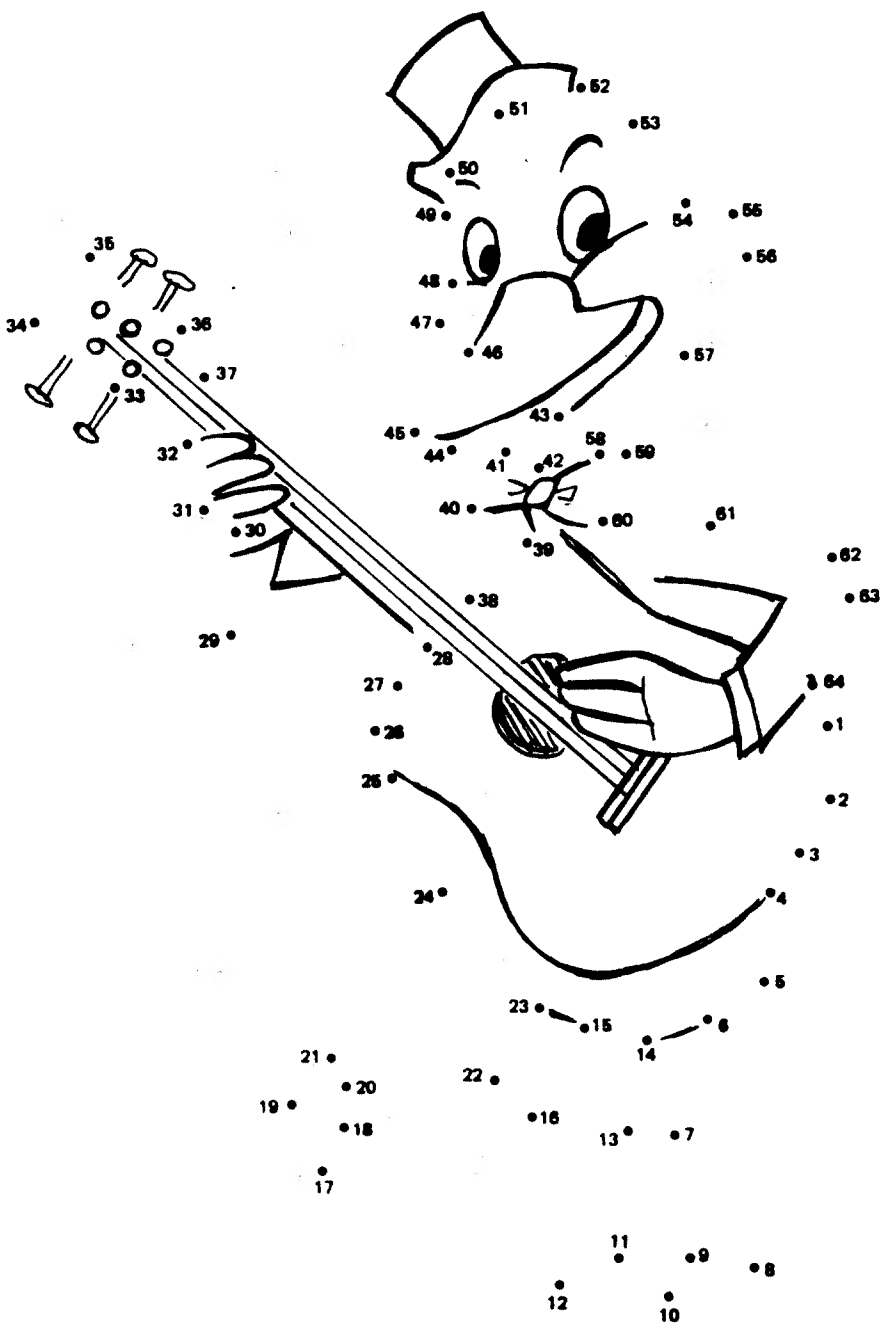
FIG.3



Descubra as diferenças

1 — Ecran da TV.
2 — Tomada da TV.
3 — Nota do rapaz da direita.
4 — Espaldar da cadeira.
5 — Jarra sobre a mesa.
6 — Cinto da mãe.
7 — Cortinado da esquerda mais uma pinta.
8 — Candeeiro do tecto.

Una os pontos e faça a figura



Histórias de amor por kork

Casal em que o marido conseguiu

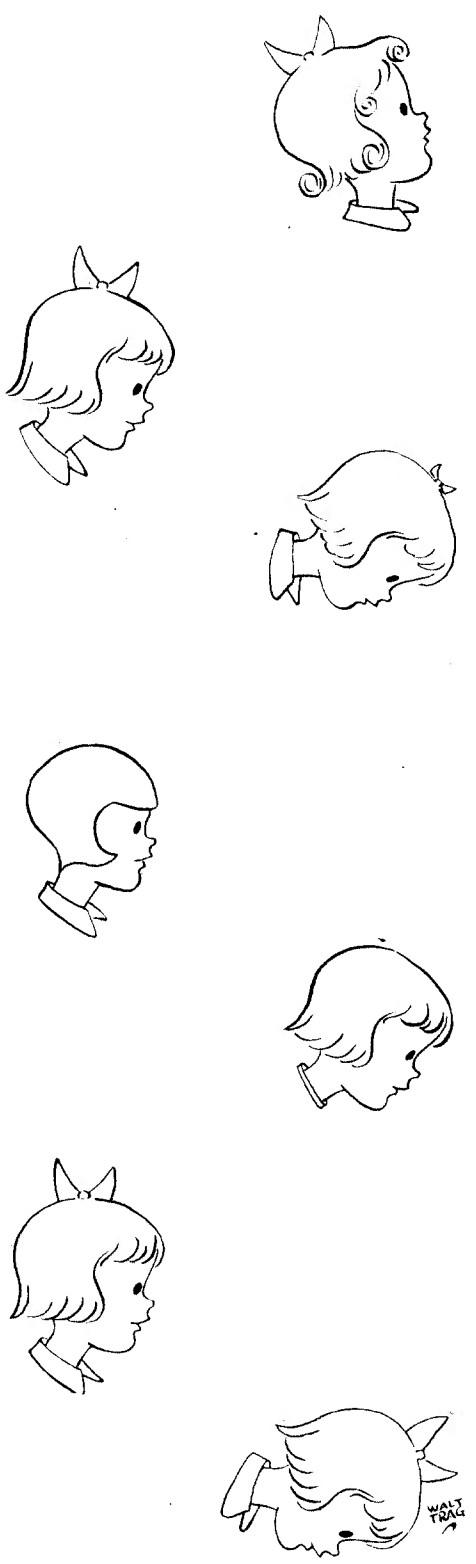
Casal em que o marido conseguiu menos mal

Casal em que o marido não conseguiu

(A suivre.)

Resumo — Depois dos duros momentos passados com o nosso herói vejamos, graças a um rápido inquérito, o que pensam da fidelidade casais interrogados ao acaso na rua.

Descubra as semelhanças



Vamos colorir as duas bonecas que são iguais. Primeiro há que descobri-las

BRIDGE

A previdência de Rixi

Philippe Brugnon

É muitas vezes o cabide de um contrato que permite discernir um erro de jogo. Um verdadeiro perito deve desconfiar desde o início, e prever todas as distribuições capazes de lhe dificultar a vida. No jogo que vamos ver, a inglesa Rixi Markus soube afastar o perigo que a ameaçava, e que faria sem dúvida cabidar muitos bons jogadores.

	♠ D 2 ♡ 4 3 2 ◇ R D 2 ♣ R D V 10 9	
♠ A 7 6 ♡ R 10 9 6 ◇ V 10 9 3 ♣ 3 2	N O E S	♠ 5 4 3 ♡ 8 5 ◇ A 8 7 6 5 ♣ 6 5 4
	♠ R V 10 9 8 ♡ A D V 7 ◇ 4 ♣ A 8 7	

Vozes: Sul a dar, N-S vulneráveis

SUL	OESTE	NORTE	ESTE
1 Espada	passo	2 Paus	passo
2 Copas	passo	3 Ouros	passo
4 Paus	passo	4 Espadas	passo

Oeste abre com o Valete de Ouros, **como é que Rixi Markus, em Sul, cumpriu** QUATRO ESPADAS contra qualquer defesa?

Nota sobre as vozes

A voz de «3 Ouros» (quarto naipe forcing) não prometia necessariamente uma força em Ouros, e era normal que Sul apoiasse os Paus em vez de dizer «3 Sem Trunfo». Quanto a Norte (Fritzi Gordon), ela poderia, sobre as «2 Copas», saltar para «3 Sem Trunfo» para mostrar os cerca de 14 pontos e sólida defesa em Ouros, mas ela entendeu que era mais flexível dizer primeiro «3 Ouros».

Resposta

Rixi sentiu o perigo desde logo. Se Este não tivesse senão **duas** Copas, sem o Rei, contra-atacaria Copas depois de apanhar a mão com o Ás de Ouros, a passagem a Copas falharia, e Oeste continuaria Copas para preparar o corte. Em seguida, quando Oeste retomasse a mão com o Ás de trunfo, faria cabidar o contrato com o corte em Copas!

Claro que era necessário um infeliz conjunto de circunstâncias para Sul cabidar, mas nada custava proteger-se contra um corte em Copas — ou mesmo em Paus — **recusando cobrir o Valete de Ouros** para deixar a mão em Oeste:

Primeiro caso: **Oeste continua os Ouros.** Sul corta o Ás de Ouros, e joga trunfo. O adversário apanha e joga Ouros de novo, mas o declarante garante o contrato com quatro trunfos da mão, Ás de Copas, Rei de Ouros, e os Paus.

Segundo caso: **Este apanha o Valete de Ouros** com o Ás de Ouros para contra-atacar Copas. Mas Sul poderá sempre baldar duas Copas da sua mão no Rei e Dama de Ouros, a fim de recortar Este nas Copas se necessário.

Como provar um vinho

Você pode obter muito mais da sua prova de vinhos — seja pequena ou grande — se você e os seus convidados souberem como se testa e avalia um vinho.

Use os seus três sentidos — vista, olfacto e gosto — para estudar cuidadosamente cada vinho, determinar as suas características e decidir até que ponto, ou não, ele o atrai.

ASPECTO:

Como pode você descrever a cor? O vinho é transparente ou carregado? Segure o copo contra uma fonte de luz para avaliar a transparência e o brilho do vinho. A seguir agite um pouco, segure o copo contra o fundo branco (como é o caso de uma toalha de mesa) e observe o rebordo do vinho; se estiver esbatido, o vinho foi envelhecido ou é velho; se a cor persiste contra o rebordo, o vinho é ainda novo. Olhe para a graduação da cor no conjunto: os vinhos brancos carregam com a idade, enquanto os tintos «abrem» com os anos.

OLFACTO:

Agite o vinho no copo para incorporar o ar, realizando o «bouquet», e ponha o nariz bem dentro do copo, inalando profundamente. Como descreveria você o aroma? O «bouquet» de um vinho é uma das mais agradáveis características, por isso desfrute-o, conceda-lhe atenção. Se o aroma é estranho — de cortiça ou desagradável — isso é uma indicação de que o vinho se «passou» por alguma razão.

GOSTO:

Tome uma golada decente de vinho — não um sorvo — misture-o de volta dentro da boca, ou «mastigue-o» para que atinja todos os «centros» do gosto da sua boca. «Aspire» um pouco de ar para realizar todos os aromas. Pense então: é seco ou doce? É amargo ou suave? É leve ou bem encorpado? É equilibrado — ou apresenta algum outro elemento, como a acidez ou o excesso de «frutado», ou outros aspectos? E, mais importante de tudo, você gosta dele ou não?

Por fim, engula o vinho, pormenor de pós-graduação — o gosto demora-se no fundo da boca?

Nove em cada dez vezes, nada terá de verdadeiramente notável para anotar de tudo isto. Mas sempre que «defrontar» um verdadeiro grande vinho, ou um dos «terríveis», você poderá perceber todos os aspectos e o que faz desse vinho «grande» ou «terrível».

E, com este processo, se provar mais e mais vinhos, você acabará por distinguir as diferenças mais subtis, de uma variedade para outra, como um especialista.

Copos para vinhos

O vinho deve ser servido em qualquer vidro, ainda que raso — mas, de qualquer maneira, parece que para provar é muito melhor um copo de pé alto. Está em questão mais do que a beleza de um copo de pé alto na sua mesa: é, também, porque assim, a sua mão «abraça» o vinho, aquecendo-o.

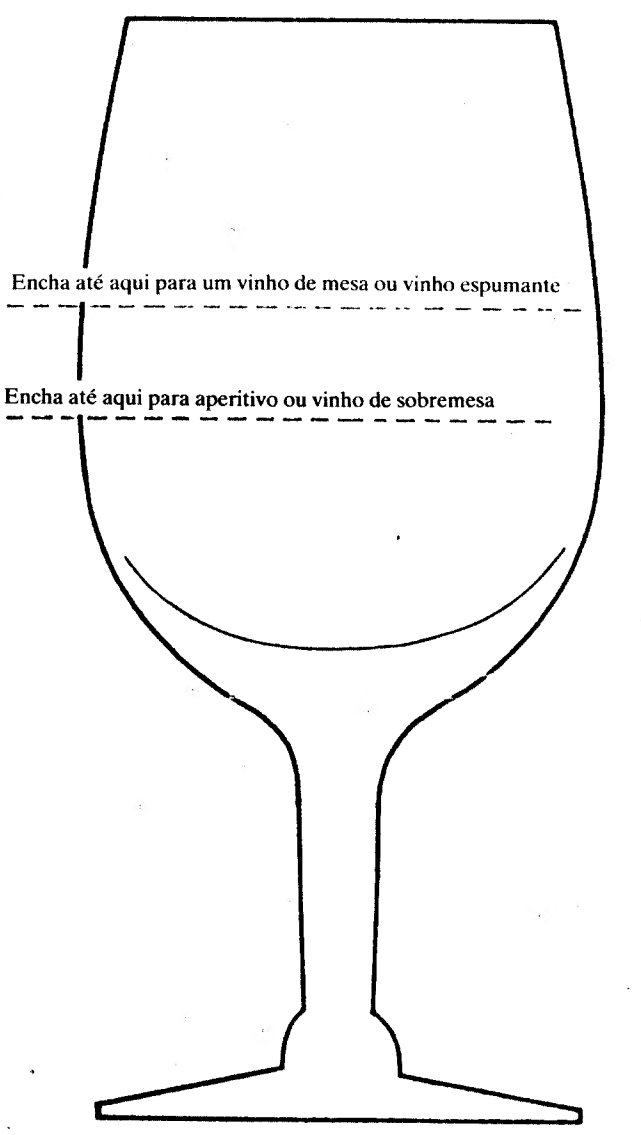
Ao pensar em copos para vinho, primeiro que tudo trate de pensar num tamanho justo — e, isso sim, porque ele apenas deverá ser abastecido até meio, sensivelmente. Um fino copo com a forma de uma tulipa, tendo a parte de cima um pouco mais apertada do que a de baixo, ajuda a segurar o aroma e o «bouquet», no espaço vazio por cima do vinho.

A seguir, deve ter-se em atenção para uma completa transparência — nada de vidros coloridos. E, de preferência, modelos não gravados. Isto tem o objectivo de o deixar desfrutar a transparência e a cor do vinho, sem nada mais que esse total prazer.

Mostramos as principais formas de copos, mas muito pouca gente hoje apresenta todos esses tipos. Os especialistas concordam que um único tipo e copo para todos os vinhos a servir faz mais sentido. O copo que mostramos está no seu tamanho natural. É grande, com cerca de 250 centímetros cúbicos (dois decilitros e meio), permitindo a desejável quantidade indicada pelo traço de «encher até aqui». Perfila-se direito para «acender» e «segurar» o «bouquet» do vinho.

O vidro plenamente cintilante é o prefeito suporte para mostrar a preciosa cor do vinho.

E é harmonioso com qualquer outro tipo de copo, «China» ou prateado.



Copo com todas as serventias
(em tamanho natural)

Copos tradicionais

APERITIVOS

VINHOS DE SOBREMESA

VINHOS ESPUMOSOS